ENTREVISTA COM A PROF.ª DR.ª MARIA DE LOURDES BELCHIOR (EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 929 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

Surpresa no Carnaval

BAIXOU O PREÇO DO PEIXE

Euforia nos mercados: muito peixe — e mais barato!

O PEIXE está mais barato! a repercussão de tal facto no humor das vendedeiras e na bolsa das donas de casa notava-se hoje de de manhã no Mercado de 24 Julho. Após um período de ambiente surdo e frequência diminuta, os mercados animaram-se. As vendedeiras lançavam, hoje alegremente os seus pregões. As donas de casa faziam ajuntamentos à volta das bancas de peixe. Voltou a fartura. Baixou o preço do peixe. Há de novo capacidade de compra. o peixe poderá voltar à mesa de todos!

— O linguado há dois meses estava a noventa escudos — disse-nos, no Mercado 24 de Julho, a vendedeira Maria José Trindade. E prosseguiu: — Agora está a trinta e oito!

Do lado, acrescentou o sr. Casério Trindade, filho da vendedeira e que a coadjuva na venda:

— E o goraz estava a trinta e trinta e cinco e hoje a dezasseis e quinze escudos!

Na generalidade, o peixe baixou todo de preço — menos os mariscos —, mas estas são as baixas mais sensíveis que se verificaram na descida do preço do peixe.

Volveu a sr.ª Maria José Trindade:

— O preço baixou porque tem havido muita quantidade. O mau tempo também tinha influência na careza do peixe. Olhe que ás vezes vendia a perder dinheiro!

— E agora?

— Agora — disse do lado outra vendedeira, de nome Maria José Ruela, tem facilidade em ganhar mais. Quando o peixe está barato vende-se mais do que quando está caro.

«O peixe devia estar ainda mais barato»

A melhoria do tempo parece, na verdade, ser a causa principal da descida do preço do peixe. As frotas de pesca passaram a ter melhores condições para a sua actividade e, nos últimos dias, aumentou consideràvelmente a quantidade do peixe pescado.

(Continua na página central)

Inédito na história do Corporativismo

UM DIRIGENTE SINDICAL E UM DIRIGENTE GREMIAL EMPATADOS PARA A PRESIDÊNCIA DE UMA CORPORAÇÃO

PELA PRIMEIRA VEZ na história do Corporativismo português surge a possibilidade de um representante do trabalho, um dirigente sindical, ser eleito presidente de uma Corporação. É um facto novo, pois até aqui, desde que as Corporações existem, sempre têm sdo eleitos para as respectivas presidências do patronato, isto é, dirigentes gremiais, apesar de haver paridade entre os representantes do capital e do trabalho. O que sucedia é que sempre os representantes de ambas as partes subentendiam que o cargo pertencesse a um dirigente gremial, embora nada no respectivo regimento o estabelecesse formalmente.

(Continua na 12.ª página)

O Largo D. Estefânia e o Saldanha foram já esta manhã invadidos por foliões apressados em festejar os dias de Carnaval que se aproximam. Na página central conta-se como foi.

O TABACO PROVOCA CANCRO PULMONAR

— conclui-se de experiências efectuadas nos EUA

NOVA YORK, 6. — (R.) — Cientistas americanos afirmam ter descoberto uma relação directa de causa e efeito entre o fumo de cigarros e as doenças pulmonares, incluindo o cancro, após ensaios feitos em cães.

O relatório que se julga ser o primeiro no seu género, foi publicado pela sociedade americana de Oncologia, a seguir a experiências feitas em 94 cães por dois médicos, os drs. E. Cullyler Hammond, daquela sociedade, e Oscar Auerbach, do hospital da administração dos antigos combatentes, em East Orange, Nova Jersey.

(Continua na 9.ª página)

NASSER AMEAÇA DEMITIR-SE

(PÁGINA 9)

HOJE 32 PÁG. — VISADO PELA CENSURA

A recepção das cadernetas fez acorrer ontem muitos interessados ao «stand» Gazcidla da Avenida Miguel Bombarda

«ÁLBUM DE LISBOA»

Alguns milhares de concorrentes entregaram já as suas cadernetas

NOS «STANDS» Gazcidla espalhados pelas várias zonas da cidade, para comodidade dos concorrentes residentes na capital, tem vindo a realizar-se a recepção de cadernetas do nosso concurso «Álbum de Lisboa». Até agora, alguns milhares de pessoas já entregaram as suas cadernetas, recebendo o boletim numerado que as habilitará ao sorteio de magníficos prémios, totalizando mais de trezentos contos. Salientemos que os concorrentes do «Álbum de Lisboa» poderão conquistar um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realtmo em Miratejo a cidade panorama; um excelente automóvel «Toyota», modelo «Corolla 110»; e um dos cinco televisores «Siemens», entre os quais se encontra o já famoso modelo «Estoril», homenagem da Siemens ao nosso País, além de outros utilíssimos artigo da sua linha de electrodomésticos e de álbuns com peças clássicas de alguns dos mais famosos autores, em interpretações de grandes orquestras e em gravações Philips.

A recepção de cadernetas prosseguiu hoje no «stand» Gazcidla de Alvalade, seguindo-se amanhã, sábado, o da Avenida 24 de Julho, 94-A, e, depois, em face do domingo e do feriado de terça-feira, a ordem de recepção será a seguinte:

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

FEVEREIRO

7 — Avenida 24 de Julho, 94-A
9 — Rua do Alecrim, ??
11 — Praça Marquês de Pombal, 1
12 — Largo do Calvário, 12-C — ALCANTARA
13 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — ARROIOS

A recepção pelo Correio

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas dos concorrentes da província. Recordamos que cada caderneta enviada deve ser franquiada com selos de 2$00, para evitar multas e consequentes demoras na resposta. Os concorrentes que pretenderem receber o boletim numerado, devem juntar mais um selo de 1$00. Toda a correspondência relativa ao concurso deve ser remetida para os nossos serviços da Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

PRÉDIO
AMADORA
Construção em cimento armado, com cerca de 7 anos, composto de 4 pisos, 8 inq., hab. de 3/4 div., soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.
Rendimento — 70.200$00 — alugado com rendas baixas.
Preço — 1.200.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ora diga-nos...

— Vai divertir-se neste Carnaval?

São dias fixados anualmente para a alegria, para a diversão. Quatro dias de folia, mais ou menos discreta, mais ou menos conveniente (entre nós, que somos um povo de hábitos simples e costumes inevitàvelmente morigerados). Noutras paragens, porém (Munique, Rio de Janeiro), o Carnaval é de gritos... E o leitor também vai divertir-se?

● — Ainda nem pensei nisso. Costumamos resolver mesmo na altura. Ainda não temos nada planeado

E com um «certo sorriso»:

— Sabe, o meu marido trabalha no «Diário de Lisboa», tem uma vida muito ocupada...

A entrevistada chama-se D. Maria Gomes Zambujal e é professora.

● *O sr. António Lourenço Castanho, electricista, não terá grande divertimento neste Carnaval:*

— Não vou divertir-me. Tenho de trabalhar.

— Mesmo no dia de Carnaval?

— Sim, mesmo nesse dia. Tem de ser. Mas no meu bairro (o Bairro da Serafina) há festa, organizada pela juventude da paróquia. Vamos a ver se lá poderei dar uma saltada, nem que seja só para uma vista de olhos.

● *Ouvimos, por fim, o padre João Perestrelo, prior de Loures, que esteve no Brasil (onde o Carnaval é Carnaval, mesmo), e nos disse:*

— É pouco provável. Não costumo divertir-me em períodos programados, mas sim quando vem a propósito.

DE ONTEM PARA HOJE

PROCESSO INFLACIONISTA E PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Ao falar ontem na assembleia geral do Banco da Agricultura o sr. Manuel da Cruz Filipe, presidente do conselho de administração, acentuou que, «a par de sintomas concretos de um processo inflacionista, traduzidos no aumento dos índices dos preços, notou-se (em 1969) uma evolução favorável de produção industrial, algum aumento nas exportações e importações e um auxílio persistente ao mercado monetário nacional do turismo e da emigração, tendo permitido esperar que persista o saldo positivo da balança de pagamentos. Não se verificaram ainda, porém, efeitos suficientes na dinamização de novos investimentos, e a agricultura continua a suportar custosamente a sua grave crise». Disse depois que, no ano passado, os resultados do exercício do banco ascenderam a 16 600 contos, com a remuneração de 6 por cento para o capital social. E acrescentou: «Estes resultados são o fruto de uma evolução que melhor se assinala comparando os numeros relevantes nos ultimos 5 anos. Neste período o activo — com exclusão das contas de ordem — subiu em 269 por cento; as operações de crédito em 326 por cento; a carteira de títulos, promissórias e participações financeiras em 304 por cento; e os depósitos no Banco em 325 por cento. O total das receitas aumentou em 321 por cento. Estes numeros são base segura da confiança do publico e também da nossa confiança no futuro.» A assembleia geral, que aprovou os documentos que lhe foram apresentados, com votos de louvor para os conselhos de administração e fiscal, presidiu o dr. João Garcia Nunes Mexia. Foram depois reeleitos para a mesa da assembleia geral os srs. dr. João Garcia Nunes Mexia e eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida, e eleitos os srs. dr. Eugénio Manuel Minotti da Cruz Filipe, eng.º João Gomes de Almeida Resende, dr. Julio Augusto Mirabeau da Cruz e D. Nuno de Sousa Coutinho de Mendia, e reconduzidos todos os membros do conselho de administração, srs. dr. Alfredo Maria Praça Cunhal, eng.º António Correia de Sampaio Castelo Branco, dr. José António Colares Pereira Fernandes Soares, Manuel da Cruz Filipe, prof. Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira e prof. eng.º Rafael Termes Carrero e eleito para a vaga existente o sr. dr. Paulo Melero Sendim. Para o conselho fiscal foi reeleita a Companhia Alentejana de Seguros Pátria e eleitos os srs. eng.os António Resende Valadas Fernandes, Fernando José Salema Garção e Francisco José Nogueira Lopes Pereira.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências de Lisboa foi ontem apresentada uma comunicação do académico correspondente brasileiro Leopoldo Nachbin sobre tipos de holomorfia relativos a espaços de Banach. Na sessão plenária, que se seguiu, foram nomeadas as comissões de exame das obras concorrentes aos prémios académicos de 1969.

I SALÃO DE FOTOGRAFIA

No Palácio Foz foi ontem inaugurado pelo secretário de Estado da Informação e Turismo o I Salão de Fotografias sobre Lisboa. Foi o salão promovido pelo director-geral da Cultura Popular e Espectáculos e pelas Edições Excelsior. Destinam-se as fotografias ao álbum editado por esta última empresa sobre «Lisboa no passado e no Presente».

DR. LIMA FALEIRO

Tomou posse do cargo de director clínico, dos Serviços Médicos e de Enfermagem da Junta de Freguesia de São João de Deus, criado em 1962 e instalados na Avenida Oscar Monteiro Torres, 19-A (e que relevantes serviços têm prestados aos respectivos paroquianos), o sr. dr. Luís António de Lima Faleiro.

DOIS IRMÃOS MORTOS

Ia no sentido de Pegões e chegara ao lugar dos Afonsos, um automóvel guiado pelo sr. Domingos António da Rocha Janica, de 32 anos, casado, levando a seu lado o irmão, sr. Manuel Domingos da Rocha Janica, de 38 anos, solteiro, ambos industriais de mármores de Montelavar. O carro derrapou em plena recta e foi chocar de frente com uma camioneta. O condutor foi cuspido pela porta, enquanto o corpo do irmão ficou no meio dos destroços.

«ÉTICA DA INFORMAÇÃO»

No Rotary Clube de Lisboa-Oeste falou ontem o nosso colega de Imprensa dr. J. M. Boavida-Portugal sobre a «Ética da Informação». Aquele jornalista acentuou: «Numa sociedade equilibrada e sã tal como numa família de boa estrutura e de relações perfeitas, nem haveria que falar em diálogo. Porque ele existiria e funcionaria sem que fosse necessário mencioná-lo. O campo ideal do equilíbrio e do entendimento é, porém, e apenas, uma imagem filosófica. Surge, assim, a necessidade de aludir ao diálogo, de institucionalizar o diálogo como síntese de opiniões em confronto estruturadas de forma a impedir o antagonismo, a irredutibilidade. Haverá o contraditório, o oponente, o resistente, o contestativo. Mas terá de definir-se a figura do diálogo para evitar a neutralização mútua das opiniões em encontro».

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS—X

MOBILIDADE GEOGRÁFICA E AGREGADO FAMILIAR

por A. H. de Oliveira Marques

Uma da coisas que muito impressiona nos Estados Unidos é a frequente mobilidade geográfica dos seus habitantes. Exceptuadas certas pequenas áreas na Nova Inglaterra e em alguns Estados do Sul, onde o arreigamento ao lugar onde se nasceu continua a subsistir à maneira europeia (embora cada vez menos), uma característica geral dos Americanos é mudarem-se com frequência, não só de casa para casa, mas sobretudo de Estado para Estado.

Este desarreigamento inicia-se em geral com a adolescência. Ao concluir os estudos secundários, o Americano — há pouco só os rapazes, hoje também as raparigas — matricula-se numa universidade localizada **fora** da cidade onde vivem seus pais. Este facto nada tem a ver com a existência ou a inexistência de escolas superiores na cidade onde vivia. Pode até funcionar na sua cidade a melhor escola do País, que ele escolhe outra quase de certeza. Conheci por exemplo o filho de um professor catedrático de Yale (a segunda universidade dos Estados Unidos) que, ao terminar o liceu, se foi matricular em Princeton, distante 250 kms., sem sequer lhe passar pela cabeça ficar na escola da sua terra. O objectivo consciente está em adquirir independência, viver por si próprio, fora dos laços paternos e do ambiente caseiro

Nessa universidade eleita, o estudante passa uns quatro anos, residindo num dormitório escolar ou, se os meios de fortuna lho permitem, num apartamento alugado, com um ou vários colegas, em estilo «república» coimbrã. Concluído o curso, e se resolve continuar a estudar e «doutorar-se», muda novamente de universidade, onde estaciona por mais três ou quatro anos.

Terminado de vez o período de estudos, busca então um emprego, raríssimas vezes lhe sendo dado (ainda que o queira) permanecer na última cidade em que residiu. Muda-se pois pela terceira vez e começa a sua carreira profissional num Estado que pode situar-se no extremo oposto dos Estados Unidos.

Depois casa-se — uma quase obrigatoriedade no sistema social americano, independente do seu interesse pelo matrimónio — e estabelece o seu primeiro lar algures durante um numero de anos. Em certas profissões, como a de medicina na fase de estágio, pode ter de mudar-se todos os anos, de hospital para hospital, com a mulher e os possíveis filhos ás costas. Mas embora se estabilize um tanto mais, não o julguemos preso á sua nova residência até á idade da reforma. Muito longe disso! Numa vida profissional de trinta anos, pode mudar-se — para conseguir melhor emprego, por imposição da casa onde trabalha, ou simplesmente por estar farto do sítio onde vive — três, quatro, meia duzia de vezes ou mais.

Quando se reforma, entre os sessenta e os setenta anos, nem por isso se estabiliza definitivamente. Terá por certo um desejo maior de permanecer mais tempo em terra que lhe agrade — e são frequentíssimos, assim, os casais reformados que **escolhem** o local onde vão passar a viver — mas são numerosos os casos de mudança de residência de indivíduos idosos, por qualquer pretexto (clima, ruído, vizinhança, amizades) que se nos afiguraria pueril. E assim pode vir a morrer a 2000 ou 4000 km do sítio onde nasceu, sem aquelas saudades especiais que o arreigamento impõe, tendo conhecido uma duzia de casas em cidades e Estados diversos, com paisagens, tradições e climas completamente variados.

As consequências que esta mobilidade geográfica traz são imensas. O Americano conhece uma infinidade de pessoas mas tem dificuldade em criar amizades sólidas e duradouras, geralmente fruto do tempo e da comunidade de residência num mesmo local. Os seus melhores «amigos» remontam quase sempre aos tempos de escola mas situam-se muito mais ao nível das recordações passadas do que no plano das vivências presentes. Dessa facilidade em travar conhecimentos novos vem-lhe um jeito especial de conviver seja com quem for a um nível superficial e informal. Ao longo da sua vida, o Americano vai passando de **party para party**, onde aperta a mão de pessoas que vê pela primeira vez, a quem diz e de quem ouve as mesmas banalidades inúteis, um pouco avivadas pelos tragos do **whisky** ou do **gin**.

Por outro lado, uma tal mobilidade dificilmente suscita bairrismos exacerbados, localismos tradicionalistas, muito embora enquadre um nacionalismo ferrenho. O Americano habituou-se a criar, no vasto espaço que o seu país lhe proporciona, uma identidade de tão grande de costumes e de gostos, que mal tolera a existência de coisas diferentes. Partindo da Califórnia para a Florida, quer encontrar, e encontra, o mesmo estilo de vida, as mesmas lojas e armazéns, as mesmas comidas, as mesmas igrejas e os mesmos clubes sociais. Um **hamburger** comido em Boston sabe precisamente ao mesmo que um **hamburger** comido em Miami. O padrão de casaco comprado numa loja de Nova Iorque tem todas as probabilidades de ser encontrado no armazém local de uma pequena cidade do Texas. E assim por diante. As diversificações vão a pouco e pouco cedendo, ante o ataque foridável da mobilidade. Já os povoados se copiam uns aos outros, duvidando-se se se está no Alabama ou em Nova Jersey. Só resta a natureza tornar as coisas diferentes.

Mas deste temor e deste horror ao «desigual», ao «desconhecido», vem também o pouco apetite generalizado pela viagem ao estrangeiro — a não ser como manifestação social cuidadosamente preparada —, a incapacidade de adaptação ou de respeito ante costumes inusitados, a tentativa de viver «á americana» no México ou na Itália. Daí todas essas anedotas, dos Americanos buscando **hamburgers** pelos restaurantes da Europa e ficando desconsolados pela diferença que lhes acham, ou do gosto que têm em viajar como carneiros, entre conterrâneos, falando só inglês e criticando os hotéis que são pouco americanizados, etc.

Mencione-se, por último, o reflexo da mobilidade geográfica no enquadramento familiar. Como parece evidente, as famílias, findo o período da infância e do começo da adolescência dos filhos, reduzem-se ao pai e á mãe. Pode acontecer que todos os componentes de uma família vivam em Estados diferentes, aqui a avó, ali os tios, acolá os pais, neste sítio a filha e naqueles dois outros sítios o filho mais velho e o filho mais novo, encontrando-se todos raramente ou nunca, os filhos tentando ver os pais pelo Natal mas nem sempre o conseguindo, por falta de meios, de tempo ou simplesmente de interesse. A desagregação do ambiente familiar nos Estados Unidos é um facto, e a causa vemo-la acima de tudo no tamanho do país e na facilidade da mudança.

Este panorama faz igualmente compreender a necessidade do casamento em idades cada vez mais jovens. A associação pelo matrimónio é a única defesa que o Americano tem contra a dissolução total da intimidade pela socialização dos contacots. Casando-se, o Americano consegue, pelo menos, **uma** pessoa que o acompanha para todo o lado, a quem conta tudo o que se passa, e de quem recebe simultaneamente protecção, apoio, compreensão, carinho, e eventualmente amor.

ECOS

O artigo crítico, aliás inteligente, de Gastão Cruz sobre a poesia de Jorge de Sena no último número da «Seara» leva-nos a meditar num equívoco que ameaça gravemente generalizar-se entre nós: o de exigir ao poeta, e bem assim ao prosador (mas não é nessa assimilação que reside o nosso desacordo) uma permanente tensão estilística, com vista a evitar a adjectivação vulgar e a criar choques e fricções entre as palavras, das quais há-de provir o efeito estético de surpresa. Ora se tal impacto, efectivamente, é condição importante da linguagem artística, a verdade é que a sua busca exaustiva pode conduzir a um barroquismo insignificativo. Por outro lado, com a linguagem mais nua, descascada e cristalinamente habitual conseguem-se, por vezes, poemas estruturalmente perfeitos. E o mais curioso é que Gastão Cruz cita precisamente uma passagem admirável de «Frígido Vento», para exemplificando, a condenar. A verdade é que a restituição da palavra à sua nascença, as extrapolações líricas mais belas e mais fortes dão-se não só por via de uma pesquisa formal mas pelo encontro do escritor com as suas raízes mais profundas. Em suma, o problema é infinitamente mais complexo do que o esquema formalista a que Gastão Cruz o reduz. Isto sem prejuízo do apreço que nos merece a luta teimosa pela verdade da literatura como aventura e descoberta no domínio da linguagem. Mas a linguagem é um ser. é também o ser.

*

ARMANDO DE CASTRO acrescentou mais uma pedra a esse edifício monumental que é o seu documentado, laborioso e valiosíssimo estudo sobre «A Evolução Económica de Portugal». Este nono volume que percorre tearias económicas, leis, aspectos do mercado, a circulação monetária dos séculos XII e XV, apresenta interesse particularmente vivo na análise das alterações na relação de dependência e da dinâmica interna dos bens, das modificações na estrutura dos domínios fundiários. Uma obra que nos enriquece e cuja leitura se torna agradável e tentadora, pela ampla visão do mundoque proporciona, apesar do carácter especializado assunto.

OS VENDEDORES DE «BANHA DE COBRA»

As vezes pergunto se eles não são a expressão mais positiva da nossa gente? Que reunem qualidades pouco vulgares, não há dúvida. Trabalham a palavra de tal modo, esses vendedores de «banha de cobra», que até o produto deixa de interessar. Quando chega a altura de comprar a bisnaga, o frasquinho, a pasta, que cura sempre todas as doenças — «sete massagens levantam um paralítico da cama!» — quase ninguém consegue resistir. As vantagens enumeradas foram tantas, as momices, as piadas, os expedientes — que até sabe bem ser-se levado nesse doce «conto do vigário» sem etiqueta de laboratório. Há sempre uma eterna mala que nunca se abre — onde está o «bicho» trazido das selvas —, o pauzinho para bater na caixa e o mtúdo que se escolhe entre a assistência. O resto é um amontoado de palavras, com citações de autores famosos nunca lidos, com dissertações sobre temas biológicos nunca estudados... Não, eles não diferem de muita gente que conhecemos, e têm a vantagem de vender sempre qualquer coisa que se leva para casa (mesmo sem servir para nada) — isto além dos dotes oratórios. E estes também se pagam, pois então! Não os pagamos aos outros?!...

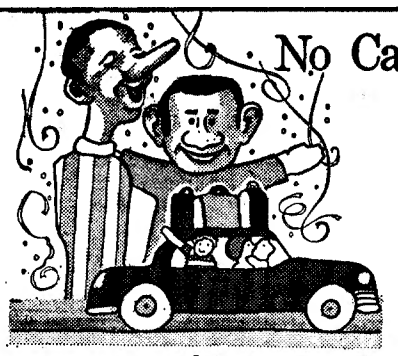
PEDRO RAFAEL

LICEU

CURSO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

- **ESCOLA SÃO VICENTE:** Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
- **EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:** Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
- **EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:** Av. Grão Vasco, 1 (fte. á Igreja de Benfica)—Tel. 706974

MODERNOS LABORATÓRIOS



No Carnaval vai melhor com Hertz

De sexta-feira à tarde a quarta-feira de manhã, quer esteja no Porto, em Lisboa ou em Faro, alugue um Ford Escort ou um Volkswagen por 980$00 (quilometragem ilimitada) ou 720$00 (incluindo 200 km. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones:
Lisboa: 32 82 47 - Estoril: 28 13 04 - Porto: 33 4 55 - Faro: 23 5 37

vai melhor com Hertz

Paul Scofield recebeu o «Oscar» para o melhor actor, pela sua espantosa interpretação da figura de Thomas More, no filme «Um Homem para a Eternidade»

Todos os domingos no S. Jorge «cinema com critério» (às 11 horas)

• Depois de amanhã: «Um homem para a Eternidade»

O entusiástico acolhimento do público de Lisboa às sessões de cinema com critério realizadas no Cinema São Jorge quinzenalmente, aos domingos, às 11 horas da manhã, ficou bem provado com o êxito obtido na primeira sessão do ciclo «A Responsabilidade na Vida».

No próximo domingo, dia 8 do corrente, o ciclo prossegue com a apresentação da mais categorizada obra de Fred Zinnemann, «Um Homem para a Eternidade».

Documentando a «Responsabilidade na Justiça», este filme permitirá a um largo público assistir a um espectáculo do maior interesse, tendo ainda a ocasião de tomar contacto com o movimento cineclubista do nosso País. Através do programa distribuído aos espectadores, divulgam-se elementos vários sobre os filmes incluídos no ciclo «A Responsabilidade na Vida», bem como sobre os seus realizadores.

«Um Homem para a Eternidade» é um filme de grande qualidade, que alia à perfeição com que foi realizado e interpretado, um tema que prende permanentemente o interesse do espectador, narrando-nos a vida atribulada de Thomas More, uma das grandes figuras da História da Inglaterra, do reinado de Henrique VIII.

Frequentando as sessões de «Cinema com Critério» tem a garantia de uma programação cuidadosamente escolhida e a possibilidade de obter uma completa informação sobre o espectáculo em que toma parte.

O Cinema São Jorge tem já à venda os bilhetes para esta sessão, à qual têm acesso gratuito os sócios do Cineclube Católico.

GASOLINA NÃO DÁ LUCRO

A propósito da *história do homem que tinha um negócio de gasolina e que teve que o fechar, para o tornar rendoso*, relatada na notícia da assembleia geral do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul, recebemos da firma Castelo & Caçorino, Lda., de Portimão, a seguinte carta que transcrevemos na íntegra:

«Temos presente o «Diário de Lisboa» de 31 de Janeiro p.p. que insere o artigo intitulado «A gasolina não dá lucro», que aplaudimos entusiàsticamente.

Começa o citado artigo por transcrever o que foi dito por um «homem» na assembleia geral do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul; o «homem» a que se referem é o signatário da presente, Rogério Jorge Castelo, n/ sócio gerente. Desejamos manifestar a V. Ex.ª a confirmação de tudo quanto o n/ gerente disse: somos subagentes da «Sonap» em Portimão e fechámos efectivamente as bombas de gasolina no dia 1 de Janeiro p.p., para evitar maiores prejuízos.

Pela presente ficam V. Ex.as autorizados, se assim o desejarem, a publicar quem fez as citadas declarações e quais as bombas que se encontram encerradas, ficando desde já à v/ disposição, neste ou em qualquer outro assunto sobre o qual V. Ex.as desejem ouvir a n/ opinião.

Aproveitamos para manifestar a V. Ex.ª o nosso reconhecimento pela atitude digna que o «Diário de Lisboa» tomou em defesa dos revendedores de gasolina, atitude essa que, de resto, não é de estranhar num Jornal dirigido por V. Ex.ª»

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A sessão de ontem da Assembleia Nacional registou o maior número de presenças desta legislatura: 113 deputados. Um «record» que o interesse pela eleição das comissões parlamentares da Educação Nacional e das Obras Públicas pode justificar. Efectivamente, a eleição vinha-se protelando. A plataforma para a constituição de uma única lista para a primeira não foi encontrada, apesar de numerosas conversas de bastidores. O presidente acabou por aceitar a pluralidade das listas! Houve, pois, duas listas para a referida comissão da Educação Nacional. Chegou a falar-se na hipótese de uma terceira, mas esta não chegou a concretizar-se. Para a comissão de Obras Públicas houve uma única lista.*

★ Antes da ordem do dia, ao ocupar-se da crise da agricultura, «que actualmente atinge aspectos verdadeiramente alarmantes», disse o deputado Malato Beliz: «No que respeita à cultura de cereais, e com excepção para o arroz, somos, na Europa, o País com mais baixas produções unitárias. Assim, no continente europeu, em que o país de mais elevada produção unitária de trigo obtém 4200 kg/ha, nós apenas conseguimos 800 kg, produção cerca de 30 por cento inferior à do país que ocupa o penúltimo lugar. Relativamente aos outros cereais, o quadro repete-se ou apresenta casos ainda mais sombrios, como acontece com a cevada e a aveia, para as quais as produções unitárias obtidas em Portugal continuam na cauda da tabela, agora com a triste agravante de se situarem a cerca de 62 por cento de distância dos países que nos antecedem, ou seja, dos penúltimos.»

★ O deputado Allarcão e Silva fez-se eco das preocupações dos analistas quanto à letra (e vencimento) que lhes caberá no novo quadro dos funcionários públicos.

★ *O deputado Marques de Queirós, falando de problemas do Ensino Primário, pediu que se reconheça o direito à aposentação às regentes escolares e, às que não prefizeram o tempo de serviço exigido, se lhes conceda preferência no provimento de lugares compatíveis nos liceus e escolas técnicas.*

★ *Homenagem à memória de Francisco Luís Gomes — cujo centenário da morte vai ser oficialmente comemorado — prestou o deputado Brás Gomes, fazendo o elogio daquela figura de goês, que foi cirurgião, político e homem de letras de prestígio.*

★ «Era minha intenção usar hoje da palavra para me ocupar, na sequência de um requisitório de perguntas formuladas ao Governo, do problema do azeite, até porque uma orquestra da campanha em prol do retorno à mixórdia está em pleno desenrolar...» Foi com estas palavras que o deputado Camilo de Mendonça começou a sua intervenção sobre o problema das madeiras, congratulando-se com «a pronta reacção do Governo restabelecendo o equilíbrio indispensável, dispondo-se a intervir como árbitro de um conflito de interesses, esgotada que seja a possibilidade de acordo negociado em pé de igualdade, facultando à lavoura as armas que lhe eram devidas como contrapartida do florir serôdio da pura lógica capitalista, embora em regime dito corporativo, ou seja, permitindo a exportação de madeiras sem dependência das peias e entraves a que estava sujeito.» (Vozes: — Muito bem!)

★ *As alterações à Lei do Serviço Militar foram finalmente aprovadas com o texto proposto pela comissão de Defesa Nacional, tendo em conta as sugestões do deputado Teixeira Canedo. Assim, a prestação de serviço, para médicos e outros especialistas, poderá ser contínuo ou interpolado por tempo que não exceda 28 meses, e os que prestarem serviço como voluntários terão os mesmos direitos dos convocados.*

★ Hoje, a Assembleia entrou em férias do Carnaval. Os trabalhos recomeçam no dia 17 do corrente.

DIA A DIA parlamentar

SURGIRAM DUAS LISTAS PARA A ELEIÇÃO DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO NACIONAL

Pela segunda vez na história da Assembleia Nacional surgiram duas listas para a eleição de uma comissão parlamentar. Tratava-se de eleger a comissão da Educação Nacional. Como alguns deputados não estivessem de acordo com a lista preparada pela mesa, o presidente, inicialmente predisposto a defender o tradicional sistema de uma só lista, acabou por aceitar o sistema da pluralidade de listas, sempre que se não chegasse a uma plataforma aceite por todos.

Deste modo, para esta eleição, que se efectuou no final da sessão de ontem, surgiram duas listas:

LISTA A — Alexandre José Linhares Furtado, Artur Manuel Giesteira de Almeida, Custódia Lopes, Fernando Dias de Carvalho Conceição, Francisco João Caetano de Sousa Brás Gomes, Henrique Veiga de Macedo, João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva, Joaquim José Nunes de Oliveira, José da Silva, Júlio Dias das Neves, Luís António de Oliveira Ramos, Manuel de Jesus Silva Mendes, Rogério Noel Peres Claro e Victor Manuel Pires de Aguiar e Silva.

LISTA — B — Alexandre José Linhares Furtado, Artur Manuel Giesteira de Almeida, Eleutério Gomes de Aguiar, Fernando Dias de Carvalho Conceição, Francisco João Caetano de Sousa Brás Gomes, João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva, Joaquim José Nunes de Oliveira, José da Silva, Júlio Dias das Neves, Lopo de Carvalho Cancella de Abreu, Luís António de Oliveira Ramos, Manuel de Jesus Silva Mendes, Sindelética Soares dos Santos Torres, e Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva.

As listas, como pode observar-se, apresentavam pequenas diferenças. A lista B era igual á da A, excepto no que se referia a três deputados. Os nomes de D. Custódia Lopes, Henrique Veiga de Macedo e Rogério Peres Claro, da A, eram substituídos na B pelos de Eleutério Gomes de Aguiar, Lopo de Carvalho Cancella de Abreu e Sindelética Soares dos Santos Torres.

Vitória da Lista A por 81 votos contra 32

Feita a chamada, verificou-se que a lista A obteve 81 votos e a lista B 32, isto é, um pouco menos de um terço da votação.

O resultado desta eleição vem confirmar o que poderia concluir-se já da eleição da comissão do Ultramar, em que houve também duas listas.

Facto significativo: o dr. Miller Guerra, que figurava em ambas as listas, obteve o total dos votos na lista B (32) e o máximo de cortes na lista A (30 cortes, o mesmo é dizer 51 votos num máximo de 81)

*

Para a comissão de Obras Públicas foi votada por 112 votos uma única lista, assim constituída:

Amílcar Pereira de Magalhães (112 votos), Artur Augusto de Oliveira Pimentel (112), Augusto Domingues Correia (110), Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral (105), Francisco Correia das Neves (109), Henrique José Nogueira Rodrigues (109), Humberto Cardoso de Carvalho (111), João António Teixeira Canedo (106), João Duarte de Oliveira (111), Joaquim de Pinho Brandão (108), José Vicente Abreu (112), Manuel Monteiro Ribeiro Veloso (111), Prabacor Rau (111), Rafael Valladão dos Santos (110), e Raul da Silva e Cunha Araújo (110 votos).

Os aumentos dos serventes da Sociedade Estoril

Assinada por 45 empregados da Sociedade Estoril recebemos uma exposição em que se foca a recente alteração dos seus vencimentos e, nomeadamente, se diz:

«A Sociedade Estoril procedeu há pouco, por intermédio de um dos seus directores (o sr. dr. Lencastre) a uma distribuição de verba ao pessoal. Os serventes apenas receberam um aumento de 50 escudos mensais, o que é irrisório perante as quantias que foram beneficiar outros empregados: em certos casos aumentos de 900$00 nos seus ordenados.

Prossegue a exposição:

«Tudo se está a passar sem conhecimento (e, portanto, autorização) do nosso Sindicato. As coisas estão a ser resolvidas pela comissão interna da Sociedade Estoril que nem sequer consulta o pessoal sobre as decisões que toma. Julgamos que alguma coisa está mal: então o Sindicato e o Ministério das Corporações não são tidos nem havidos neste caso?

Mais adiante, dizem os 45 funcionários (devidamente identificados):

«Esta disparidade de tratamento não tem razão de ser, porque todos quantos trabalham na Sociedade Estoril lutam pelo pão do dia-a-dia.

APARTADOS

Para se proceder á modificação e conclusão da rede de apartados, encerram amanhã, ás 12 horas, aqueles serviços, reabrindo segunda-feira ás 8 da manhã.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX

TÍTULO — «A Rapariga do Auto-Stop» («3 Into 2 Won't Go»).
REALIZAÇÃO — Peter Hall, 1969 (Inglaterra).
INTÉRPRETES — Rod Steiger, Claire Bloom, Tudy Geeson, Paul Rogers, Peggy Ashcroft, etc.

«*A rapariga do auto-stop*» sobressai desde logo pela segurança na construção de um argumento inteligente que se desenvolve com sobriedade e contenção. Tudo nesta fita de Peter-Hall (recém-chegado da TV) é aliás sóbrio e seguro: a escrita é uma prática constante de humildade frente á acção; a história, por seu turno, não deixa nunca aflorar a demagogia sempre possível e mantém-se num nível de evidente discrição que não impede, todavia, a formação de um ambiente irrespirável, de tensão sucessivamente adensada ao longo de hora e meia de projecção.

A base de onde tudo surge é simples: um adjunto de promotor de vendas de uma importante casa de electrodomésticos, casado, dá um dia uma boleia a uma jovem. Nada de anormal no esquema usual do caixeiro-viajante cujo posto lhe permite atingir a média burguesia de uma sociedade altamente industrializada. O esquema parece simplesmente ir repetir-se mais uma vez: marido e mulher que se habituaram já um ao outro, que se *suportam*, que esperam continuar a tolerar o convívio diário, muito embora ela saiba que o marido a engana amiudadas vezes (como acontecera já com o pai em relação á mãe e assim por diante). Relações que se estabelecem a um nível de hipocrisia aceite livre ou compulsivamente. Mas a rapariga do auto-stop não é mais uma entre muitas outras. Ela significa na arquitectura da história mais do que isso: é o motor de uma engrenagem, a peça que não se adapta ao mecanismo e acaba por fazer parar todo o sistema. Assim sucede. Com crueldade (ou ingènuamente) a rapariga do auto-stop acaba por destruir na prática o que há muito estava corrompido por uma educação viciada e um convívio desgastante.

Dois grandes actores no Vox: Claire Bloom e Rod Steiger

Rondando muitas vezes o melodrama, Peter Hall consegue, no entanto, equilibrar a jogada, interiorizando reacções, fugindo ao rodriguinho fácil, recusando *efeitos* plásticos possíveis mas não desejáveis. Tal como se nos apresenta, esta «*Rapariga do auto-stop* é um filme de grande dignidade artesanal, de uma enorme qualidade técnica, de uma inequívoca sobriedade expositiva. Sem rasgos geniais, Peter Hall teve consciência das suas limitações e bastou-lhe assumi-las para que o seu trabalho resultasse efficiente e interessante. Tanto mais que soube rodear-se de uma equipa técnica impecável de eficiência, desde a fotografia de Walter Lassaly até á musica de Francis Lai. Tanto mais que pôde contar com três actores á altura do cometimento: Rod Steiger, sem grandes exageros histriónicos nem expressivos, Claire Bloom de uma transparente sensibilidade e de uma beleza inacessível com o seu quê de frigidez e solidão e Judy Geeson, a rapariga do auto-stop, provocação máxima que nem por isso deixa de possuir uma secreta ingenuidade e uma pureza de propósitos a um tempo enternecedores e chocantes.

LAURO ANTÓNIO

• NO CONDES E NO ROMA

TÍTULO — «Confidencialíssimo» («Erotissimo»).
REALIZAÇÃO — Gerard Pirès (França-Itália, 1969).
INTERPRETES — Annie Girardot, Jean Yanne, Francis Blanche, Venantino Venantini, Dominique Maurin, Erna Schurer, etc.

«Up-to-date», «à la mode», na berra, «Erotissimo» revela-se uma caricatura saborosa (mais pelos meios audio-visuais empregados que pelos fins alcançados) da sociedade (francesa) de produção e consumo, condicionada (como as demais) por toda a artilharia das sugestões (eróticas) publicitárias. Sem atingir a gravidade da sátira, ainda assim a fita de Pirès consegue distribuir, com inteligência e bom gosto formal, alguns belíscões (salutares, *malgré tout...*) numa burguesia perfeitamente alienada, escrava dos seus próprios mitos menores (a moda, a supervalorização do sexo, a informação a-crítica), dominada pelo feiticismo das imagens, dos *slogans*, dos objectos. Para tanto, o realizador usa abundantemente dos próprios materiais da alienação (cartazes, filmes publicitários, revistas *sexy*, *décors sofisticados)*, montando-os num ritmo veloz e com inegável espírito. O sistema, porém, autodevora-se: é que o risco desta caricatura reside no facto de, feitas as contas, não passar de mais um produto de consumo, excelentemente embalado mas complacente, irónico mas não mordaz, amável e não interveniente, mais um reflexo que próprìamente uma crítica.

Levantada esta reserva, aplauda-se o brilhantismo dos diálogos, o contínuo desbobinar de achados «gráficos» e a excelente interpretação de Annie Girardot (no papel de uma esposa-dos-nossos-dias, que tudo — tudo!... — faz para gozar das delícias matrimoniais), Jean Yanne (o marido, industrial de produtos para bebés, avassalado pelo negócio e pelas contas a prestar ao fisco) e Francis Blanche, este na estupenda composição de um fiscal de impostos a um tempo «compreensivo» e sádicamente implacável.

Saliente-se ainda, do programa, o documentário «Delta de Sal», belíssima sinfonia de imagens *realmente* abstractas que Lucien Clergue realizou e Manitas de Plata enriqueceu com a sua Viola de Ouro.

Na grande carência nossa do espectáculo cinematográfico de qualidade, o programa do Condes e do Roma surge como um bombom de lamber os beiços! — *V. S. T.*

• NO OLIMPIA

TÍTULO — «A Ira de Aquiles».
INTÉRPRETES — Gordon Mitchell, Jacques Bergerac, Crestina Gaioni, Mario Petri, etc.

Mais uma reconstituição «histórica» rodada em estúdios italianos para consumo das massas semianalfabetas de países europeus e americanos que de Aquiles e Heitor, de Tróia e da sua guerra só conhecem (quando conhecem) o cavalo. Donde o essencial ser o cavalo. O cavalo de pau, os duelos, os amores, os episódios «dramáticos», os desenlaces «fulminantes» e tudo o resto (que é nada).

A Grécia homérica ou a graça homérica? — *L. A.*

Atrás do Reposteiro

- *Tudo parece indicar que no* Trindade *venha a funcionar uma companhia de revistas, organizada pelo maestro Frederico Valério e o escritor Eduardo Damas.*
- *Para o primeiro espectáculo que se anuncia bastante diferente do que no género tem sido apresentado em Portugal são autores do poema Eduardo Damas e Fernando Ávila, e da música Frederico Valério e Manuel Paião.*
- *A companhia do Teatro* ABC *manter-se-á no Porto até ao Carnaval. Depois regressará a Lisboa para ensaios de apuro da nova revista.*
- *A artista Anita Guerreiro vai participar na próxima revista do* Maria Vitória.
- *Nesta mesma revista foram distribuidos quatro números á actriz Dora Leal.*

■ **Charlie Chaplin vai começar em Março a rodagem do seu filme «The Freak». Principais intérpretes: Victória Chaplin (18 anos) e Josephine Chaplin (20 anos), suas filhas.**

ADULTOS
• HOJE, às 20.45 e 23 h. MARIA VITÓRIA
EM SENSACIONAL 5.º MÊS A COLOSSAL REVISTA
• ESPERTEZA SALOIA •
Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
• UM ELENCO EXTRAORDINÁRIO, COM:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
• CARNAVAL •
4 NOITES DE ALEGRIA E DUAS «MATINÉES», NO DOMINGO E NA 3.ª-FEIRA GORDA, SEM AUMENTO DE PREÇOS!
SALVADOR no «Compère»

CAPITÓLIO
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
«O CRAVO ESPANHOL»
DE ROMEU CORREIA
M/ 17 anos Tel. 320379
AMANHÃ — Tarde a preços reduzidos.

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30 (M. 12 anos)
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO CARNAVAL
A grande orquestra cómica EL EMPASTRE e outras atracções
AMANHÃ
INAUGURAÇÃO DOS FOLGUEDOS DO ENTRUDO
À TARDE, às 16 horas, entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE, às 22 horas (Maiores de 15 anos)
ESPECTÁCULO E BAILE ATÉ DE MADRUGADA

2.ª SEMANA
HILARIANTE E «VERTIGINOSA» NO
SÃO LUIZ ALVALADE
MAIORES DE 12 ANOS
A PARAMOUNT APRESENTA A PRODUÇÃO DE KEN ANNAKIN
Os Gloriosos Calhambeques
(THOSE DARING YOUNG MEN IN THEIR JAUNTY JALOPIES)
As saias, então, subiram, os decotes, esses, desceram e o mundo ficou louco com o rali de Monte Carlo!
Com um elenco fabuloso (por ordem alfabética)
BOURVIL / LANDO BUZZANCA / WALTER CHIARI / PETER COOK / TONY CURTIS / MIREILLE DARC / MARIE DUBOIS / GERT FROBE / SUSAN HAMPSHIRE / JACK HAWKINS / NICOLETTA MACHIAVELLI / DUDLEY MOORE / PEER SCHMIDT / ERIC SYKES / TERRY-THOMAS
PROD. ASSOC. JACK DAVIES and KEN ANNAKIN
PROD. DE KEN ANNAKIN / TECHNICOLOR / PANAVISION / A PARAMOUNT PICTURE
UM FILME PARAMOUNT
TITLE SONG, MUSIC AND LYRICS BY RON GOODWIN — SUNG BY JIMMY DURANTE, AND OTHER MUSIC FROM THE MOTION PICTURE SOUND AVAILABLE ON PARAMOUNT RECORDS.

VIVA A FOLIA!... VEM AÍ O CARNAVAL
DIVIRTA-SE A GRANDE, VENDO A GRANDE
REVISTA POPULAR
ADULTOS
PEÇO A PALAVRA!
3.º MÊS DE ENCHENTES
COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA
AIDA • C. COELHO • ELOINA SPINA • MAX • ANITA ESPADINHA • M. FRANCO
A ATRACÇÃO NACIONAL ANTÓNIO CALVÁRIO
À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO
AIDA em «Sr.ª Esquecida»
SPINA em «Brasileiro do Metro»
TEATRO — TELEF. 326037
VARIEDADES
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGO E 3.ª-FEIRA MATINÉES ÀS 16 HORAS
BILHETES À VENDA PARA OS DIAS DE CARNAVAL PREÇOS NORMAIS
UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL
UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

BALÃO VERMELHO
SECÇÃO N.º 3
SALDOS
PARA SENHORA E CRIANÇA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41270

ÓPERA EM S. CARLOS

«PENÉLOPE» DE SOUSA CARVALHO

Não pode negar-se que muito de apreciável se tem feito nestes ultimos tempos no sentido de dar a conhecer o nosso património no plano da criação musical e procurar consciencializar a sua existência no publico português. No entanto, nem sempre o caminho seguido foi o mais indicado. Adoptar um critério pouco seguro na escolha das obras ou apresentar as que se escolhem, mesmo entre as melhores, de qualquer maneira não é prestar um bom serviço á cultura nacional.

Isto não aconteceu — com satisfação o dizemos — no caso da récita com a ópera «Penélope», de Sousa Carvalho, ontem levada á cena do Teatro de São Carlos.

A referida obra pertence ao que de mais significativo se deve aos compositores pátrios no âmbito do teatro lírico do século XVIII. Nela predomina quase exclusivamente a tendência italianizante. Porém deve acrescentar-se que não faltam na partitura algumas pinceladas de carácter lírico mais ou menos lusitano. Assim acontece, por exemplo numa passagem da «abertura», em que será lícito divisar-se a atmosfera e os contornos melódico-harmónicos típicos do fado. Por outro lado houve o cuidado de confiar o desempenho da ópera «Penélope» a um nucleo de cantores que já têm prestado suficientes provas, até em papeis de maiores responsabilidades vocais e cénicas; e a encenação também não foi descurada. Neste ultimo capítulo, Tomás Ribas pôs em prática uma concepção virada para um estatismo e uma evocação da tragédia grega, evocação estilizada embora e filtrada através de uma óptica com afinidades setecentistas, de acordo, aliás, com a arquitectura do teatro. Tais propósitos concretizaram-se inegávelmente sem quebra de um bom gosto fundamental, quer na linha da representação referente ás personagens principais, quer nas atitudes daquelas que enquadravam a acção dramática ou intervinham em alegorias propositadamente discretas. Conjugou-se com esta orientação, e de uma maneira feliz dentro da sobriedade, o arranjo cénico da responsabilidade de Alfredo Furiga e Abílio Matos e Silva (a este ultimo se devem também os figurinos) O mesmo deve dizer-se a respeito dos efeitos de luz.

Passando agora aos intérpretes, comecemos por Ana Lagoa, que se encarregou da protagonista. A sua bonita voz nunca deixou de se afirmar, assim como uma capacidade expressiva que se traduziu na sensibilidade com que «recortou» as frases musicais, mediante uma contenção que nada tem de frieza mas está nos antípodas das tiradas de exaltação espaventosa, que não seriam, de resto, consentâneas com o estilo cultivado por Sousa Carvalho. Momento alto da récita tivemo-lo na ária com que termina o segundo acto.

Helena Cláudio, uma das cantoras portuguesas mais naturalmente dotadas, brilhou sobremaneira na unica ária que Erígona canta, graças á riqueza do timbre.

Ulisses encontrou no tenor Fernando Serafim um intérprete subtil e inteligente, que soube tirar partido de inflexões cheias de propriedade e de uma voz pequena mas agradável.

O tenor Armando Guerreiro impôs-se, como habitualmente, pela boa empostação da sua bonita voz e pela dicção claríssima, aspecto este em que se distinguiu com vantagem sobre todos os seus colegas.

No papel de Euristeu, Alvaro Malta evidenciou potência vocal, uma técnica bem alicerçada e ainda grande á-vontade em cena, embora sem destoar da concepção geral que presidiu á representação.

Os coros, colocados no fosso da orquestra, portaram-se desta vez com um aprumo que não se verificara na récita do «Tannhäuser». A Sinfónica da Emissora Nacional não deixou de prestar contributo apreciável, a despeito de alguns pormenores necessitarem de maior apuro, nomeadamente na «Abertura».

O maestro Silva Pereira dirigiu o conjunto sem desmerecer da experiência e da musicalidade que há muito o recomendam como personalidade especialmente da nossa vida artística.

Quanto aos funcionais apontamentos coreográficos, levam a assinatura de Margarida de Abreu.

NUNO BARREIROS

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

NOITES de CARNAVAL
(M/ 15 ANOS)

tuna

BALLET RUSSO DE IRINA GRJEBINA

THE RENNO'S

CONJUNTO JUAN DE AIZA COM TITICA
FILARMÓNICA FRAUDE
CONJUNTO "CAVALINHO"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

CAPRICE LENOIRE (M/ 21 anos) só no wonder bar

SÁBADO —BAILE DE GALA DE ABERTURA (trajo de noite)
DOMINGO—BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)
SEGUNDA —BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)
TERÇA —BAILE DE ENCERRAMENTO (trajo de noite)

PREÇOS: Restaurante e «Wonder Bar», 300$00 por pessoa (350$00 na noite de segunda-feira) com direito a reserva de mesa e a uma garrafa de espumante, no valor de 200$00, para quatro pessoas. Bar Americano, 100$00 (150$00 na noite de segunda-feira) com direito sòmente a entrada e a dançar depois do espectáculo.

Estes preços não compreendem taxas nem impostos.

As marcações só são respeitadas até 24 horas antes do baile a que se destinam.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL EMBAIXADOR

BAILES DE CARNAVAL
Sábado ● Domingo ● Segunda e Terça-feira
CECILE DEVILE
GALLI GALLI • MARIA VALEJO
«STARLIGHT SHOW» com ANGÉLIKA
Conjunto privativo com Manuel Viegas

PREÇOS — 250$00 (com direito a jantar-ceia); 150$00 (com direito a 50$00 de consumo de bebidas)
MATINÉES-DANÇANTES DOMINGO E TERÇA-FEIRA — Preço 50$00 —
(Estes preços não incluem as taxas regulamentares)
MAIORES DE 17 ANOS

Tel. 86 50 37
Às 15.30
Às 21.30
M/ 17 anos
ROYAL
Realização de DINO RISI
com
ENRICO MARIA SALERNO
SANDRA MILO
DANIELA BIANCHI
JEAN SOREL
UMA COMÉDIA FRESCA E PICANTE
CHAPÉUS DE SOL
Amanhã Carnaval baile com «Os 6 Latinos»

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA — R. DO CARMO, 28
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 86

Só no TEATRO
MONUMENTAL
MAIORES 15 ANOS
NAS 4 NOITES — 2 SESSÕES 20.30 e 23.30 H.
Um espectáculo de «Music-hall» ao nível internacional
HORAS DE IMPACTO
JOÃO PAULO 70
com SERGIO BORGES
e a vedeta da África do Sul VICKIE
PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES:
BAILE ATÉ DE MADRUGADA
3 BELOS CONJUNTOS
★ FERNANDO ALBUQUERQUE com RUEDA
★ SOUSA MACHADO e NAPOLITANO ★

monumental CARNAVAL só no TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO APRESENTA

LUGARES DESDE 30$00 TEATRO
E BAILE

Só no TEATRO
MONUMENTAL
MAIORES 4 ANOS
Nas Tardes de Dom., 2.ª e 3.ª-feira ÀS 15 e 18 HORAS
UMA ENGRAÇADA PEÇA POLICIAL PARA CRIANÇAS
ORIGINAL DE FRANCISCO NICHOLSON

VÁ COM SEUS FILHOS AO MAIS ALEGRE CARNAVAL DE LISBOA

EM TODAS AS «MATINÉES»:
CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS
60 VALIOSOS PRÉMIOS • 4 BICICLETAS

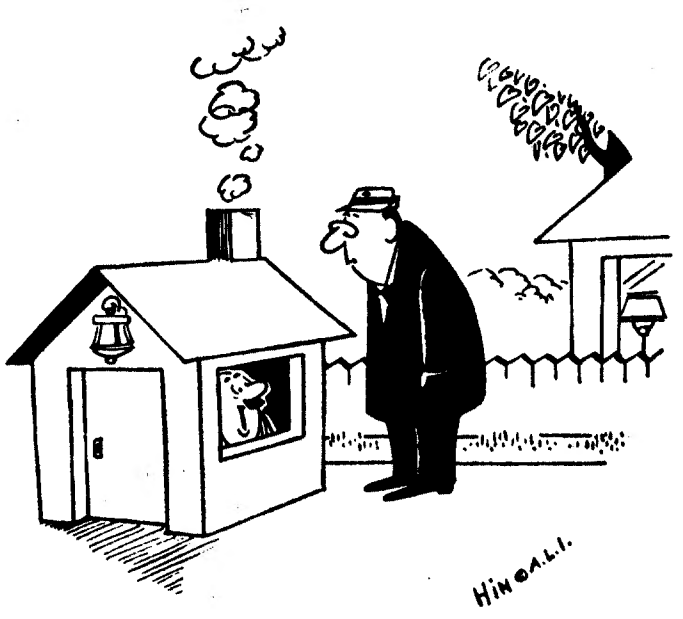
● BILHETES A VENDA ●
VÁ A 1.ª SESSÃO E TERÁ MAIS TEMPO PARA DANÇAR

Reunião dos corpos directivos da Corporação dos Espectáculos

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Teles reuniram-se os corpos directivos da Corporação dos Espectáculos, estando presentes os srs. Augusto de Lima Mayer, dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira, Jorge Brum do Canto, Alberto Ghira, Manuel Martins e Hermínio de Ferreira Nunes.

A anteceder a ordem do dia, o dr. Manuel Teles participou aos presentes que fora alargado o regime de pensão de sobrevivência a todo o pessoal ao serviço da Corporação e dos organismos nela integrados. A seguir, e já dentro da ordem do dia, o sr. Edmundo Ferreira de Almeida deu conhecimento da sua actuação como representante do organismo junto da secção de recursos da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos (Cinema).

Antes da reunião, o dr. Manuel Teles recebeu os srs. Manuel dos Santos e António da Costa Correia, representantes, respectivamente, do Grémio Nacional de Empresas Teatrais e Similares e do Sindicato Nacional dos Toureiros, com os quais tratou de problemas relacionados com a revisão das remunerações dos profissionais representados por aquele sindicato.



— É um pouco pequena, mas ao fim de trinta anos será nossa!

— Cortado em quatro fica-lhe melhor, senhor Vieira!

A REVISTA VAI VOLTAR AO PALCO DO TRINDADE A PARTIR DE AGOSTO

Exacto: ao palco do Trindade vão regressar os espectáculos de revista. A ideia pertence ao maestro Frederico Valério e aos escritores teatrais Eduardo Damas, Manuel Paião e Fernando Ávila.

— Desde que deixei o Maria Vitória tento conseguir um teatro para continuar a realizar espectáculos musicados e de comédia — diz-nos Eduardo Damas. *«Agora, no Trindade, não serei eu o empresário: estará a meu lado a pessoa que vai tomar a responsabilidade do negócio. Mas, desculpe: não revelo já o seu nome porque quero que ele continue a dormir descansado...*

Por seu lado Manuel Paião acrescenta:

— Devemos a cedência do Trindade á gentileza do dr. Serra Formigal, a quem apresentámos a nossa ideia de se organizar uma companhia de teatro musicado para apresentar espectáculos «limpos»: sem palavrões, despidos de graça baixa.

«Espectáculos de crítica e de sátira mas com nível. Para substituir o chamado corpo de «girls» (onde normalmente não existe uma só bailarina...) contamos com o «ballet» de Fernando Lima. E para a cenografia procuraremos nomes de muito prestígio: Maria Adelaide Lima Cruz, José Barbosa, Otelo Azinhais, Manuel Lima e, até, talvez Almada Negreiros nos honre com um trabalho seu...

Diz Eduardo Damas:

— Muito se tem escrito e falado sobre os meus projectos e até muito boa gente tem ficado contente por nem todos se realizarem. Vou contar-lhe uns pequenos nadas, para acabar de uma vez para sempre com os boatos.

«Sempre tive o pavor de um incêndio no teatro Maria Vitória: no dia em que isso sucedia — o Diabo seja surdo... — já viram a portinha por onde os artistas poderiam fugir? Quando deixei essa «caixa de fósforos» sempre em perigo de combustão, depois de ali ter levado á cena três êxitos («Todos ao mesmo», «Sopa no mel» e «Viva o velho») o meu amigo Fernando Martins pensou em transformar um dos edifícios de que é proprietário (na Rua Barata Salgueiro, esquina da Rua Castilho) e criar ali uma sala de espectáculos que se chamaria «Teatro Maria Matos».

Prossegue:

— A ideia residia na sua exploração continua: nove meses como teatro e três meses como cinema de Arte e Ensaio. Mas esse projecto não foi autorizado. E agora surgiu a grande oportunidade: o Trindade.

«O contrato ainda não está assinado. Mas contamos entrar para lá em princípios do próximo mês de Maio e, no mínimo, durante um ano.

Manuel Paião salienta:

— Evidentemente que há nomes com que contamos para o nosso elenco: mas quase todos estão comprometidos com outras empresas e não convém dizer hoje quem são. Mas posso acrescentar que Milu, Maria Valejo e uma grande «estrela» espanhola figuram no primeiro cartaz da revista.

Sobre festivais de canções:

— A nossa parceria vai apresentar uma composição e um cançonetista nos concursos de Las Vegas (Estados Unidos), de Split (Jugoslávia) e de Atenas (Grécia). Entendemos que os autores e os interpretes portugueses devem comparecer em todos os festivais que se realizem no estrangeiro: mesmo sem a menor protecção das nossas casas editoras, mesmo sem qualquer apoio da generalidade das entidades oficiais. Ainda que isolados no seio de grandes organizações podemos lutar com um pouquinho de força...

Mas só a partir de Agosto?

Entretanto, procurámos auscultar a confirmação desta notícia junto da direcção do Teatro Trindade. Por ausência no estrangeiro do dr. Serra Formigal, o secretário do director do Trindade disse-nos:

— Este teatro foi adquirido, em 1962, pela F. N. A. T. e já há bastantes anos que nele não se representava nenhuma revista. Nestes últimos sete anos apenas se têm feito aqui espectáculos de teatro declamado, ópera e concertos musicais.

Concluí:

— Porém, a data apontada pelos srs. Eduardo Damas e Manuel Paião como início da sua exploração deverá ter de ser modificada: a 1 de Maio inicia-se no Trindade a época de ópera que se prolonga até 31 de Julho.

«Assim creio que, a concretizar-se a cedência do Trindade, ela apenas poderá processar-se de 1 de Agosto em diante. Mas esse é um problema que apenas o dr. Serra Formigal poderá esclarecer melhor. E o meu director só dentro de dias regressa a Portugal.

Chegou hoje a Lisboa a cançonetista Frida Boccara (de 32 anos, natural de Casablanca) que vem actuar, no decorrer da época carnavalesca, no Hotel de Ofir. Ex-intérprete de Wagner, com cursos de grego e latim, Frida Boccara foi uma das quatro artistas que triunfaram no último festival da Eurovisão

VASCO MORGADO
apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
HOJE, às 21 horas e às 23 horas

MARIA é o belo manequim que veste e despe o vison na comédia

O VISON VOADOR
com
Raul Solnado
Io Apoloni ✲ Artur Semedo ✲ Fernanda Borsatti ✲ Vasco de Lima Couto ✲ Yola ✲ David Silva ✲ Georgina Cordeiro ✲ Rolando Alves ✲ Maria e a colaboração de Maria Paula

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

RESTAURANTE S. MIGUEL
NAZARÉ
Funcionamento normal durante os 4 dias carnavalescos.
Sábado e 2.ª-feira — 2 bailes com ceia — 2 conjuntos musicais
Domingo durante os almoços — presença do Rancho TÁ-MAR. Marcações e informações pelo telefone 46105

CARNAVAL EM «A KAVERNA»
«RESTAURANTE TÍPICO»
JANTAR OU CEIA
(EMENTA ESPECIAL)
FADOS PELOS CONSAGRADOS ARTISTAS
MARIA SILVA — BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
TINA SANTOS E FERNANDO MAURÍCIO
COM ACOMPANHAMENTO DE
JOÃO ALBERTO — MANUEL MARTINS
MÚSICA PARA DANÇAR PELAS MELHORES ORQUESTRAS
MÚSICA GRAVADA
TRAVESSA FIÉIS DE DEUS, 34 — LISBOA
MARCAÇÕES PELO TELEFONE 35591 (M. 17 anos)

Sociedade «ESTORIL»
Inquérito sobre horários
Pretendendo a «ESTORIL» que o resultado do Inquérito em curso represente a opinião de todos os Senhores Assinantes, única forma de poder dar satisfação à maioria dos seus utentes, vem pedir o favor de todos darem a sua opinião, até ao dia 10 de Fevereiro.
Os talões podem ser pedidos, e serão recebidos, em qualquer estação contra a apresentação da respectiva assinatura.

Economia espanhola: advertência da OCDE

PARIS, 6 — (R.) — A Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.) avisou hoje que importantes desequilíbrios surgirão este ano na economia espanhola a não ser que o Governo tome agora medidas para refrear a procura.

«Na falta de medidas apropriadas anti-inflacionárias, as perspectivas para 1970 seriam de continuação do rápido crescimento da procura doméstica, com pressões cada vez maiores na balança de pagamentos e preços» — diz a O.C.D.E. num relatório sobre a economia espanhola.

As perspectivas da actual situação económica em Espanha, que forneciam razões para preocupação, incluíam uma deterioração na conta corrente da balança de pagamentos do ano passado, com um provável «deficit» de cerca de 500 milhões de dólares.

Embora não se presumisse que um grande desequilíbrio se desenvolvesse já, era relevante que o «deficit» tivesse ocorrido num ano quando o comércio mundial aumentou de uma maneira excepcionalmente rápida e, assim, os efeitos completos da desvalorização em Espanha em 1967 deveriam aparecer — continuava o documento.

Os salários estavam também a subir mais rápidamente e isso era «incompatível com a manutenção de um grau desejável de estabilidade a longo prazo».

Havia várias indicações de que se concluira que a procura doméstica aumentasse com demasiada rapidez em consequência de se pretender manter condições económicas razoàvelmente estáveis.

Os aspectos favoráveis da situação, a seguir á desvalorização, incluiam uma melhoria acentuada na balança de pagamentos em 1968, estabilidade dos preços e a expansão de investimentos produtivos, acrescentava a O.C.D.E.

O PRETO NO BRANCO, ATRAVÉS DO SEU BANCO

Realize os seus projectos, através do CRÉDITO INDIVIDUAL do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

PEDIDO DA ESPANHA AOS EUA

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — O Governo espanhol pediu aos Estados Unidos para beneficiar do sistema de preferências pautais generalizado a favor dos países em vias de desenvolvimento, que está a ser discutido pela O.C.D.E. por proposta dos Estados Unidos.

Num comunicado publicado pelo Departamento de Estado, no final da reunião em Washington da comissão económica americano-espanhola, de 2 e 4 do corrente, esclarece-se que a delegação americana registou este pedido e expôs as bases em que os Estados Unidos desejam negociar a criação desse sistema com os outros países industrializados membros da O.C.D.E. Acrescenta-se que as discussões entre as duas delegações giraram sobretudo á roda do comércio, da política de aplicações de capitais e da balança dos pagamentos dos dois países.

TRÉGUAS VIOLADAS NO VIETNAM

SAIGÃO, 6 — (A. N. I.) — As forças norte-vietnamianas e do Vietcong violaram 68 vezes as tréguas do novo ano lunar, durante as primeiras doze horas — anunciou hoje um informador militar norte-americano.

Foram mortos 95 comunistas e capturados cinco, em 43 dos incidentes provocados pelos guerrilheiros. Por sua vez, os norte-americanos tiveram dois mortos e dezoito feridos, enquanto as baixas sofridas pelos sul-vietnamianos foram classificadas como tendo sido «ligeiras».

Durante os incidentes, foi abatido um helicóptero norte-americano e bombardeados pelos comunistas dois postos avançados norte-americanos, concluiu o informador.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Actualidade internacional

A URSS porá à disposição dos árabes tudo o que for necessário para a expulsão dos agressores

— diz Kossyguine na sua mensagem

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O chefe do Governo russo, Alexei Kossyguine, na mensagem enviada aos Estados Unidos, Inglaterra e França, adverte aqueles países de que a U.R.S.S. «porá á disposição dos árabes tudo o que for necessário para expulsar os agressores» se Israel continuar com os seus ataques contra os seus vizinhos árabes — escreve hoje o jornal oficioso «Al Ahram», do Cairo.

ACUSAÇÃO ISRAELITA

WASHINGTON, 6 — (R.) — A Embaixada israelita acusou a noite passada a União Soviética de tentar safar o presidente Nasser, do Egipto, das dificuldades que lhe foram criadas pelos recentes ataques aéreos e terrestres judaicos.

Dizia também que desde a guerra de Junho de 1967 a União Soviética fornecera ao Egipto, Síria e Iraque armamento no valor de 3050 milhões de dólares.

As acusações estão incluídas num documento de História Política divulgado pela Embaixada e distribuído á Imprensa.

As recentes notas soviéticas ao Ocidente sobre a situação no Médio Oriente eram destinadas, segundo a Embaixada, a safar o presidente Nasser das suas dificuldades e a justificar a continuação do fornecimento de armas russas ao Egipto.

NASSER e Rashid Karane, primeiro-ministro do Líbano, durante as conversações entre os dois homens de Estado, por ocasião da recente visita do chefe do Governo libanês ao Cairo

NASSER AMEAÇA DEMITIR-SE

— AFIRMA O JORNAL LIBANÊS «LE JOUR»

BEIRUTE, 6 — (A. N. I.) — O presidente Nasser, do Egipto, declarou que se demitirá se na reunião dos dirigentes árabes, que amanhã se inicia no Cairo, estes não concordassem em fazer a guerra contra Israel — afirma hoje o jornal libanês «Le Jour», que se publica em Beirute.

Nasser teria feito esta declaração ao antigo embaixador norte-americano no Cairo, John Badeau, que visitou o Cairo e Beirute na semana passada — acrescenta o jornal, que cita círculos diplomáticos fidedignos».

AL BAKR AUSENTE

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O presidente do Iraque Ahmed Hassan Al Bakr não assistirá á conferência dos Estados Árabes em em guerra com Israel que se inicia amanhã no Cairo, por causa da concentração de tropas da Pérsia, junto da fronteira entre os dois países árabes — afirma-se em círculos diplomáticos da capital egípcia.

FIM DA CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR

CAIRO, 6 — (F. P.) — O comunicado final da conferência interparlamentar do Cairo foi aprovado por aclamação.

Contudo, certas delegações (Holanda, Suiça e Canadá), que tentaram sem êxito introduzir emendas no texto, declararam que a redacção dada aos capítulos relativos ás acções militares israelitas não mereceu o seu acordo, pelo que não se consideram obrigadas pelo conteudo do comunicado final.

EMBOSCADA EGÍPCIA

TEL-AVIV, 6 — (A. N. I.) — Um comando egípcio efectuou ontem uma emboscada a uma patrulha motorizada do Exército israelita na margem do Canal de Suez, ocupada pelos israelitas — declarou hoje um informador militar de Israel, acrescentando que o ataque desencadeou um combate em que participaram forças blindadas, artilharia e aviação, e que durou sete horas.

Morreram quatro israelitas — dois oficiais e dois sargentos — e um veículo israelita foi atingido pelo fogo dos egípcios, acrescentou o informador.

As forças israelitas contaram cinco corpos de soldados egípcios flutuando nas águas do canal, na zona onde se travou o combate. Os egípcios sofreram «outras baixas» e um barco do «comando» egípcio foi afundado, concluiu o informador militar israelita.

O TABACO PROVOCA CANCRO PULMONAR

(Continuação da 1.ª página)

Oito cães com «pedigree» foram utilizados como um grupo de «contrôle» e não foram ensinados a fumar. Os outros foram submetidos a cirurgia para lhes ser introduzido um tubo na traqueia. De cada vez que um cão la fumar, o tubo estava ligado a um aparelho sustentando um cigarro aceso.

As experiências duraram cerca de dois anos e meio e terminaram com os cães fumadores sobreviventes viciados no tabaco e «exigindo uma cigarrada».

Os «fumadores» começaram os ensaios de 875 dias, lentamente, mas, na altura que acabaram, alguns fumavam nove cigarros por dia — o equivalente a 20 cigarros por dia para seres humanos.

Vinte e oito dos cães morreram na altura em que as experiências terminaram, muitos de doenças pulmonares, pelo menos, quatro de cancro.

SABOTAGEM ÁRABE

NAVIO ISRAELITA AFUNDADO EM EILAT

EILAT (Israel), 6 — (R.) — Homens-rãs árabes afundaram, esta madrugada, um navio auxiliar da Marinha israelita no porto de Eilat e danificaram outro que se encontrava ancorado junto do primeiro.

O segundo barco, atingido á proa pelas cargas submarinas, foi salvo do afundamento pela rápida atitude tomada pela tripulação, que o encalhou na praia.

Há 15 dias o porto de Eilat tinha sido abalado por uma explosão que causou 24 mortos, na sua maioria soldados que descarregavam munições.

Os guerrilheiros palestinianos anunciaram ter sido autores da sabotagem que provocou a explosão das munições mas um inquérito oficial israelita atribuiu o caso a acidente por negligência.

Anteriormente, homens-rãs egípcios efectuaram uma operação semelhante á de hoje, danificando dois barcos.

Mais tarde, o ministro da Defesa, general Dayan, acompanhado pelo chefe de Estado-Maior e pelo comandante da Marinha, chegou a este porto para inspeccionar os estragos e disse aos jornalistas que esta operação dos homens-rãs egípcios nada tinha de extraordinário, inserindo-se na série de ataques aos militares.

Estas operações em nada afectam as operações militares israelitas contra o Egipto. Segundo declarou, os ataques israelitas são motivados pelo facto dos egípcios se recusarem a entrar em negociações de paz e não respeitar o cessar-fogo.

«O nosso objectivo é atingi-los de forma tão dura que eles deixem de lutar», afirmou Dayan.

INDEMNIZAÇÃO POR CAUSA DO RUÍDO DE AVIÕES

LOS ANGELES, 6 — (R.) — Os proprietários de cerca de 600 casas situadas á volta do aeroporto internacional de Los Angeles receberam um milhão de dólares de indemnização pelos estragos causados nas suas casas pelo ruído dos aviões a jacto.

O juiz Bernard Jefferson, ao dar como ganha a acção que os proprietários tinham movido contra o município de Los Angeles, disse no tribunal: «Os aviões a jacto são uma necessidade e os habitantes dos centros urbanos devem por isso suportar um certo grau de desconforto, mas existe um limite para os prejuízos inconvenientes que os moradores devem suportar sem receberem uma indemnização.

Inicialmente 720 proprietários de casas tinham pedido indemnizações no total de quinze milhões de dólares quando o processo teve início há seis anos, mas o juiz Jefferson decidiu que apenas 589 casas tinham sofrido prejuízos ou tinham ficado com o seu valor reduzido em consequência do ruído

O submarino soviético colidiu com um paquete

— segundo o «Daily Express»

LONDRES, 6 — (F.P.) — Parece que a avaria sofrida há dias por um submarino soviético se deveu ao abalroamento com o paquete italiano «Angelina Laura» que transportava emigrantes para a Austrália, anuncia o «Daily Express» na sua ultima edição. A colisão verificou-se em 10 de Janeiro, próximo de Ischia, no golfo de Nápoles. O navio ficou com o hélice e o lema gravemente danificados, tendo de fazer escala em Génova para as necessárias reparações que implicaram sete dias de imobilização. O paquete largara de Southampton em 3 de Janeiro com destino a Fremantle na Austrália.

Segundo o «Daily Express», um passageiro britanico escreveu a um dos seus familiares, indicando que o choque fora bastante forte para derrubar as pessoas que seguiam a bordo. Tendo ele perguntado o que se passava responderam-lhe que fora uma colisão com um submarino soviético.

SOCORRO A PRESTAR PELO «MOSKVA»

ALGECIRAS, 6 — (F. P.) — O porta-helicópteros soviético «Moskva» entrou ontem de manhã no Mediterrâneo pelo estreito de Gibraltar, soube-se em Algeciras de fonte oficial.

Parece provável, indica a mesma fonte, que o «Moskva», se dirigirá para a zona onde se encontra o submarino soviético avariado (segundo certas indicações, ao largo do enclave espanhol em Marrocos, a 135 milhas aproximadamente de Gibraltar) a fim de lhe prestar assistência.

«Supercarro» a vapor que atinge 320 km/h

SYDNEY, 6—(R.) — O trabalho secreto de dois anos de um construtor desta cidade, terminou hoje num elegante supercarro com um motor rotativo a vapor capaz de atingir 320 quilómetros á hora.

O carro chama-se Gvang (pronuncia-se Jivang) devido ao nome do seu desenhador, Genr Van Grecken, que afirmou hoje na cerimónia da apresentação ser o seu carro uma resposta ao problema da poluição criada pelos veículos convencionais.

A alta potência e velocidade do supercarro é dada por um motor rotativo accionado a vapor, aquecido, comprimido a uma pressão de 70,3 kg, por centímetro quadrado numa pequena caldeira aquecida a gasóleo. A velocidade do Gvang é regulada pela quantidade de gasóleo que chega ao queimador da caldeira.

A carroçaria, em alumínio, não tem portas, levantando-se o tejadilho para entrarem os passageiros.

O carro não tem embraiagem, nem caixa de velocidades e proporciona uma visão panorâmica total visto não ter pinázios no pára-brisas. Os travões são constituídos por três circuitos hidráulicos independentes e, segundo Van Grechken, faz muito pouco barulho.

TROPAS DO SALVADOR INVADIRAM AS HONDURAS

TEGUCIGALPA (Honduras), 6 — (A. N. I. e R.) — As tropas do Salvador invadiram ontem as Honduras, num ponto a 100 quilómetros a Oeste de Tegucigalpa, anunciou o Ministério da Defesa.

Na luta que se travou perto da povoação de Sabenatas, morreram quatro soldados das forças invasoras e ficou ferido um hondurenho, acrescentou o Ministério da Defesa.

As primeiras informações aqui recebidas dizem que no combate as forças nacionais tiveram um ferido e causaram quatro baixas aos salvadorenhos.

O comunicado diz, ainda, que um avião do país vizinho violou o espaço aéreo das Honduras.

Conversações de paz entre os dois países tinham começado na Costa Rica, no passado dia 27 de Janeiro, para tentar pôr fim ao conflito armado que surgiu entre os dois países no ano passado, em consequência das rivalidades nacionais, agravadas pela eliminatória disputada entre os dois países a contar para o Campeonato Mundial de Futebol.

COLÓQUIO DE AVICULTORES

Produtores de «pintos do dia» querem associar-se contra os «fabricantes de pintos»

Um colóquio de 32 avicultores especialistas em aviários de multiplicação marcou a sessão de hoje das segundas «Jornadas Médico-Veterinárias Avícolas».

— *Há o maior interesse e toda a oportunidade de se constituir a associação dos aviários de multiplicação. A modalidade que deve ser adoptada para o fim em vista terá de derivar da opção entre associação independente ou integração numa organização já existente* — disse-nos o comissário-geral das jornadas, dr. Mário Teixeira, também director da Associação dos Avicultores de Portugal e vice-presidente da Comissão Directora da Confederação Ornitológica Muncial.

Avicultores de Sesimbra, Loulé, Campo de Besteiros, Mortágua, Mealhada, Tomar, Barreiro de Besteiros, Vila Nova da Baronia, Vila Franca de Xira, Vila Nova da Rainha, Abrigada, Caramulo, Pontével, Porto de Ave, Oliveira do Hospital, Rio Frio, Estoril e Lisboa debruçaram-se toda a manhã em torno dos problemas que pendem sobre a industria.

— *Esperamos que este colóquio constitua um marco a assinalar a fundação da Associação dos Avicultores de Portugal para o Comércio e Industria Avícolas* — disse-nos o dr. Luís Vieira de Castro, que serviu de moderador ás interferências dos oradores.

E acrescentou:

— *As crises resultantes de excedentes de oferta de «pintos do dia», que tantos e tão vultuosos prejuízos causam aos avicultores de multiplicação organizados, resultam (fundamentalmente) da existência de «fabricantes de pintos», que trabalham á margem da legislação em vigor.*

Existem 52 aviários de multiplicação. Mas os chamados «fabricantes de pintos», para montarem o seu negócio, não necessitam mais do que uns escassos milhares de escudos, pois basta disporem duma cave ou dum sótão, adquirir (a prestações) um grupo de incubação, comprar os ovos no mercado e vender os pintos, indiferentes á qualidade dos reprodutores.

E o dr. Luís Vieira de Castro concluí:

— *Isoladamente, será difícil lutar contra esta grave situação.*

Por seu turno, o sr. Francisco Vieira Caldas assegurou-nos:

— *O «pinto do dia» vende-se, neste momento, a preços que oscilam entre 4 e 5$50. Precisamos de estabilizar o seu custo e o preço da sua venda no mercado. Para isso vamos criar uma entidade que salve os nossos interesses e nos represente oficialmente junto do Estado.*

E os avicultores ficaram em debate. Temas no ar: pintos, galinhas, rações, mercados, preços. É a luta do comércio organizado contra a intromissão de «franco-atiradores» no seu negócio.

O dr. Mário Teixeira usando da palavra no decorrer do colóquio dos avicultores

A porta da Escola António Arroio, «Pippi» e os seus amigos divertiram-se á grande e... á porta

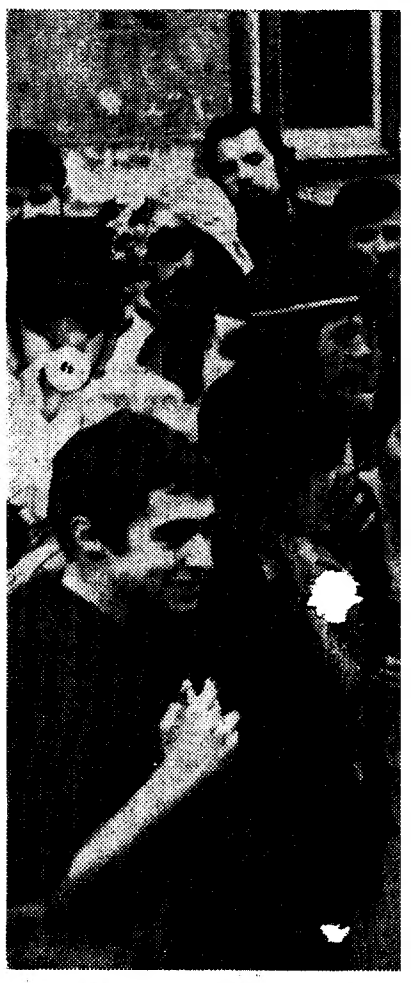
COM A «PIPI» DAS MEIAS ALTA

O CARNAVAL COME NO LARGO D. ESTEFA

Uma «Pippi» de pernas (e meias) mais altas que as da «garota endiabrada» nossa conhecida da TV não conseguiu, esta manhã, entrar na escola, porque andava a brincar com índios, damas da «Belle-Époque», «companheiros do balde» (e não do Baal...), homens invisíveis e outras figuras mais ou menos exóticas.

Claro que isso aconteceu porque o Carnaval está á porta, embora o director da escola da nossa divertida «Pippi» considere que isso só acontece amanhã, quando forem decretadas as férias oficiais.

Impecàvelmente mascarados, muitos folgazões — ou não fossem alunos da Escola de Artes Decorativas António Arroio — encheram de cor e movimento ainda maior do que o já co rante sede e o L E l os se brinc



Os alunos da Antón

DECISÃO DO CONSELHO ESCOLAR DO I. S. C. E. F.

Por decisão do Conselho Escolar do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras foram encerradas as aulas na escola até ao próximo dia 14 do corrente. Os alunos tiveram conhecimento da decisão através de um comunicado, afixado nas instalações universitárias e com a data de 4 e assinado pelo director substituto prof. Fernando Vieira G. da Silva.

Aquele comunicado é do seguinte teor:

A necessidade que houve de fazer ampla consulta aos corpos docente e discente do Instituto acerca (entre outros assuntos) da marcação de exames de 1.ª frequência impediram que se anunciasse com mais antecipação as respectivas datas.

Em virtude destas circunstâncias o Conselho Escolar no desejo de facilitar a preparação dos alunos, deliberou que as aulas encerrem hoje e reabram no próximo dia 14.

A matéria sobre que versarão os referidos exames, quer em primeira quer em segunda chamada, será a que tiver sido dada até esta data.

Os professores e assistentes que ainda o não tenham feito afixarão o sumário da última lição que hajam dado.

A TAP vai receber mais um «Boeing 707»

Para proceder á certificação nacional do sexto «Boeing 707-382 B» (matrícula CS-TBF) adquirido pela TAP, parte amanhã para Seattle (E. U. A.), o director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vilar Queiroz, acompanhado do chefe da Repartição de Material de Voo da mesma Direcção-Geral, eng.º Almeida Viçoso.

Compete aos referidos delegados proceder á recepção e exame técnico do novo avião que é o décimo-primeiro no plano de renovação e reforço da frota da Companhia nacional.

A cerimónia da entrega oficial está marcada para o dia 13 deste mês na fábrica da empresa construtora em Boeing Field, sendo o avião esperado em Lisboa no dia 16.

Agostinho da Silva vai falar no I. A. D. E. sobre cultura portuguesa

«A Expansão da Cultura Portuguesa no Mundo», é o tema da conferência que o prof. Agostinho da Silva, profere hoje, às 21 e 30, no IADE — nstituto de Arte e Decoração, á Rua do Alecrim, 70 (Palácio Quintela).

Entretanto, aquele Instituto informa que está já programado pedagógicamente o cruzeiro de estudo ao Mediterrâneo em que participa um grupo de alunos e professores.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO

á portuguesa

LTAS

EÇOU

FÂNIA

já costumado a Rua Almirante Barroso, onde fica a sede da escola, o Saldanha e o Largo de D. Estefânia.
E lá ficaram a «Pippi» e os seus divertidos amigos a brincar no meio da rua.

Devido a casos de tifo só funciona no hospital de Espinho o serviço de urgência

ESPINHO, 6 — Desde segunda-feira que, após uma reunião dos directores clínicos, apenas funciona o Serviço de Urgência do Hospital de Nossa Senhora da Saude, nesta vila, em consequência de estar ali em curso uma completa esterilização de todo o material e das salas, por ter ocorrido, há quinze dias, a morte de dois recém-nascidos com sintomas de tifo. Daí resultou um pequeno surto epidémico, que afectou, também, o pessoal.

Os doentes ali internados foram para o Hospital Joaquim Urbano, no Porto, onde está, igualmente, internado parte do pessoal, felizmente sem perigo.

Em Espinho continuam, entretanto, alguns doentes nas enfermarias: um na de cirurgia e diversos na de medicina, todos do sexo masculino. Crê-se, porém, que dentro de dias, e após as esterilizações, o hospital volte a funcionar normalmente.

Todos estão contentes com a descida do preço do peixe: vendedeiras, donas de casa e até os donos de restaurantes. O sr. Manuel Gonçalves, que tem dias de comprar 20 a 30 quilos de peixe, diz que nos ultimos dias tem poupado 20$00 em quilo

BAIXOU O PREÇO DO PEIXE

(Continuação da 1.ª página)

Desta fartura e baixa de preço, que nem todos acham ainda suficientes, saiu prejudicado o peixe congelado. Só duas ou três bancas das muitas que existem no Mercado 24 de Julho tinham hoje pescada congelada. E note-se que sem fregueses.

Afirmou-nos a dona de casa sr.ª D. Lúcília Valente de Almeida:

— Sim, o peixe está mais barato do que tem estado. Muito, muito não está, mas está um bocadinho...

Mostrou-nos depois o seu saco em que levava gorás, pescada e ruivo. Tinha gasto 88$50. O peixe devia estar ainda mais barato, disse-nos.

O dono do Restaurante Perus, sr. Manuel Gonçalves, que estava a comprar peixe, afirmou-nos:

— Nos ultimos dias tenho poupado uma média de vinte escudos em quilo.

A vendedeira Maria José Ruela foi mais além:

— Há peixes em que tem poupado mais de trinta escudos em quilo!

O sr. Manuel Gonçalves, que compra 20 a 30 quilos de peixe, com a baixa de preços gasta menos 400$00 a 900$00 do que há dois meses na mesma quantidade de peixe.

Se o tempo continuar bom...

Como dissémos já, a baixa de preço abrangeu quase todos os peixes.

A pescada branca também sofreu baixa sensível. Há duas semanas estava a 40$00, 45$00 e 50$00; vendia-se hoje a 22$00, 24$00 e 26$00. As diferenças não são tão espectaculares quanto aos outros peixes. O robalinho, por exemplo, que estava a 45$00, marcava hoje 38$00. O pargo legítimo que ia de 26$00 a 46$, conforme a frescura, via-se hoje na banca, muito fresco, a 28$00 o mais caro.

Se o tempo continuar bom e a fartura do pescado não diminuir veremos talvez acentuar-se a descida do peixe. Congratulam-se as donas de casa e as vendedeiras, umas porque poupam e outras porque ganham mais. Esperemos que as especulações não turvem esta agradável perspectiva.

PEDRO BORDALO PINHEIRO

Comemorando o 28.º aniversário da morte de Pedro Bordalo Pinheiro, um dos impulsionadores do prestígio e da expansão do «Diário de Lisboa», cuja memória, com o seu admirável exemplo, permanece bem viva entre nós, foram celebradas ao fim da manhã de hoje, na basílica dos Mártires, duas missas de sufrágio mandadas rezar pela família deste nosso inesquecível amigo e pelo conselho de administração da Renascença Gráfica.

Todas as secções do «Diário de Lisboa» estiveram representadas, assistindo também ás cerimónias muitos amigos e admiradores de Pedro Bordalo Pinheiro.

Acompanharam a viúva, sr.ª D. Elisa Bordalo Pinheiro, e sua filha, sr.ª D. Maria Teresa Bordalo Pinheiro Pereira da Rosa, e associaram-se a estas homenagens o nosso director, sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, e ainda o sr. dr. João Ruella Ramos, da administração da Renascença Gráfica, e sua esposa, sr.ª D. Germana Marques Pinto Ruella Ramos.

Levantado o defeso à pesca da sardinha

OLHÃO, 6 — Causou geral satisfação nos centros piscatórios algarvios a notícia de ter terminado o «defeso» da pesca da sardinha, que impunha a paralisação, por três longos meses, daquela actividade, dificultando assim o abastecimento público.

Enquanto as traineiras de pesca, por força da Lei, se mantinham nos ancoradouros, os arrastões espanhóis vinham, e vêm, ás nossas águas destruir todas as espécies, contribuindo assim para a grande crise existente nos centros piscatórios.

Entretanto no que se refere á indústria conserveira, a proibição de fabrico começou no dia 1 do corrente e só terminará no fim de Março.

Satisfação Em Setúbat

SETUBAL, 6 — A Direcção-Geral da Marinha (Direcção de Pescarias), determinou que, este ano, não seja observado o período de defeso da pesca da sardinha, que iria de 15 do corrente a 31 de Março.

Esta determinação veio ao encontro das aspirações dos industriais da pesca e das conservas, bem como dos milhares de trabalhadores que têm nas referidas indústrias, a base do seu sustento; e será uma compensação da deficiente safra pela escassez de sardinha que se tem verificado.

Em três linhas

O dr. José Pinto Peixoto, da Faculdade de Ciências de Lisboa, foi nomeado director do Instituto Geofísico do Infante D. Luís.

///

Saiu hoje no «Diário do Governo» a nomeação do eng.º Vaz Pinto para presidente do Conselho de Administração da TAP, lugar que ocupara antes de ser ministro da Presidência e de que já tomou posse.

O AR COMPRIMIDO COMO FONTE DE ENERGIA – tema de uma conferência integrada na Semana de Engenharia do I. S. T.

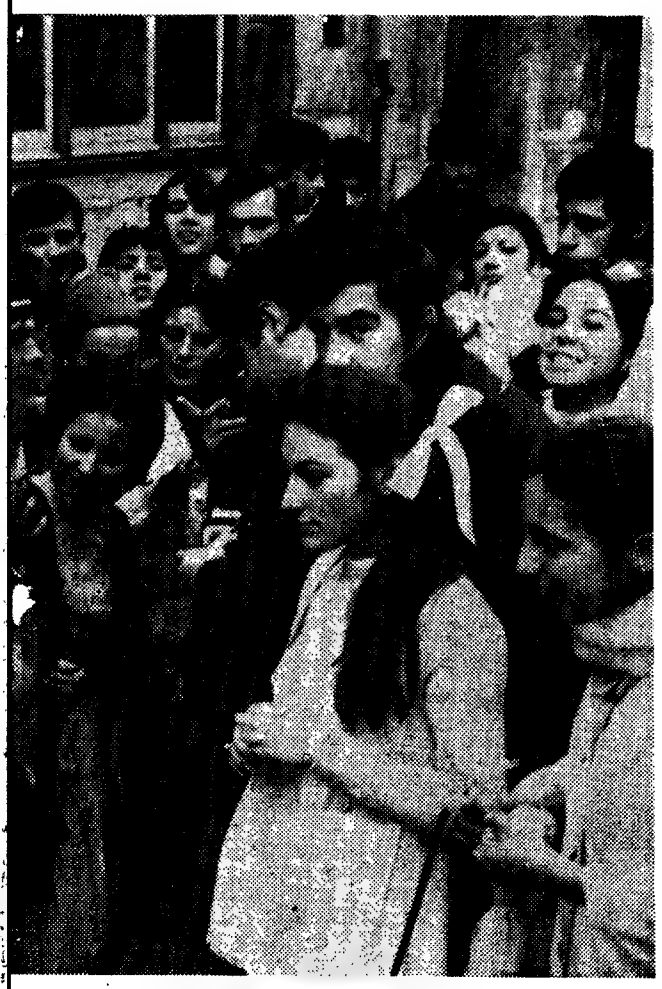
O Instituto Superior Técnico promoveu uma Semana de Engenharia Electromecânica com a finalidade de contribuir para uma melhor informação prática dos estudantes no campo da tecnologia. Simultâneamente estas iniciativas têm ainda o objectivo de facilitar a comunicação entre os finalistas dos cursos de Engenharia e a Indústria, a qual correspondeu ao convite do I. S. T. realizando sessões áudio-visuais dirigidas pelos seus próprios técnicos.

A Semana de Engenharia Electromecânica iniciou-se no dia 29 e termina hoje com uma Mesa-Redonda sobre «Planeamento do Ensino — Relação entre o Ensino e a Investigação. Trabalhos de grande actualidade foram apresentados aos estudantes, como os subordinados aos temas «Recuperação da água do mar», «Trabalho de um cérebro electrónico». «Condicionamento Industrial», etc.

A sessão de ontem teve a contribuição do eng.º Jorge Olfuentes, técnico da Atlas Copco que falou sobre «Ar comprimido como fonte de energia», focando particularmente os aspectos de segurança no trabalho, economia de exploração e polivalência do ar comprimido utilizável como força motriz.

A conferência foi acompanhada de projecção de filmes que mostraram aos estudantes o vastíssimo leque de aplicações do ar comprimido, tanto na racionalização das técnicas de minas como nas de construção e indústria.

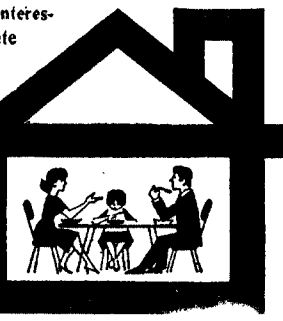
Estas iniciativas da nossa Universidade em colaboração com a Indústria devem ser acarinhadas tendo em vista uma melhor formação prática dos estudantes.



António Arroio em vésperas de Carnaval

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 324564

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

obeso ?
o seu problema alimentar será fácilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.
Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.

CENTRO DIESE
de alimentação racional
AVENIDA DA REPÚBLICA, 46-R/C
TELEFONE 76 71 41 LISBOA1

FOI OU NÃO CRIME?

O cadáver de Carcavelos é o de Rex Wood

—segundo a Polícia Judiciária

A Directoria da Polícia Judiciária confirmou, hoje, oficialmente, que o cadáver recolhido em Carcavelos é o do pintor australiano desaparecido, no dia 24 do passado mês, de sua casa do Estoril.

«Temos a certeza absoluta de que é o corpo do pintor» — disse aos jornalistas, esta manhã, o dr. Vaz Sequeira, subdirector da P. J.

«A Polícia baseia-se em três factores para afirmar isto: 1 — As impressões digitais do cadáver coincidem com algumas encontradas em casa do pintor. 2 — O cadáver tinha uma placa dentária, e foi encontrada em casa de Rex Wood uma placa semelhante; amigos do pintor disseram ontem ter reconhecido o corpo.

A comparação das impressões digitais não pôde ser feita de uma forma mais segura porque o passaporte de Wood não tinha impressões digitais. Só a placa, portanto, é o elemento válido para esta identificação.

Entretanto, a mando da autoridade consular britânica, o funeral efectua-se, esta tarde, para o cemitério inglês.

Por outro lado, é incompreensível a demora da entrega do relatório da autópsia, feita há alguns dias. Esse relatório é indispensável para se apurar se houve ou não crime.

Entretanto, o pessoal da Casa dos Plátanos, em cujo parque Wood habitava num pavilhão, continua sem acreditar que o corpo recolhido seja o de Rex Wood, bem como o eng.º Posser de Andrade, amigo do desaparecido, que não reconheceu o cadáver, apesar deste ter as feições suficientemente conservadas para um reconhecimento sem dúvidas.

O comandante da Polícia de Cascais, tenente Salvador Neto, diz, por seu lado, não conseguir compreender a alteração do cabelo. Wood tinha forte cabelo branco, cortado curto, e o cadáver é calvo, com cabelo castanho-grisalho dos lados. A Polícia de Cascais foi afastada das investigações, e o seu comandante entregou ontem uma carta anónima na P. J., em que se denunciava um antiquário como sendo íntimo do desaparecido e, simultâneamente, conhecido em certos meios como uma pessoa bem relacionada com rapazes para irem a festas.

Nenhum dos dados apresentados pela Polícia pode, no entanto, ser considerado como definitivo para a identificação do cadáver.

As impressões digitais do morto coincidindo com outras recolhidas no pavilhão da Casa dos Plátanos só pode demonstrar que pertencem a uma pessoa que esteve naquela casa. Se se tratar de pessoa diferente, não se estranhará que um amigo do pintor guarde em casa deste uma placa dentária. Só o testemunho das pessoas (três ingleses) que o identificaram tem valor, para este caso. No entanto, sabemos de fonte segura que um deles, disse não poder ter a certeza de que se trata de Rex Wood ou não. A pessoa em causa conhecia o pintor há 30 anos.

A única forma de se poder ter a certeza pela comparação dactiloscópica é a confrontação das impressões do cadáver com as de Rex Wood, que deveriam ser pedidas para a Austrália.

A incompreensível demora da entrega do relatório da autópsia embaraça agora as investigações. Uma fonte ligada ao tribunal judicial de Cascais afirmou que «há coisas estranhas que a autópsia revelou». Nada mais se sabe.

Thomas Reginald Wood, de 64 anos, viveu os últimos 40 anos no Estoril. Era relacionado com as melhores famílias nacionais e estrangeiras. Na «Villa Itália», por exemplo, residência de Humberto de Sabóia, figura um retrato a óleo do ex-rei, pintado pelo artista. Humberto de Itália teria ficado profundamente impressionado com a morte do pintor, que poderia ter ocorrido na própria noite de 24, data em que o antigo monarca deu uma festa tradicional a amigos íntimos. O ex-soberano partiu para França dias depois do caso ter sido tornado público.

A Polícia, entretanto, prossegue nas investigações para apurar o máximo de pormenores possíveis sobre a vida do pintor, apesar de não saber ainda — e isso compete aos médicos legistas — se houve crime ou não.

Quaisquer dos ingleses que dizem ter reconhecido o corpo afirmam por seu turno que o pintor não era pessoa capaz de cometer suicídio.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

A assembleia geral ordinária do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, reuniu-se esta tarde, sob a presidência do sr. Pedro de Queiroz Pereira.

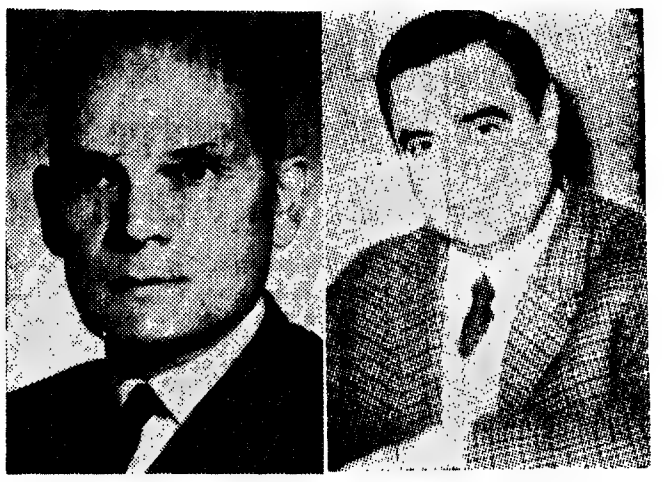
Iniciados os trabalhos e lida a ordem convocatória, o sr. Pedro de Queiroz Pereira, vice-presidente da assembleia geral, saudou os accionistas presentes e agradeceu á Imprensa a sua sempre valiosa colaboração, após o que pôs em estudo, para apreciação e votação, o relatório e contas do seu conselho de administração, documento de inegável importancia, tanto pelos resultados que apresenta como pela definição dos motivos que orientaram a gestão do banco durante o ano findo, cómo pelo destaque que aquela instituição bancária ocupa na vida portuguesa.

Depois do sr. dr. Manuel do Espírito Santo Silva, presidente do conselho de administração ter usado da palavra, a assembleia aprovou, por unanimidade, o relatório e as contas as quais apresentam um lucro líquido de 76 933 020$43.

Procedeu-se depois á eleição de dois administradores sendo reeleitos, por terem terminado os seus mandatos, os srs. Manuel Teixeira de Queiroz Pereira e eng.º Fernando Espírito Santo Moniz Galvão. Foram também eleitos dois membros para a mesa da assembleia geral.

Assembleia extraordinária

Conforme fora anunciado, realizou-se a seguir, a assembleia extraordinária do referido banco para aumento do capital social, alteração do valor nominal das acções e alterações de algumas disposições dos estatutos.



Dr. Pinheiro Torres e Gilberto Cardoso

Empate nas eleições para a presidência de uma Corporação

(Continuação da 1.ª página)

Tal não sucedeu, agora, na Corporação do Crédito e Seguros. Na votação para o cargo de presidente, efectuada ontem á tarde, os representantes gremiais apresentaram como can'didato (como habitualmente) um dirigente gremial. Mas os representantes dos sindicatos (seguros e bancários) resolveram solidàriamente, apresentar a candidatura para a presidência de um dirigente sindical.

O resultado foi — dada a paridade de votos preceituada no regimento—ficarem empatados para o cargo um representante do trabalho e um representante balho um representante do capital. E por muito estranho que pareça, o caso não está previsto. O regimento é omisso.

Vai ser pedido o parecer do ministro

Esta situação nova — que pode ter importante influência na vivificação das Corporações, na medida em que abre na prática perspectivas iguais para o capital e para o trabalho, até aqui admitidas apenas em pura teoria — surgiu, como dissemos, na Corporação do Crédito e Seguros, para preenchimento do lugar de presidente, vago em consequência do pedido de demissão do anterior presidente, eng.º Basílio Caeiro da Mata.

Os votos foram atribuídos pelos seis elementos gremiais presentes (seguros, bancos e casas bancárias e casas de câmbios) ao dirigente gremial dos seguros dr. Arnaldo Pinheiro Torres; pelos nove representantes sindicais presentes (seguros e bancários) ao dirigente do Sindicato de Seguros de Lisboa, Gilberto Cardoso

Dada a paridade estabelecida pelo regimento, a pontuação dos votos é equivalente: 54 pontos para o sr. dr. Arnaldo Pinheiro Torres e 54 pontos para o sr. Gilberto Cardoso.

Como o regimento é omisso na forma de resolver este caso, foi decidido solicitar o parecer do ministro das Corporações.

A não ser que se crie um princípio novo — de alternancia ou de bipresidencialismo — o impasse que ora surgiu pela primeira vez é difícil de ultrapassar dentro da justa imparcialidade que tem sido proclamada como um dos princípios básicos da doutrina corporativa.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	—	1.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 2.ª Série c.	—	—	825$
Externo 3.ª Série	—	720$	800$
Externo 3.ª Série c.	—	800$	—
Cautelas 3.ª Série	—	155$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P I. 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	907$	915$
C P. 5 1/2% 67	—	—	—
C U F. 6%	1.001$	1.000$	1.002$
C U F 6% 68	—	995$	997$
Gás Elect 4% 48	—	—	800$
Gás Elect 4 1/2% 51	830$	830$	850$
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.010$	015$
H. A. Alentejo 5%	—	815$	—
H. Cávado 5%	820$	815$	825$
H. Cávado 6%	—	997$	—
H. Douro 5%	—	—	—
H. Douro 6%	1.000$	—	1.000$
H. Norte Port. 5%	—	—	—
H. Estrela 6%	—	—	—
H. Zêzere 5% 55	1.002$	1.000$	—
H. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lanove 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	880$	—
Moçambique 5%	1.010$	1.006$	—
Nac Electr 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	850$	—
Nitratos 5% 60	—	800$	830$
Petroquímico 5%	—	790$	800$
Port Celul. 5%	850$	850$	860$
Sacor 5% 54	—	950$	—
Sacor 5% 60	—	920$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	890$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
T A P 4%	825$	800$	825$
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	810$	—	810$
U. E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	85$	87$
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	80$5	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.425$	2.420$	2.430$
Alentejo	1.190$	1.180$	1.190$
Angola	4.100$	4.050$	4.100$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	5.500$	5.550$
E. Santo	—	23.000$	25.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	20.000$	20.000$	21.000$
Fomento Nacional	—	2.560$	—
L. & Açores p.	7.500$	7.450$	7.550$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.400$	6.400$	6.450$
Portugal n.	3.300$	3.300$	3.320$
Portugal p.	—	—	4.350$
Totta Aliança	6.800$	—	6.800$
Ultramarino n.	3.700$	3.690$	3.720$
Ultramarino p.	3.950$	3.940$	3.960$
Seguros			
Alentejo	157$	157$	—
Douro	—	—	3.000$
Mundial	895$	890$	900$
Sagres	—	1.100$	2.400$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarina	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	850$	860$
Ag. Cassequel	810$	805$	820$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	345$	340$	350$
Borar	—	—	—
Buzi	88$5	86$	88$
Cabinda	236$	235$	240$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.850$	2.840$	2.860$
H E Revué	—	640$	670$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	193$	193$	194$
Sonefe n	480$	480$	—
Sonefe p.	500$	499$	500$
Zambézia	—	88$	89$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.750$	7.700$	7.750$
Cim Leiria	6.000$	5.950$	6.000$
Cim Tejo	7.600$	7.500$	—
Co Navegação	1.650$	1.630$	1.700$
C U F.	1.640$	1.630$	1.660$
Ind Aliança	—	650$	—
Nac Navegação	—	4.1150$	4.200$
Petroquímica	—	2.150$	—
Port e Colónias	—	1.500$	1.550$
Port Celulose	—	4.700$	4.900$
Port Pesca	1.100$	—	1.200$
Port Tabacos	800$	795$	800$
Sacor	4.800$	4.790$	—
Siderurgia Nac.	2.270$	2.260$	2.290$
Socel	—	3.630$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	—
U F Azoto	910$	—	910$
Água, Elect e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	435$	—
Aguas Lisboa 34	—	—	460$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	1.700$	1.700$	1.720$
Gás Electr	458$	455$	459$
H E Alto Alentejo	175$	174$	175$
H E Cávado	1.325$	1.320$	1.325$
H E Douro	1.325$	1.320$	1.320$
H E Norte Portugal	—	3115$	—
H E Estrela	1.750$	1.750$	1.800$
H E Zêzere	1.325$	1.320$	—
Nac Electricidade	1.325$	1.320$	—
Termoeléctr Port	1.325$	1.320$	1.325$
U E P	203$	202$	205$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	2118$5	225$
F I D E	—	1311$4	1355$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	30/1/70	5/2/70	6/2/70
GERAL	162,2	166,1	**166,4**
METROPOL.	150,9	156,4	**156,4**
ULTRAM.	244,9	237,6	**239,8**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$05	$08
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$80	5$20
Suíço — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$80	5$80
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouros		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«Dr. Marcus Welby»

NOVA SÉRIE DRAMÁTICA

Pelas 22 e 5 transmite-se o primeiro episódio da série dramática «Dr. Marcus Welby, com Robert Young no protagonista, James Brolin (dr. Steven Kiley) e Elena Verdugo (Consuelo Lopez).

«O médico Marcus Welby, sofre de um enfarte de miocárdio devido ao excesso de trabalho. Uma vida dedicada a salvar os seus semelhantes.

Por ordem dos seus colegas deve reduzir ao máximo a sua actividade, porém Welby não é homem para parar. Depois de várias tentativas para reduzir o seu trabalho e até de arranjar um assistente, homem de outra geração e com ideias novas...

OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS

Joaquim Manuel Magalhães, autor de «Os Homens, os Livros e as Coisas» que a R.T.P. transmite todas as sextas-feiras na rubrica «TV Juvenil» apresenta, pelas 19 e 45, dois jovens: João Cotrim, de 15 anos, e José António de Matos, de 16. O primeiro escreveu «Um poema sobre Lisboa», e o segundo o canto «A Pupila de Lisboa».

II PROGRAMA
NOITE DE CINEMA

Cerca das 22 horas, começa a exibição do filme «O Pirata dos Meus Sonhos», que preenche a rubrica «Noite de Cinema».

«O Pirata dos Meus Sonhos» foi já exibido na rede nacional em 30 de Março de 1965.

Judy Garland e Gene Kelly são as vedetas desta película.

Nem sempre é fácil ser marido de uma feiticeira, parece pensar Darrin. Ele é casado com Samantha...

«Casei com uma feiticeira»

A história desta noite começa quando «Samantha que espera a visita do tio do seu marido, abre a porta a um senhor, supondo ser ele. Manda-o entrar. Ora ele, um antigo artista, dedica-se agora a roubos...»

Este episódio pode ser visto a partir das 20 e 55.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 25: Documentário; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «Dr Marcus Welby»; 23 e 50: Marcha do Mundo; 0 h.:

TELEVISORES GRUNDIG

TUDOR
pilhas para transistores

AMANHÃ — I Prorama — Às 14 e 52: Abertura; 14 e 55: Eurovisão — Ruby; 16 e 35: Série Juvenil; 17: Movimento e Saúde; 17 e 10: Estudio sem marcação; 18: Teledesporto; 18 e 30: Presença do Brasil; 19: Nos Bastidores da Aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 35: «...E a vida continuaS»; 20 e 55: Charlot; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Estudio C; 23: TV Mundo — A Ultima Moda; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Variedades — Tele-Ritmo; 23 e 50: Fecho.

canal da crítica

NO «JOGO DA VIDA», O BILHETE MAIS UMA VEZ SAIU BRANCO

Jesse Gil (seria algum luso-americano?) pretende importante financiamento do Governo para a industrialização da sua lavoura. Comete trapalhices para o obter, pratica o «tráfego de influências». E faz batota: muda os numeros de matricula dos tractores para convencer a Comissão de que possui riqueza em barda.

Dillon (o Franciosa, vocês sabem) descobre tudo. Entretanto há dois crimes, um deles na pessoa do irmão de uma jovem pintora, decoradora, ceramista, um pouco *hippie* e também um pouco chalada, a qual tinha um antepassado índio. Viemos a saber isto por intermédio de um diálogo dela com o Dillon, assim:

Ela: *Um meu antepassado é índio.*

Dillon: *Isso deve dar-lhe uma percepção especial.*

Dava. Logo no primeiro encontro pede ao Dillon que a beije, mas o Dillon é como um amigo meu: quando está de serviço, não bebe. Mais tarde, é claro, acaba por se raspar com a pequena num helicóptero, pois uma pequena que etc. e ainda por cima adivinha vidas e mortes — é auxiliar precioso para um jornalista. Nã se pode perder, nã senhora.

O jogo da vida foi ontem um jogo complicado. Além da confusão resultante do próprio enredo em que o mau, afinal, não era o Gil, era o xerife que, afinal, recebia ordes que afinal eram dadas pelo médio que afinal as recebia do tal Gil que afinal não era mau (bate no peito: mentiroso e trapaceiro, sim, com toda a honra, mas assassino — não!), pois para além dessa natural confusão houve as conversas que não se traduziram, as legendas que vinham tarde ou não se liam por muito á direita, ou muito em baixo ou em campo branco...

Ai vida, vida, muito custa o teu jogo. O teu jogo, afinal, demasiado á vista.

MÚSICA

Foi bom de se ver. Não apetece dizer mais nada. Foi bom estar presente naquela festa de juventude onde o cabelo branco de Stokowski se diluia,

Através de João de Freitas Branco também viemos a saber muito pouco. Talvez, ele se encontrasse na mesma posição difícil de não saber onde pôr as palavras quando a festa chega. Quando a festa chega é melhor lá estar do que falar...

Teria sido, talvez, motivo de grande satisfação para nós, portugueses, saber os nomes dos jovens compatriotas nossos que participaram da orquestra internacional. Se lá tínhamos algum, foi pena não haver sido mencionado, correndo embora todos os riscos do vedetismo que a realização, aliás, contrariou para evitar todos os fumos de chauvinismo: ali, a vedeta era a musica e os braços de homens de várias nações apertados em redor dela. No entanto, repito, teríamos muito gosto em conhecer os internacionais juniores. Os da música, claro. Era a sua vez. Poderia ficar

(Continua na pág seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Matosinhos; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No Mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 10.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 05: Cançonetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Corina Maria e Alfredo Duarte Junior; 22 e 51: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore no Mundo — Cantos Judeus-Espanhóis originários do século XVI; 16 e 17: O pianista Claudio Arrau—Rondó Caprichoso (Mendelssohn); 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa — Cinco peças para piano—Suces Les Simétricas (Jorge Peixinho) em piano pelo autor; 18 e 40: O pianista Witold Malcuzynski — Preludio, Coral e Fuga (César Franck); 19: Horizonte Literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de Grieg, pelo pianista Gerard Hengeveld; 20 e 30: O Trio Boise, na interpretação do: trio em lá menos (19114) (Ravel»; 21: Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Gunther Arglebe; 21 e 38: Musica de câmara; 22: Teatro do Século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa; «Os Meninhos», de Martins Pena; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: A ópera em 4 actos «O amor das três laranjas» (Prokofieff); Coro e Orquestra da Rádio da U. R. S. S., sob a direcção de Dejmal Dalgat; 0 e 50: Dois Preludios (Debussy). Piano, Hans Henkemans; 1: Fecho.

Emissão Esterofónica — Às 21 e Resumo do programa; O trompetista Roy Etzel; Vamos ouvir Tom Jones; O conjunto The Lovin'Spoonful; Fados por Ada de Castro; Orquestras ligeiras; 22: Selecção da ópera em cinco actos «A Judia», de Halevy, pela Orquestra da ópera Karlshumo, dirigida por Marcel Conraud; 22 e 58: Resumo do programa; 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—491 m —665 kc/s.—Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 25: O Homem e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa — C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa Musical; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45 Em Foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 2 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 3: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22: Noticiário; 22 e 2: Primeiro plano;; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—288,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Rádiorama; 18 e 5: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Tanos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; Os Novos Emissores em Marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

CAMINHOS DE FERRO

PRAIA DO CARVOEIRO

Comunica-nos a C. P. que no dia 20 de Fevereiro é inaugurado um serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, servindo os domicílios de Praia do Carvoeiro, a cargo da Empresa Geral de Transportes, em ligação á estação de Portimão.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho de ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios da referida localidade.

Por seu turno, nos domicílios da mesma localidade aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

«CARNAVAL NO ALGARVE»
E
«AMENDOEIRAS EM FLOR»
INSTALE-SE NO HOTEL BALTUM
EM ALBUFEIRA
— BOM AMBIENTE
— BOM SERVIÇO E SERVIÇO DE RESTAURANTE
— PREÇOS ESPECIAIS PARA A ÉPOCA
Faça as suas reservas através do vosso agente de viagens, ou directamente pelos telefones 306/307 — ALBUFEIRA

RODRIGUES
RUA AUGUSTA, 76-80
SALDOS
Cortes casaco senhora .... 100$00
Cortes fato homem ...... 150$00

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

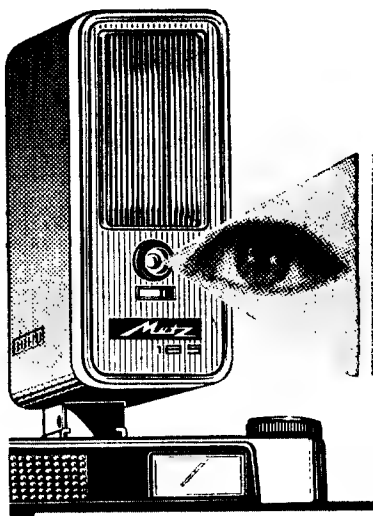
Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos de ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

190 contos rendem-lhe 1187$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 · 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 · 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



O flash automático com olho mágico e computador

iluminação automáticamente correcta desde 50 cm. até 5 m.

Metz 185

IMPORTADORES profoto LIMITADA RUA DE SANTA JUSTA, 25 — LISBOA

Á VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Existe na sociedade humana o direito à informação

— recordou o bispo de Inhambane

NAMPULA, 6 — (L.) — A informação deve ser sempre honesta e conveniente. Que respeite sempre as leis morais do homem e os seus legítimos direitos e dignidade, tanto na obtenção da notícia, como na sua divulgação — declarou, numa conferência de Imprensa, nesta cidade, o bispo de Inhambane, D. Ernesto Costa, que secretariou a Conferência Episcopal realizada na capital do distrito de Moçambique, com a presença de todos os prelados da província. Noutro passo, D. Ernesto Costa disse:

«Sabemos que existe na sociedade humana o direito á informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada qual, tanto particularmente, como constituídos em sociedade. O uso recto deste direito exige que a informação seja sempre objectivamente verdadeira. O que significa que temos que olhar para o acontecimento, para o facto de que somos testemunhas, com consciência, procurando descrevê-lo no intuito de informarmos com veracidade aqueles que irão ler ou escutar essa notícia, salvaguardando sempre, evidentemente, a justiça e a caridade. Não ofendendo as pessoas, devendo, ao dar a notícia, separar sempre o acontecimento da pessoa, embora a pessoa seja, muitas vezes, responsável pelo facto ou pelo acontecimento».

Focando, a seguir, aspectos relacionados com a liberdade de Imprensa, o bispo de Inhambane acrescentou:

«Seria óptimo que, nas nossas emissoras, nos nossos jornais, se visse qualquer coisa de construtivo. Evidentemente que isso depende muito da orientação que tem a Imprensa. Não quer dizer que a Imprensa não seja livre, mas é muito difícil encontrarmos hoje uma Imprensa e uma Rádio verdadeiramente livres. Nós estamos sempre limitados naquilo que dizemos e pensamos. No entanto, essa liberdade, bem conduzida, deve procurar que tudo que escrevemos não vá nunca contra a dignidade humana, que nunca afecte os valores morais, que nunca afecte a honradez do homem, e que seja sempre para valorizar cada vez mais o próprio homem».

Além de se referir á acção das emissoras estrangeiras *«contra a ordem e contra a paz»* e de acentuar que *«são evidentemente a Imprensa, a Rádio, o Cinema e a Televisão os grandes instrumentos da comunicação social»*, D. Ernesto Costa afirmou, também: *«Há vantagens enormes nos conhecimentos que podemos adquirir através da Rádio e da Imprensa. Eles prestam uma ajuda extraordinária ao género humano, pois ajudam a unir e a cultivar o espírito».*

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Germana de Oliveira da Fonseca

Com 65 anos de idade, faleceu, na sua residência em Lisboa, a sr.ª D. Maria Germana de Oliveira da Fonseca. Era professora primária de A Voz do Operário e dedicou a sua vida ao serviço da instrução. O funeral realizou-se hoje, ao princípio da tarde, da igreja da Penha de França para o cemitério de Benfica.

SUFRÁGIOS

D. Teodósio Clemente Gouveia

Comemorando o oitavo aniversário da morte do cardeal D. Teodósio Clemente Gouveia e a exemplo dos anos anteriores, foi hoje celebrada missa por sua alma. A cerimónia religiosa teve começo ás 11 e 30 e decorreu na igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos).

Foi celebrante o deão da Sá Catedral de Lourenço Marques, cónego mons. dr. António Maldonado Pires.

Guilherme José Patroni de Carvalho Duarte

Para comemorar o 12.º aniversário do falecimento de Guilherme José Patroni de Carvalho Duarte, que foi atleta alímpico, é celebrada missa de sufrágio, amanhã, ás 12 horas, na capela da Quinta de Nossa Senhora da Soledade, em Arrentela.

Henrique Lino Antunes Marques

Por alma de Henrique Lino Antunes Marques, que faleceu em combate em Moçambique, sua família manda celebrar, amanhã, ás 9 e 30, na igreja de Fátima, em Lisboa, missa do 2.º aniversário.

O ministro da Defesa visitou o «Sam Brás»

O general Sá Viana Rebelo, ministro da Defesa Nacional e do Exército, visitou, ás 11 horas, no Arsenal do Alfeite, o navio-apoio «Sam Brás», da Marinha de Guerra, que, naquele estaleiro, foi adaptado e modificado.

Foi recebido pelo ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, por altas patentes da Armada, pelo administrador do Arsenal, eng.º Caldeira Saraiva e pelo comandante e oficialidade da guarnição do navio.

Depois da visita seguiu-se um almoço a bordo do «Sam Brás».

SINDICATO DOS CAIXEIROS DE LISBOA

Em consequência da Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, realizada na passada quarta-feira, aliás, adiada para depois do Carnaval e a efectuar, se possível, no Pavilhão dos Desportos, um grupo de 354 sócios apresentou uma lista concorrente ás eleições do próximo triénio do Sindicato, com a seguinte constituição: *Assembleia Geral*, presidente — Pedro Alexandre Pereira da Silva; 1.º secretário — Luís Vasco Vera Ferreira; 2.º secretário — António José Mendes Simões; suplentes — Constantino Pedreira da Silva, Fernando António Cunha e Carlos Mário Monteiro Leal; *Direcção* — Fernando João de Almeida Rédio, Manuel Paz San Martin, Maria Júlia dos Santos, José Malaquias Pinela e António Trindade Raposo.

Por outro lado, foi nomeada uma comissão para apresentação de nova lista para a direcção da secção de Balcão.

Uma das maiores empresas inglesas, a Inchcape & Co. Ltd., com interesses em todo o mundo, acaba de se associar ao Grupo Lusolanda, importante organização com firmas no Continente e no Ultramar e representante dos conhecidos automóveis Audi-NSU. A propósito desta associação luso-britânica, realizou-se ontem, no Grémio Literário, uma recepção em honra da Inchcape & Co. Na gravura, vêem-se os srs. Werner Kahn e João Freudenthal, Administradores da Sociedade Lusolanda, na companhia dos srs. Peter Heath e Samuel F. Champion, respectivamente administrador e director-geral da Inchcape

REGULAMENTO DA PROFISSÃO DE JORNALISTA

Na ultima reunião do conselho da secção de Imprensa, da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, o nosso camarada de profissão Leopoldo Nunes, vice presidente daquele organismo e que presidiu á sessão, marcou para o dia 23, ás 15 horas, o prosseguimento da apreciação da matéria sobre o regulamento da profissão de jornalista.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

para eles alguma migalhinha que sobrasse da mesa desportiva.

AQUELA FITA SOBRE O ALGARVE...

Primeiro: acho muito bem que se fale e se refale do Algarve. O Algarve merece. Segundo: acho muito bem que se procure canalizar para a casa lusitana as verânicas correntes migratórias. Terceiro... já não me recordo qual era o terceiro, mas não interessa: o que interessa é que a fita dedicada ao Algarve, transmitida ontem foi qualquer coisa muito triste de ver e de ouvir.

Calma. Volto a dizer que até posso achar muito bem este apelo a visitar o Algarve. Investiram-se lá dinheiro e esforços que não são brincadeira nenhuma, há que principiar a tirar lucros que não resultam da mera especulação dos terrenos. Apenas ponho em dúvida a eficácia, no estrangeiro e no País, de fitas como as de ontem.

MÁRIO CASTRIM

O CANÇONETISTA B. J. THOMAS EM PORTUGAL

B. J. Thomas, cançonetista norte-americano que há cinco semanas consecutivas ocupa o primeiro lugar dos «tops» do seu país, desloca-se brevemente a Portugal.

O criador de «Raindrops Keep Fallin'on my Head» (que foi o tema-canção do filme «Butch Cassidy and the Sundance Kid») vem ao nosso país a convite da etiqueta «Roda», que representa a sua gravadora na Península Ibérica. B. J. Thomas exibe-se em dois espectáculos (em Lisboa e no Porto) em que também actuam Júlio Iglésias, Elisabeth e Eliana Pittman.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

†

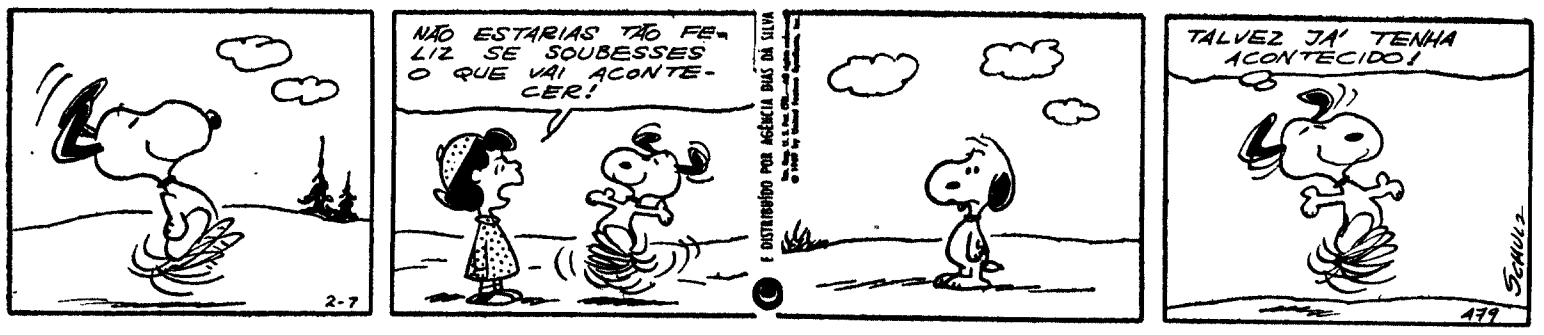
Júlia de Almeida Lopes Nunes de Carvalho

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que, amanhã, dia 7, pelas 12 horas, na Igreja do Sacramento, será rezada Missa pelo seu eterno descanso.

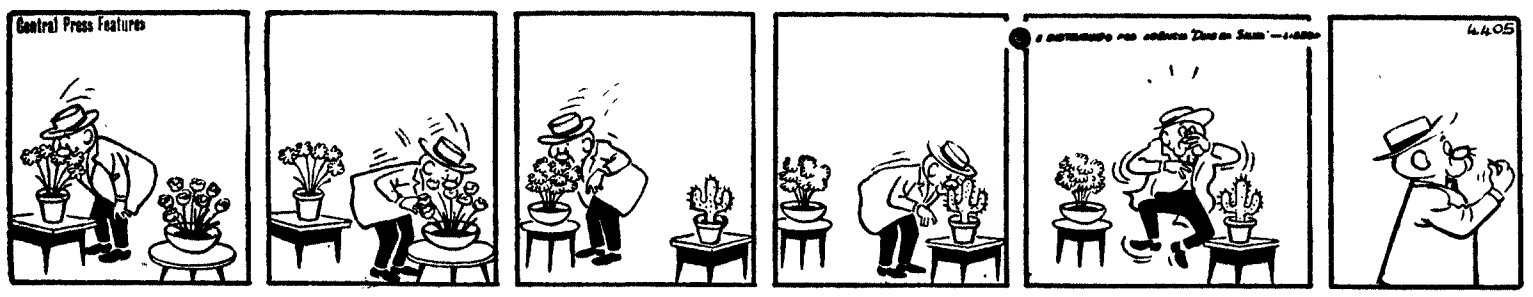
P. N. A. M.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5439

HORIZONTAIS: 1 — Epístola. Correio. 2 — Patrão. Colorido. Rio da Suíça. 3 — Cousa nenhuma. Sara. 4 — Mitra do pontífice. Enrubescem. 5 — Dá ânimo. Lavrada. 6 — Troçar. 7 — O mesmo que travento. 8 — Limpo com areia. Rio da França e da Alemanha. 9 — Lago de Itália. Antigo definido. Óleo de sardinha (Prov. minh.). 10 — Para barlavento. Cidade da Alemanha. Cidade de França. 11 — Invulgares. Velha.

VERTICAIS: 1 — Retruca (pop.). Apanhar. 2 — Abate. Ave semelhante á pomba. 3 — Giral. Recita. 4 — Armaria (abrev.). Curso de água natural e abundante. 5 — Antes de Cristo. Irmão de Moisés. Campeão. 6 — Antigo definido. Quarto. Alternativa. 7 — Prasiodímio (s. q.). De alto preço (pl.). Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 8 — Colorido. Saudáveis. 9 — Ave da família dos cotingídeos. Oráculo. 10 — Que tem falha. Traces. 11 — Guarnece de arames. Período.

Resolveu completamente este problema. Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2				■				■			
3					■		■				
4						■					
5						■					
6	■		■	■				■	■		■
7		■								■	
8						■					
9					■		■				
10				■				■			
11						■					

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5438

1 — CLARO. Casar. 2 — Airó. COMO. 3 — Mãe. Car. Cal. 4 — Prata. Içada. 5 — Avarão. Marão. 7 — Parca. Abaifa. 8 — Atuar. Mamar. 9 — Sem. Ele. Ai. 10 — Taba. ÁGUA. 11 — Anamo. Atoas.

VERTICAIS: 1 — Campa. Pasta. 2 — Liara. Atear. 3 — Anear. Rumba. 4 — Ra. Tasca. Am. 5 — Cão. Ane. 6 — Ló. Lê. 7 — Rim. Amo. 8 — AC. Camba. At. 9 — Secar. Amago. 10 — Amada. Falua. 11 — Roiça. Árias.

(Provérbio: CLARO COMO ÁGUA.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9282

HORIZONTAIS: 1 — Predestina. Grandes. 2 — Boi selvagem. Espaço de trinta dias. Joeira. 3 — Nota musical. Queridos. Amónio. (s. q.). 4 — Cidade de Portugal. 5 — Perfumes. Cidade do Peru. 6 — O mais. Gálio (s. q.). 7 — Ainda. Máscara. 8 — Despertanemos. 9 — Batráquio. Encolerizas. Rádio (s. q.). 10 — Sapo do Amazonas. Cinchо. Apelido. 11 — Cura. Patrões.

VERTICAIS: 1 — Antro. Palmeiras da Amazónia. 2 — Medida de superfície. Ganhara rancо. 3 — Compaixão. Uno com solda. Cidade da antiga Calidelia. 4 — Um cento. Altar. 5 — Assassinas. Clonidade. 6 — Aves galináceas. Veículo de rodas para transporte de cousas ou pessoas. 7 — Por baixo de. Serra de Portugal. 8 — Chiste. Rente. 9 — Estrépito de desmoronamento. Unem. Antes do meio dia. 10 — Prende. O mesmo que mazorro. 11 — Nome de dança. Guarnece's de asas.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9281

HORIZONTAIS: 1 — Lá. Salta. Pá. 2 — Ado. Col. LIV. 3 — Cura. Barí. 4 — Recatávamos. 5 — Alta. Osa. Ega. 6 — Dodas. Ligar. 7 — Ariteiro. 8 — Cardo. 9 — Res. Sra. Vós. 10 — Im. Usara. Ló. 11 — Filme. Auras.

VERTICAIS: 1 — Lacrada. Rif. 2 — Aduella. Temi. 3 — Ancada. 4 — Aa. Ara. Um. 5 — AIC. Tostasse. 6 — Lapas. Erra. 7 — Tí. Vaticlara. 8 — Ba. Iná. Au. 9 — Lamego. 10 — Pinoga. Pota. 11 — Avisara. Sós.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 5 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das forças armadas na Guiné, relativo ao período de 25 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1970, cujo texto é o seguinte:

Durante o período, as nossas tropas empenharam-se, especialmente, em acções normais de defesa da fronteira e fiscalização de bacias hidrográficas, a fim de interceptar a infiltração e reabastecimento de grupos inimigos, provenientes da República do Senegal e da República da Guiné.

No interior da província e tendo em vista a segurança das populações e o apoio das tarefas de desenvolvimento sócio económico, as nossas tropas registaram contactos nas regiões de Biambe, Maqué e Sambuiadim, em virtude dos quais o inimigo sofreu, além de outras baixas, 14 mortos confirmados e 14 capturados. Foi apreendido ao inimigo importante quantidade de material ligeiro, munições e documentos.

Durante as acções levadas a efeito foram destruídos meios de comunicação, cabanas e barcos nas vias fluviais e acampamentos instalados no interior da província.

Na intenção de alterar o ritmo normal de vida das populações, o inimigo flagelou as povoações de Taibatá, Nova Sintra, Bedanda, Canjambari e Empada e praticou actos de terrorismo nas regiões de Elia, Colage, Bugula, Oco, Maundé e Sincha Bolama. Flagelou os aquartelamento de Barro e Guilleje e implantou engenhos explosivos nos itinerários.

Durante o período as nossas tropas sofreram 4 mortos em combate cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação.

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate o soldado de milícia n.º 723/69, Abdu Câmara, na Guiné.

O referido soldado era filho de Ansumane Câmara e de Fule Ture, natural de Cacine.

HÁ 30 ANOS

Há trinta anos o Carnaval caiu a seis de Fevereiro, motivo por que nesse dia não se publicou o «Diário de Lisboa».

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de SEIXAL, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 30 kV, com 756 m, do apoio n.º 86 da linha Coina-Sobreda ao posto de transformação da Estação Elevatória de Águas da Câmara Municipal de Almada em Corroios.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Janeiro de 1970. Pelo ENGENHEIRO CHEFE **Joaquim Gonçalves dos Santos**

Grupo Excursionista «Os Totobolistas Lopes e Freitas»

O Grupo Excursionista «Os Totobolistas Lopes e Freitas» realizam amanhã o seu segundo almoço de confraternização, num restaurante de Lisboa.

NUM IMÓVEL DE LUXO DE 9 PISOS
ANDARES DESDE 230 C.
TRAVESSA DOS ARNEIROS LOTE 6 BENFICA
TRATA
LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.
MEDIADOR OFICIAL DESDE 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
LISBOA — TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67

Maria do Rosário Dias Camelo

MISSA DO 30.º DIA

A família participa que será celebrada missa por seu eterno descanso, amanhã, sábado, dia 7, pelas 10 horas, na igreja dos Mártires.

P. N. A. M.

DESPORTO

O problema das instalações do Illiabum (de Ílhavo)

ÍLHAVO, 6 — Por não terem sido coroados de êxito os trabalhos encetados pela direcção do Illiabum Clube, para a compra do edifício onde está instalada aquela colectividade, o que é de lamentar, trabalha a mesma, com grande entusiasmo, para que seja ampliado o salão de festas, como há muito se pensa. Segundo consta, a direcção do Centro Recreativo, proprietária do prédio, está disposta a colaborar na iniciativa, o que leva a crer que a ideia se tornará realidade.

Pensa-se que, com boa compreensão e melhor colaboração por parte dos accionistas do Centro Recreativo, num movimento bairrista que seria de aplaudir, o assunto da compra teria ficado resolvido, tanto mais que muitos desses accionistas estavam dispostos a vender as suas quotas ao Illiabum. Seria o ideal, mas do mal, o menos. Assim é de desejar que se façam as obras de ampliação, a bem da simpática colectividade que tanto se tem esforçado pelo progresso de Ílhavo.

SEIXAL FUTEBOL CLUBE

O Seixal Futebol Clube iniciou, ontem, as comemorações da passagem do 45.º aniversário da sua fundação. De manhã procedeu-se ao embandeiramento da sede e, às 21 horas, realizou-se, ali, a inauguração da sala de troféus e uma sessão solene, seguida de uma interessante palestra proferida pelo professor Mário Lemos.

VOLEIBOL FEMININO

Marcadas as datas dos encontros Benfica-Tatran para a Taça dos Campeões

Depois da excelente vitória da equipa de voleibol feminina do Benfica frente ás austríacas do Blau-Gelb e do seu consequente apuramento para a fase seguinte, sabia-se que o próximo adversário das portuguesas era a forte equipa checoslovaca do Tatran de Praga.

Conhecido, como é, o valor do voleibol checo (por mais de uma vez campeão mundial), admitiu-se a hipótese do Benfica renunciar á fase seguinte. Porém, os seus dirigentes viram muito bem o problema e decidiram continuar na competição, ficando, já, marcadas as datas dos encontros.

Assim, e em virtude da equipa do Tatran não se poder deslocar nos fins-de-semana, por causa dos seus calendários nacionais, o Benfica recebe a equipa checoslovaca na próxima terça-feira de Carnaval, dia 10, á tarde, no Pavilhão do Estádio da Luz, retribuindo a visita a Praga no dia 16 do corrente.

Embora a sorte desta eliminatória esteja decidida, é de aguardar boa presença de público para apreciar uma extraordinária equipa de um país onde o voleibol faz uma linguagem bastante aluita.

O espanhol Urtain continua a ganhar

BAIONA (França), 2—(F. P.) — O peso pesado espanhol, José Manuel Ibar Urtain alcançou uma nova vitória ao bater, nesta cidade, o americano Eddie Jones por K. O. técnico ao segundo assalto.

O VARZIM JOGA EM LEIRIA

No próximo dia 10 (Terça-Feira de Carnaval), pelas 16 horas, realiza-se no Campo de Jogos de Marrazes um encontro de futebol particular entre as equipas de honra do Varzim Sport Clube e do Sport Clube Leiria e Marrazes, para disputa da taça «Cruz Vermelha Portuguesa».

A receita do jogo reverterá em benefício do Posto de Socorros daquela humanitária instituição em Leiria.

FÓRMULA SEIS

Este modelo pertence à novíssima «fórmula seis» e tem a particularidade de, sem motor e com pedais, servir para ensinar às crianças inglesas os bons hábitos do condutor. A carroçaria é de fibra de vidro e pode ser removida em poucos minutos. Embora se possa não acreditar, este bólide foi desenhado por alunos de uma escola primária

NA LUZ

JOGO-TREINO DO BENFICA FRENTE AO TOMAR

Ontem, á tarde, no Estádio da Luz, o Benfica defrontou o União de Tomar, num jogo-treino com vistas á jornada de domingo.

Sem qualquer outra preocupação que não fosse a de acertar a mecanização dos vários sectores, as duas equipas desenvolveram um futebol leve e solto, com boa primeira parte dos nabantinos (1-2 ao intervalo) e superioridade final dos «encarnados», que terminaram a vencer por 4-2.

Calços para travões
Discos para Embraiagem

ASSIM VAI O TOTOBOLA..

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 23 – 9.ª Época

O Alcoa — X12 111 X11 12X1; Açores (Desportivo) — X1X -X1 11X 1121; Brados do Alentejo — 21X 111 X12 2X12; Cardeal Saraiva — 212 111 211 1122; Comércio de Portimão — 21X 111 111 1121; Correio dos Açores — 21X 111 112 1111; Correio do Vouga — 21X 111 111 1111; Defesa de Espinho — 212 111 1X1 1X11; Diário dos Açores — 21X 111 211 1121; Diário da Manhã — 212 111 1X1 11X1; O Distrito de Setúbal — 211 111 1XX 1X11; Ecos de Cacia — 21X 111 111 11X1; Eco do Funchal — 211 1X1 111 X1X2; Estrela da Manhã — 21X 111 121 1121; Eu Sei Tudo — 21X 1X1 111 1121; Folha de Domingo — 21X 111 111 112X; Gazeta do Sul — 211 1X1 X11 X112; A Ilha (Desportiva) — 11X 111 XX1 1121; O Jornal de Felgueiras — 21X 1X1 121 1121; Jornal da Lixa — X11 1X1 111 X122; Jornal de Santo Tirso — 2X2 1XX 1X1 X122; Linhas de Elvas — 212 111 111 11X1; Notícias da Amadora — 211 111 111 1111; Notícias de Chaves — 211 111 111 X121; Notícias de Felgueiras (SD) — X1X 121 111 1121; Notícias de Felgueiras (Tot) — 11X 1X1 X11 11XX; Notícias de Penacova (Totof) — X1X 111 111 1XX1; Notícias de Penacova (Totop) — 21X 111 111 1X21; Póvoa de Lanhoso (CA) — 212 111 111 1111; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 21X 111 111 1121; Notícias de Guimarães — 21X 111 X11 1121; Rádio Sports — 111 111 111 1121; Reconquista — X11 111 111 1121; Renovação — X12 1X1 111 1121; República — X11 121 111 1121; O Templário — 112 111 1X1 1111; Emissora Oficial da Guiné Port. (TD) — 21X 111 X12 1121; Voz de Lamego — 211 111 112 1121; A Voz de Palmela — 212 111 11X 11X1; Peça Que Não Maça — 21X 111 111 11X1; Diário de Lisboa — X12 111 111 1121; Novidades — 21X 1X1 111 X1X1; A Voz — 212 111 111 1121; Brado Africano — 212 X11 XXX 1XXX; Jornal Desportivo — 212 1X1 1X1 X1X1; Domingo Alegre — X12 111 XX1 1X12; Roteiro Sonoro — 2X1 111 X21 12X2; Terceiro Programa — X11 111 XX1 21X1; Passatempo — 222 211 1XX 2112; Bondiazinho — 2X1 111 X2X 1X21; Cidade 70 — 2X2 111 X11 2211; Vamos Jogar no Totobola — 2X1 111 X21 2X21; Diário de Moçambique — X12 1X1 11X 2X1X; Diário — X1X 121 11X 1121; Notícias da Beira — X12 1X1 11X X121; Almanaque — 21X XX1 X11 1221; Auto Rádio — 211 111 111 11X1; Boletim Desportivo RP — 12X 111 111 1111; Boletim Desportivo TA — 212 1X1 111 XX21; Candinho Ricardo Lemos — X11-1X1 111 1111; Cavalgada do Ritmo — 2XX 1X1 111 X1X1; Colina Sagrada — 212 111 1X2 2X11; O Comércio do Porto — X1X 1X1 111 1121; A Defesa — X1X 1X1 111 1121; De Tudo Um Pouco — 21X 111 111 1XX1; As 10 Espere Por Nós — 21X 1X1 X21 X1X1; Diário de Coimbra — 21X 111 111 11X1; Diário do Sul — 21X 1X1 11X 1121; Ecos do Desporto — 21X 111 11X 11X1; Dos Fracos Não Reza a História — XX1 X2X 111 X121; Ideal Rádio — 212 111 111 11X1; Imagens Piedenses — 212 111 111 11X1; Jornal do Barreiro — X1X 111 1X1 1X21; Jornal de Notícias — XX1 1X1 111 1XX1; Jornal de Sintra — X11 111 111 X121; Litoral — 111 121 111 11X1; Maria da Fonte (Desp) — 212 111 111 1121; Maria da Fonte (VP) — 21X 111 1X1 1121; Mundo Desportivo — 21X 111 111 11X1; Música e Desporto — 21X 111 1XX 211X; Notícias d'Évora (VJT) — 21X 111 1X1 11X1; Notícias d'Évora (VD) — X12 1X1 11X X121; Notícias de Gouvela — X1X 111 X1X 1111; A Ordem — 21X 1X1 111 11X1; Prog. da Manhã — 111 111 111 1111; Prog. Sem Nome (ENR) — 211 111 1X1 1XXX; Prog. Só-Rádio — 211 X21 X12 1X21; Rádio Altitude — 212 111 111 X121; Rádio Clube do Norte — 212 1X2 11X 121X; Rádio Placard (ENR) — 212 211 111 1121; Rádio Placard (RCP) — 21X X11 111 1111; Rádio Placard (RCP de Lx) — 21X 111 111 1121; Rádio Ribatejo — 212 11X 211 11X1; Repórter do Dia — 211 111 1X1 1121; Repórter do Dia (Angola) — 212 111 111 1111; Resenha Desportiva (ENR) — 211 1X1 111 1121; O Setubalense — 21X 111 11X 1X21; Sorriso da Hora do Almoço — 212 121 2XX 2121; Terra Alta — 21X 1XX 111 211X; A Voz dos Ridículos — 211 111 111 11X1; Passatempo — 212 111 111 1111; Norte Desportivo — 21X 111 X11 X12X; Porto — 211 X1X X11 2121; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 212 111 X1X 1X21; Vamos à Bruxa (D. Conchita) — 21X 111 X11 1121; Correio do Douro — X11 111 X11 112X; Comércio de Leixões (Desp) — 21X 111 1X1 11X1; Comércio de Leixões (DTUP) — X12 111 11X 1121; A Lição do Menino Quim — 211 1X1 121 1121; Penalti — 211 111 111 1121; Momento do Totobola — X11 X11 111 X111; Prog. Electro Mecânico — 211 111 111 1111; Voz do Casa Pia — 21X 111 111 11X1; Sporting — 212 111 1XX 1121; Diário — 21X 111 111 1121; Angola Norte — 212 111 1X1 1121; Apostolado — 221 X11 1X1 1X21; Comércio — 212 111 1XX 1121; A Nossa Chave — 21X 111 111 11X1; Notícias do Totobola — 212 111 111 11XX; Correio de Coimbra — X12 111 111 1121; O Distrito de Portalegre — X12 121 11X 1X11; Jornal da Beira — 212 1X1 1X1 2X2X; Jornal do Sul (AD) — 211 111 111 1111; Jornal do Sul (TL) — X1X 111 111 11X1; Jornal de Viseu — 211 X11 1X1 2X2X; A Voz Desportiva — 21X 121 111 X111.

RESUMO

CONCURSO N.º 23

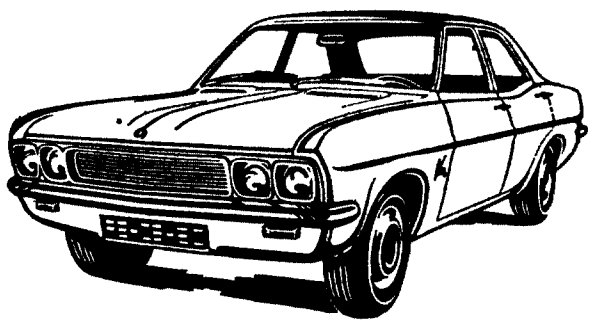
N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	U. Tomar-Setubal	7	29	91	1	3	8
2.	Barreirense-Braga	116	8	3	10	1	1
3.	Porto-Sporting	35	51	41	3	5	4
4.	Varzim-Boavista	115	9	2	10	1	1
5.	Guimarães-Académica	89	29	9	8	3	1
6.	Belenenses-Leixões	131	5	1	10	1	1
7.	Espinho-Vizela	100	23	4	9	2	1
8.	Leça-Marinhense	94	26	7	9	2	1
9.	A. Viseu-Penafiel	99	22	6	9	2	1
10.	Farense-Atlético	96	18	13	9	2	1
11.	Santarém-Luso	99	23	5	9	2	1
12.	Seixal-Torriense	29	35	63	3	3	6
13.	Portimonense-Montijo	105	13	9	10	1	1

E o prognóstico lógico será: 21X 1f1 111 1121

(a) — Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Vauxhall
DE SUCESSO
1970 EM SUCESSO...
Victor 102
Modelos: 1600 e 2000



AUTO-INDUSTRIAL GM
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B–Telefones: 538082/562551

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A fase documentada pela gravura, mostra o segundo golo da equipa de Portugal. Euforia natural — no confirmar de um resultado que viria a assumir feição mais ampla

PORTUGAL-ESPANHA (4-0)

Uma explosão de talento e vontade

Magnífica em todos os aspectos esta merecida vitória que a selecção nacional de juniores conquistou ontem contra os espanhóis, aquecendo de entusiasmo e vibração o reduzido grupo de espectadores que se arriscou a 80 minutos de futebol juvenil, numa noite fria e chuvosa.

A grande vitória da equipa portuguesa não se traduz, quanto a nós, em quatro golos marcados. Traduz-se sim pela boa qualidade do futebol praticado, pela pureza de jogo de que os rapazes portugueses fizeram alarde, confundindo os visitantes logo desde os primeiros minutos, surpreendidos por encontrarem da parte dos portugueses uma sequência de jogo e um apuro técnico que de modo algum esperavam.

Durante cerca de meia hora assistiu-se a um jogo reflectido dos nossos representantes entrecortado por fulgurantes galopes dos avançados portugueses em direcção á baliza espanhola, com relevo para Correia Dias e João Cardoso. Este ritmo ofensivo a que os visitantes não conseguiram furtar-se garantiu o primeiro golo, marcado por NANDO aos 25 minutos. Mas havia proporcionado também umas tantas situações em que o perigo rondou a baliza de Sanchis.

Admitia-se no entanto que a selecção nacional, por menor fundo, menor condição física (todos sabem as dificuldades que há para proporcionar aos juniores um mínimo de preparação) viesse com o decorrer do tempo a fraquejar, permitindo aos visitantes uma recuperação oportuna. Porém, á medida que os minutos se acumulavam os nossos representantes ganhavam cada vez mais ascendente e absorviam por completo um adversário recheado de bons executantes mas já incapaz de progredir com perigo no terreno.

Mostrando claramente um espírito ofensivo que não tem sido ultimamente muito característico no futebol português senior (ao nível dos responsáveis máximos), a equipa do dr. David Sequerra forneceu ainda uma sugestão de homogeneidade, de confiança em si própria que não permite alimentar um certo optimismo em relação a um futuro que, bem vistas as coisas, tem sido ameaçado por negras sombras.

Em ritmo de vencer

Cedo se aperceberam os portugueses que tinham pela frente uma equipa de boa qualidade, com bons praticantes, mas indiscutivelmente surpreendidos e incapazes de realizar coisas práticas. Não tardou portanto que os nossos representantes impusessem definitivamente um ritmo de vencedores, construindo lances cada vez mais perigosos e envolventes. Uma forte chuvada que caiu ao findar a primeira parte pareceu desequilibrar a balança a favor dos espanhóis, que tiveram um período de assédio á baliza de Matos. Afastado o perigo, numa manobra defensiva quase perfeita, os portugueses tomaram novamente o comando do jogo, aumentando a diferença para 2-0, logo aos 8 minutos da segunda parte, com golo de JOÃO CARDOSO que surgiu no momento exacto a aliviar a baliza. Quatro minutos depois, CASTRO fazia 3-0 para JOÃO CARDOSO fixar o resultado final, aos 24 minutos, em 4-0. Estava garantidíssima uma vitória que parecia dificílima e em que poucos acreditavam. A segunda parte foi aliás preenchida com uma agradável exibição da turma portuguesa a brindar o público com uma exibição de excelente nível futebolístico, em que não faltou talento e uma permanente ideia de jogar bem, de utilizar as melhores soluções, numa interpretação de futebol pensado, técnico e tácticamente correcto.

O calor do jogo nunca contagiou os jogadores nacionais levando-os a actuar naquela base emocional tão frequente neste tipo de encontros. Houve entusiasmo e voluntariedade mas ao mesmo tempo cabeça fria. Diríamos quase maturidade. Claro, definido voltado para o ataque, o jogo dos portugueses agradou em absoluto e creditou um bom numero de pontos positivos na cotação da equipa.

Surpreendeu-nos a desenvoltura dos avançados, a sua facilidade em caminhar com a bola para a baliza, trocando posições em movimento, furtando-se hábilmente á marcação dos adversários, enquanto na defesa e na linha média os respectivos elementos demonstravam uma absoluta autoridade nos diferentes capítulos do jogo.

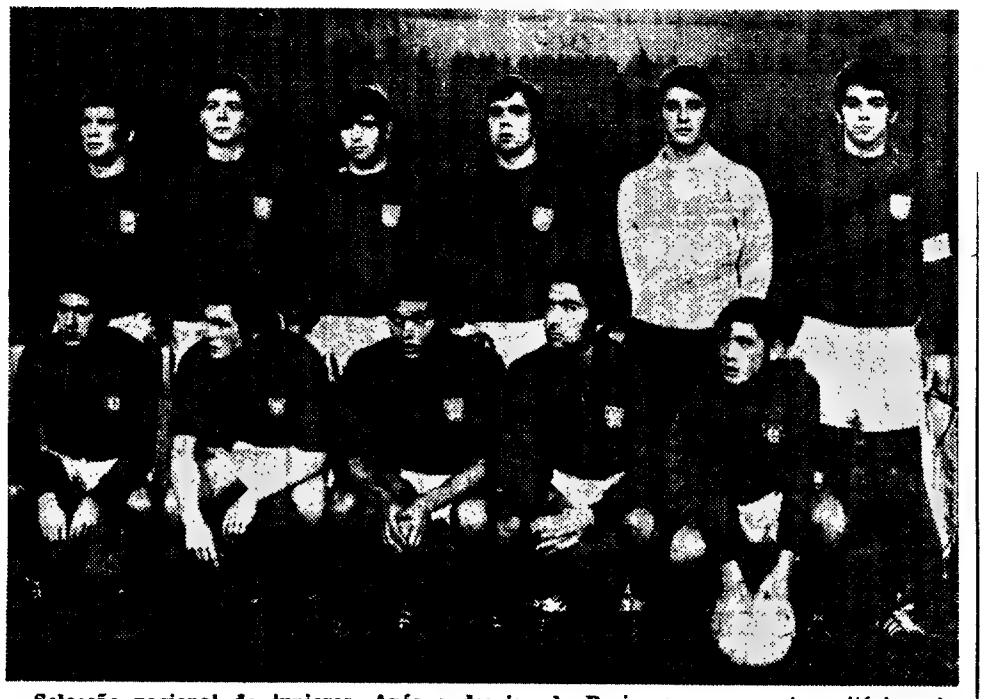
Em todas as circunstancias a equipa portuguesa procurou acima de tudo fazer as coisas bem feitas, baseada na técnica e na perfeição. Raramente se viu um pontapé para o ar ou um lance a que faltasse intencionalidade.

A equipa espanhola é mais fraca do que toda a gente supunha. Mas não tão fraca que autorize a vermos este 4-0 como um resultado fácil. Tecnicamente os jogadores espanhóis situam-se na maioria, muito acima da média. Aquela fúria que era uma constante do futebol espanhol não se viu. Pelo contrário deparou-se-nos uma equipa que aceitou uma inesperada situação de subalternidade no desenrolar das operações.

Para o futebol português, este triunfo, merecido e justificado é sem duvida promissor e compensa bem as mil e uma canseiras de um seleccionador que apostou no trabalho, na dedicação e na inteligência, merecendo portanto ver o seu esforço dar os resultados por que esperava.

Vitória brilhante sem quaisquer reticências, um encontro de exemplar correcção, a projectar luz verde sobre a equipa.

Por AUGUSTO VILELA



Selecção nacional de juniores. Após o desaire de Paris, uma expressiva vitória sobre a Espanha. As esperanças mantêm-se

Acontecimentos DE ONTEM

BILHAR

Na Associação dos Amadores de Bilhar de Lisboa prosseguiram, ontem, as duas provas actualmente em curso, tendo-se verificado os seguintes resultados:

Campeonato da 4.ª categoria (partida livre) — João de Deus-Jesus Santos, 100-87; Henrique Louro-coronel Morais Pinto, 100-63.

Taça Luís Coelho (três tabelas) — Vítor Hugo (Benfica)-Viladimiro Monteiro (Benfica), 60-60.

ANDEBOL

Resultados dos encontros disputados ontem á noite a contar para o Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Encarnação-Madre de Deus, 28-19; Oriental-Cova da Piedade, 25-9; Casa Pia-Boa Hora, 14-33.

PASSA-SE NO TÉNIS DE MESA

Distinção conferida e não correspondida

No Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (1.ª categoria), actualmente em curso, verifica-se um alarmante volume de faltas de comparência. Muitos dos encontros programados não se realizam, devido á ausência de um ou mesmo de ambos os intervenientes. O facto é de lamentar, tanto mais que dá aso a um desvirtuar de intentos, prejudicando irremediàvelmente a prova na sua dimensão e interesse.

As razões conducentes a tal alheamento não são difíceis de prever, e resultam, bàsicamente, de uma regulamentação algo ingénua embora bem intencionada.

Efectivamente, á semelhança do que acontece noutras modalidades, também na popular expressão desportiva, dividida em várias categorias, existem promoções... e despromoções: baixam os últimos classificados nos campeonatos individuais; sobem os primeiros.

Tudo certo. Mas há, também, uma classe diferente, imutável, vitalícia: a dos «internacionais» Na verdade, os pingue-ponguistas que hajam atingido a «internacionalização», passam a ter, automàticamente, lugar cativo na 1.ª categoria — compareçam, ou não aos campeonatos percam ou ganhem, classifiquem-se bem ou sejam mesmo os últimos. A «internacionalização» confere-lhes a distinção, garante-lhes o lugar, mantém-lhes a categoria...

... E — claro — sem nada mais por que lutar (para além de uma vitória eventual), esses jogadores constituindo uma «élite» perfeitamente salvaguardada, podem, naturalmente, dar-se ao luxo de uma isenção cómoda e insusceptível de perdas ou represálias São inscritos (pelos clubes) num campeonato perdem um ou mais jogos que pensavam vencer e com eles, a possibilidade de um triunfo final ou de uma classificação no cimo da tabela... ? — Não há problema. Alheiam-se da prova, deixam de comparecer e pronto. Tudo resolvido que a permanência na 1.ª categoria é intocável.

Evidentemente que [illegible] forma, não corresponder á distinção que lhes foi conferida.

... Mas não menos evidente se torna também, que a regulamentação vigente constitui a principal suscitadora de tais anomalias Há que ponderar o problema atentamente e arranjar solução adequada. O êxito ou o fracasso de um torneio não pode ficar [illegible] de subjectivismos que [illegible]

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Técnico-Almada, Belenenses-Sporting e C. N. O. C. A.-Passos Manuel, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juniores: Benfica-Almada, Passos Manuel (B)-Sporting (A) e C. Ourique-Belenenses, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 16 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Técnico-Almada, Belenenses-Sporting e C. N. O. C. A.-Passos Manuel, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juniores: Benfica-Almada, Passos Manuel (B)-Sporting (A) e C. Ourique-Belenenses, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 16 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da Divisão [illegible] ana), 7.ª jornada: F. Porto-B. P. M. e Vasco da Gama-Académico, no Porto; Belenenses-Benfica e Sporting-Académica, em Lisboa (pavilhão da Ajuda); Barreirense-Ginásio Figueirense no Barreiro; Marinh[illegible] U. F., no Embra.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Atlético-Montijo (no ginásio do Técnico). Luso-Ateneu (no Barreiro), Internacional-Sp. Farense e Lisgás-Sp. Olhanense (ambos no pavilhão da Ajuda), Olhanenses-Seixal (em Olhão), Casa dos Pescadores de Portimão-Técnico (em Portimão), Olivais-Naval (no pavilhão do Sport) Galitos-Illiabum (em Aveiro), Fluvial-C. D. U. P. (no pavilhão Galvão Teles) Sanjoanense-Esgueira (em S. João da Madeira), Sp. Figueirense-Conimbricense (na Figueira da Foz) e Gaia-Carvões (no pavilhão de Gaia).

FUTEBOL — Campeonato de Reservas (II e III Divisões) da A. F. L.: Odivelas-Alhandra e Casa Pia A. C.-Atlético, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Torneio dos órgãos de Informação: Rádio Universidade-A Capital (no campo do Palmense); Novidades-Século (no campo do Oriental); Diário de Notícias-Mundo Desportivo (no campo do Arroios); Diário Popular-Jornal do Comércio (no campo do Sp. Benfica); R. T. P.-Rádio Clube (no campo do Casa Pia) — todos ás 16 horas.

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composposta de r/chão e 1. andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a

▼

PREDIAL
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto
H. NUNES
PUBLICIDADE
Telef. 847260

ANDARES

Ao Campo Grande, com facilidades de 300 contos á Caixa, em prédio de luxo c/ 6 div. assoalh., 3 c. de banho, despensa, rouparia, intercomunicadores e aquecimento. Preços desde 750 contos. Ver Av. do Brasil, 40.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2. hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telef. 325487, 470618 (Junto á P da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSI INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755.

Em VENDAS NOVAS o «DIARIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica 72.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

MALHAS

Maquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs 832391 e 820666

A C. P. E O CARNAVAL

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 6 de Fevereiro (sexta - feira), até ás 12 horas de domingo, dia 8, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até ás 24 horas de terça-feira, dia 10

QUINTA EM SINTRA

Muito bem situada na estrada Sintra-Colares. Composta de 15.000 m2 devidamente murada, duas moradias, uma pequena outra grande, bem conservadas, capela, piscina, pombais, galinheiros, garagem, 2 poços com depósito, equipados com motor. Aceitam-se ofertas. Assunto urgente.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3, 2.º — Telefones 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

Capitais

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses
SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
T. 560713

O LIVRETE QUILOMÉTRICO

DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO
SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL

EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS.

CP - Departamento Comercial - Publicidade

CAPITAIS

COLOCAM-SE COM INTEIRA GARANTIA, AO MELHOR JURO, SOBRE HIPOTECA:

CONSULTEM A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 36 67 31 - 36 68 12

— e escolham a solução mais adequada às v/ pretensões.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446

Contacto
H. NUNES
Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N. S U Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G. L. S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Anstin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.º Bárbara, 5 - B. Telef. 53 46 57.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em divida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alterar o de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18. 2.º-F (ao Rato)

LOJA OU ARMAZÉM

Temos para alugar em prédio moderno, óptimo acesso, com 300 m2, luz e água, entre Belém e Algés.

Resposta ao jornal ao n.º 424

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria, Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef 53 35 92

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ
Exposição e venda
em:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se público que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Concurso N.º	Aquisição de	Caução provisória	Abertura de propostas	
			Data	Hora
2/70—PAE69	MATERIAL TOPOGRÁFICO	10 000$00	11MAR70	15.30 H.
3/70—PAE69	EQUIPAMENTOS DE DESTRUIÇÃO N.os 1, 2 e 3	76 000$00	13MAR70	15.30 H.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa 2 de Fevereiro de 1970

O Presidente da COMPAE69/DSM,
Luís Borges Ramos
Ten. Cor. Eng.º SM

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

A estrondosa comédia

CONFIDENCIALISSIMO

com **Annie Girardot** e **Francis Blanche**

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30

Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional

2.ª SEMANA

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

No salão de festas — Exposição de automóveis antigos miniatura

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080

As 15.45 e 21.45

Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional!

2.ª SEMANA

Technicolor — Cinemascope

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

com **Tony Curtis, Susan Hampshire e Bourvil**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA SENSACIONAL!

UM ESCANDALO DE GARGALHADAS!

4 BRUTOS NO OESTE

com «OS QUATRO BRUTOS» (célebre atracção da TV), **Emma Penella e Darry Cowl**

A história de quatro cangalheiros em bolandas com um cadáver e um tesouro num caixão...

(Dialiscope) (Eastmancolor)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30, 18.30 e 21.45

3.º MÊS

12.ª SEMANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO À ITALIANA

com **Marcello Mastroiani**

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Às 21 horas

O DIABO ERA OUTRO

7 MULHERES PARA OS MAC GREGOR

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560

As 21 horas

A VELHA RAPOSA

ASSALTO AO QUEEN MARY

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!

Um filme de **Franco Giraldi**

A REBOLONA

com **Ugo Tognazzi** e **Isabella Rei**

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134

As 15.30 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL CARNÉ

EM 5.ª SEMANA

TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE

com **Annie Girardot**

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808

Às 18.30 e 21.45

Rod Steiger, Judy Geeson e **Claire Bloom** num filme de apaixonante interesse!

A RAPARIGA DO AUTO-STOP

TECHNICOLOR

Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

As 15.15, 18.30 e 21.45

5.ª semana de enchentes Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban

no superespectáculo de 1970, em Cinemascope e Technicolor

«SWEET CHARITY»

(A rapariga que queria ser amada)

O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Amor e aventura a altas velocidades

Panavision-Color

BOLA DE FOGO — 500

Domingo, segunda, terça

CARNAVAL — Mais de 4 horas de folia para todos

(M. 6 anos)

CONDES

(M. 17 anos) Tel. 522523-326710

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne

CONFIDENCIALISSIMO

Prémio Fémina — Paris 1969

CASINO ESTORIL

Às 21.30 (M. 12 anos)

O «SANTO» E A VENDETTA

com **Roger Moore** e **Ian Hendry**

SÃO JORGE

M. 17 anos) Telefs. 54153/4

Hoje às 15.15, 18.15 e 21.30

EM 4.ª SEMANA

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)

(Oscar para o melhor realizador)

com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross**

Domingo, às 11 h. da manhã

CINEMA COM CRITÉRIO

UM HOMEM PARA A ETERNIDADE

(12 anos)

Patrocínio do Cineclube Católico

Entrada facilitada aos sócios do Cineclube Católico

Bilhetes à venda: preço único — 10$00

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

EM 8.ª SEMANA

UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux

com

BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

Um filme gigante em 3.ª semana

O OURO DE MACKENNA

Gregory Peck — Omar Sharif

Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DA COMÉDIA PORTUGUESA

HOJE — (M. 12 anos)

18.30 h

O PAI TIRANO, de António Lopes Ribeiro (1941)

com Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, etc.

Dia 12: **Maria Papoila** (M. 12 anos)

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

Divertida comédia musical

JUVENTUDE ENAMORADA

c/ **Litle Tony** e **Marisa Salinas**

LIDO

Praça D. João I—AMADORA

(M. 17 anos) Tel. 937593

Às 21.30

Ele aqui está! CANTINFLAS!

O rei da boa disposição

D. QUIXOTE SEM MANCHA

Um festival de franca gargalhada

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

DO APAIXONANTE FILME

A SELVA DOS DIAMANTES

com **James Garner** e **Eva Renzi**

C A R N A V A L

4 tardes infantis, às 15.30 com brindes para TODAS as crianças

ATENÇÃO: Todas as tardes concursos de máscaras com prémios especiais

Nas noites de sábado para domingo e de 2.ª para 3.ª-feira, às 22 horas:

CINEMA — VARIEDADES

BAILE

BILHETES À VENDA

(Maiores 15 anos)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

O filme que pelo seu tema ousado tem atraído o publico de Lisboa!

MEIAS PRETAS

3.ª SEMANA

EASTMANCOLOR

c/ **Susan George** e **Victor Henry**

RESTELO

(M 17 anos) Tel. 610375

As 21.30

Dois grandes actores num filme sensacional

QUE RICO PAR...

com **Rock Hudson** e **Claudia** Cardinale

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

Às 21 horas

DESEJO PERVERSO

MORTE A COMPASSO

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS

VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Fonja» (17 anos)

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos).

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

MARIA VITÓRIA—Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

Espectáculos em Famalicão pelo T. V. do Porto

VILA NOVA DE FAMALICÃO, 6. — O Teatro Universitário do Porto vem hoje a esta vila e aqui dará três espectáculos com «D. Caio» e «A Galinha dos Ovos de Oiro», peças infantis, da autoria de Correia Alves, ás 17 e 30, e com «Fuenteovejuna», de Lope da Vega, ás 21 e 30.

A encenação das peças referidas é de Correia Alves; os figurinos, de José Rodrigues, e a confecção, de Clara de Oliveira. A musica da ultima peça é de José Afonso.

CINEMAS

OLIMPIA—Às 21: «A ira de Aquiles» (12 anos).

PARIS — «O Santo em acção» (12 anos).

ARCO IRIS — Às 21: «Piratas em bikini» (12 anos).

CINEARTE — Às 21: «Terra sangrenta» (17 anos).

MOSCAVIDE — Às 21: «O direito de nascer» (17 anos)

JARDIM — Às 21: «A sombra de um gigante» (12 anos).

IDEAL — Às 21: «O Tigre» (17 anos)

LUMIAR — Às 21: «Mayerling» (17 anos).

ROYAL — Às 21: «Chapéus de sol» (17 anos)

SALÃO LISBOA—Às 21: «O triunfo dos 10 gladiadores» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Peny Grant, agente de ferro» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Inspector Tormenta» e «Sansão o terrível» (12 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Com a pedra no sapato» (17 anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Submarino X-1» (12 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Santo e a vendetta» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A pele de um malandro» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Um homem em leilão» (17 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O quarto n.º 13» (17 anos

MONUMENTAL

CARNAVAL — 1970

4 NOITES DE VERDADEIRA FOLIA

Às 21.30 h.

(Maiores de 15 anos)

4 SURPREENDENTES TARDES INFANTIS

Às 15 h.

(Maiores de 6 anos)

PROSPECTOS EM DISTRIBUIÇÃO ——— BILHETES À VENDA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.,** Calç da Tapada, 83-A (634721)

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) ✲ **Magalhães,** Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

ALVALADE — Libia, Av da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel,** Av. de Roma 181-A (776235)

AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (681515)

AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710881).

ARROIOS — Fonseca — R Carvalho Araujo, 46-B-C (841708)

AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira,** R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas,** R. Viriato, 29-A (48966-553601)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172).

BAIXA — Formosinho, P dos Restauradores, 18 (30927) ✲ **Normal,** R. da Prata, 220 (321842-325553).

BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 44-A (782606) ✲ **Pogresso, Ld.ª,** Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) ✲ **Macedo,** Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).

CAMPO DE OURIQUE — Linaida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findor** — Rua D. Maria Pia, 514 (687949).

CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zenel,** R A. 182, Bairro da Liberdade (651840) ✲ **Nova,** R. de Campolide, 297-C (687475).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553808).

ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52888).

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251).

GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790382) ✲ **Douro,** Al. dos Linhas de Torres, 93-A-B (791181).

OLIVAIS — Simão — R. Cidade de Cabinda, 16-A (310581).

PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).

PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (843571) ✲ **Europa,** Av. General Roçadas, 27-A-B (Tel. 843880).

PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Pichelaira, 140-B-C (720703) e 728395).

PRINCIPE REAL — Gonçalves, Ld.ª, R. da Rosa, 176-178 (362687)

REGO — Berne, Av de Berna, 44-A (773568)

SANTO AMARO — Botânica, R da Junqueira, 38-40 (638132)

S. BENTO — Micael, R. de S Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana,** Largo do Conde Barão, 2 (661830)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 115-B (382470) ✲ **Cruz de Malta,** L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✲ **Zema,** Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)

SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)

MOSCAVIDE — Santa Brbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av Comb. G Guerra, 166 (Teletone 213953)

CAXIAS — Neve — Rua Bernardim Ribeiro, 28 (T 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 243 2039)

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (T 243 0058)

PAREDE — Grincho — Av da Republica, 87-A (Tel 247 1204)

ESTORIL — Marques dos Santos — R. Ferreira, 1 A-15 (T 260116)

CASCAIS — Cordeiro — Avenida Combatentes da G Guerra, 40 (Tel 280170), **Nova** — Estrada de Alvide — Fontainhas (Telef 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA—Melo—P D. João I— Lote 196 — Bairro Janeiro (T. 932756); **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** — P. da Igreja, 22-A (Tel 937740); **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 — Reboleira (Tel. 938424).

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telefone 933920).

QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) ✲ **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950112).

CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel 940084).

MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)

SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)

VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abreja (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Telefone 224250)

ALMADA — Galeno — Rua Capitão Leitão, 85-B (Tel 2760565).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Tel 224141)

BARREIRO — Higiénica — Rua D. Manuel I, 178 (Tel 2273017)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L 5 de Outubro, 62 (Tel 270121)

MOITA — União Moitense — Av Dr Teótilo Braga (Tel 239025).

MONTIJO — Moderna — R Buchão Pato, 60 (Tel 230156)

SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel 229471)

SETUBAL — Higiene — R Frei Agostinho da Cruz (Tel 22408); **Portugal** — R Candido Castelo Branco (Tel. 28211)

SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho 38 (Te 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla. idem e feriados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores. 322222 Voluntários, 538524

POLICIA e G N. R. — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural). 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José. 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777. 761176 e 763450.

TRANSPORTES—Aeroporto. 720111 ✲ Caminhos-de-ferro. (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço). 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém). 638511

BOM APETITE

RESTAURANTE **antónio**

AMANHÃ

DOBRADA À ANTÓNIO

DOMINGO

CABRITO NO FORNO

R Tomás Ribeiro, 63

TARANTELA

RESTAURANTE ● SNACK-BAR

L. D. Estefânia, 23 e 27

Telef. 535203

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Sala no 1.º andar para Banquetes

Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES

AMANHÃ

FEIJOADA À PORTUGUESA

DOMINGO

CABRITO CONSTIPADO

Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)

Telef. 536080

MÚSICA, MUITA MÚSICA

UM CARNAVAL ALEGRE!

DIAS 7 8 9 10 Fevereiro

UM CARNAVAL COMPLETO

NUM AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

VARIEDADES

INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (2.º CIRCULAR AO C. GRANDE)

PARQUE PRIVATIVO PARA AUTOMÓVEIS

AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.°
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado. O vento era fraco de Sueste. Havia nevoeiro ou neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Esotril, Alvalade e Tavira, 14°,5; mínima: Penhas da Saúde 3° negativos.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 7°; Penhas Douradas, 0°; Coimbra, 8°; Portalegre, 5°; Lisboa, 9°; Faro, 10°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9°,5; na água do mar 18°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros em períodos de chuva. Possibilidades de trovoada.

Amanhã
Nascer ás 8 e 38
Ocaso ás 19 e 4

Hoje Dia 13 Dia 21 Dia 1

MARÉS:

PREIA-MAR — **Hoje** — 4 e 15 (4,3 m); 16 e 42 (4,1 m). **Dia 7** — 5 4,4 m); 17 e 30 (4,1 m). **Dia 8** — 5 e 42 (4,4 m); 18 e 10 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 10 e 08 (0,6 m); 22 e 21 (0,7 m). **Dia 7** — 10 e 54 (0,5 m); 23 e 06 (0,7 m). **Dia 8** — 11 e 35 (0,6 m); 23 e 50 (0,7 m).

M/ 6 ANOS

CAMPO PEQUENO

Domingo, 8 e Terça-feira, 10 às 16 horas
(CARNAVAL)

UM ESPECTÁCULO BARATO E DIFERENTE!

2 CAVALEIROS
PARA 3 NOVILHOS
MANUEL SANTANA
JOAQUIM TENÓRIO

4 ESPADAS
PARA 2 NOVILHAS
MARTINS LOBATO
ADELINO CARREGOSA
ANTÓNIO FERREIRA
ANTÓNIO PERINÚ

FORCADOS JUVENIS DE ALCOCHETE

ALEGRIA • CIRCO TOUREIO

APRESENTAÇÃO DA

«MULHER DE FERRO»

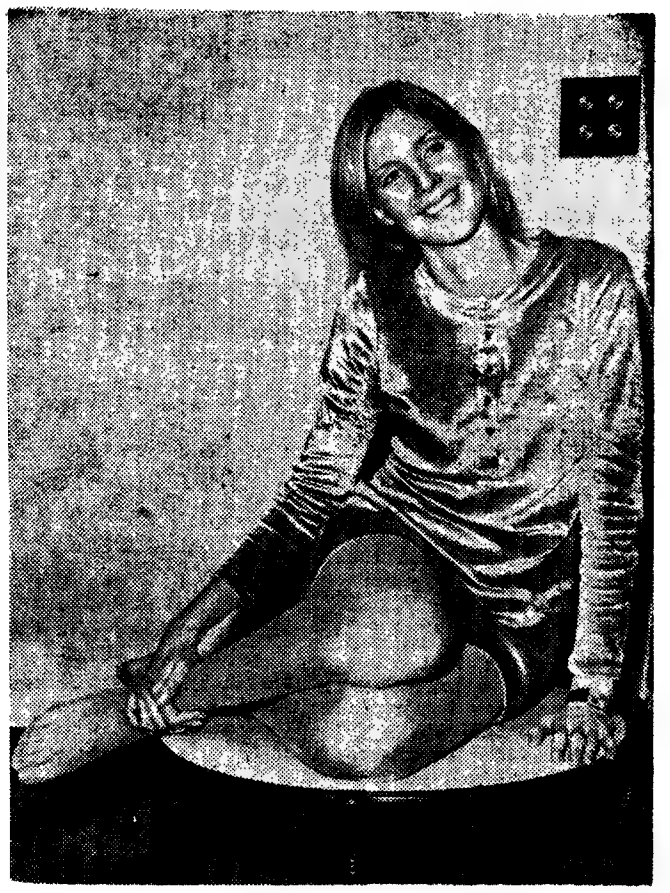
UM PRODÍGIO DE FORÇA
A QUE NADA RESISTE!

PREÇOS DESDE 20$00

TELFS: 766161, 321712 e 30769

OS MAIS BELOS OLHOS DE INGLATERRA

LESLEY MASON, de 17 anos, obteve recentemente o título de Miss Optrex 1970. Num concurso em que participaram cerca de 800 jovens de toda a Grã-Bretanha, Lesley foi considerada a rapariga do seu país com os mais belos olhos. O prémio traduzir-se-á numa viagem á Jamaica com tudo pago e mais 200 libras para gastar naquilo que mais lhe agradar. Resta acrescentar que Lesley Mason é especialista em língua inglesa, História russa e Geografia



O CHEFE DO ESTADO VISITA EM ALVERCA AS INSTALAÇÕES DA ARGIBAY

O sr. Presidente da Republica visita hoje as instalações da ARGIBAY — Sociedade de Construções Navais e Mecânicas, S. A. R. L., em Alverca.

Nesta visita, realizada a convite da referida empresa, o sr. almirante Américo Thomaz é acompanhado pelos ministros da Marinha e das Comunicações, secretários de Estado da Industria e Comunicações, além de outras altas individualidades.

Os visitantes percorrem as novas oficinas onde estão em construção dois rebocadores iguais a um outro que ali foi também construído e entregue há cerca de um mês á administração dos Portos do Douro e Leixões.

Regalias sociais dos trabalhadores da indústria de panificação

O presidente da Corporação da Industria, dr. Augusto de Sá Viana Rebello, acompanhado pelo vice-presidente do Conselho da 3.ª Secção (Alimentação), dr. Amaral Coelho, e pelo secretário-geral, dr. Henrique Sequeira, reuniu-se com os presidentes dos Grémios dos Industriais de Panificação de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora e Faro. Na reunião foram apreciadas as regalias sociais de que dispõem os trabalhadores do sector, do que resultou uma análise da problemática da respectiva industria e das implicações decorrentes do regime cerealífero.

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

O projecto de alargamento do regime de pensão de sobrevivência a todos os trabalhadores do respectivo sector ocupou quase totalmente a reunião semanal da direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas.

Presidiu o dr. Borges de Castro que foi assistido pelo secretário-geral, dr. António Guardiola, tendo assistido á reunião todos os vogais da direcção, srs. dr. Carlos Mendes Leal, João José Correia, José Abel e Lemos Pedroso Saphera Costa e Manuel de Jesus Neves.

SACOR

INAUGURAÇÃO DA REFINARIA DO PORTO "MEDALHA COMEMORATIVA"

Concurso aberto a todos os escultores portugueses diplomados e aos artistas de reconhecido mérito com obras publicamente consagradas

Até ao dia 20 de Fevereiro do corrente ano estão à disposição dos Artistas interessados as condições do concurso para a apresentação do modelo de uma medalha comemorativa da Inauguração da Refinaria do Porto, nos Serviços de Publicidade e Informação da SACOR, no Beco dos Apóstolos, n.° 7, em Lisboa.

Ao autor do trabalho que for classificado em 1.° lugar será concedido um prémio de 50.000$00.

A cada um dos trabalhos classificados do 2.° ao 5.° lugar será atribuída a importância de 5.000$00.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1970.

Boutique

SALDA
O RESTO DAS COLECÇÕES
PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO
até ao dia 15
Rua Serpa Pinto, 14, 1.°
Telef. 320843
Rua Nova de S. Mamede, 38
Telef. 673077

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente no seguinte Sector:

8.° Sector — **Concelho de Lisboa**: Rua Passos Manuel, n.° 15; Rua Tomás Ribeiro, n.os ímpares entre a Rua Filipe Folque e a Rua Viriato e Largo Frei Luís de Sousa e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

RESTAURANTE CASTANHEIRA
TELEF. 79 01 68 • LUMIAR • LISBOA, 5
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

CARNAVAL

No amplo salão de festas:
4 noites (Sábado, Domingo, 2.ª-Feira e 3.ª-Feira)
2 «matinées» (Domingo e 3.ª-Feira)
(M/ 15 ANOS)

INFORMAÇÕES PELOS TELEFONES 790168 E 790507

Bertrand Russel —um humanismo vigilante

• UM ARTIGO DO DR. J. TIAGO DE OLIVEIRA (NA PÁG. 5)

Prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior

MESA REDONDA

A formação de arquitectos é ensino superior?

NUNO PORTAS

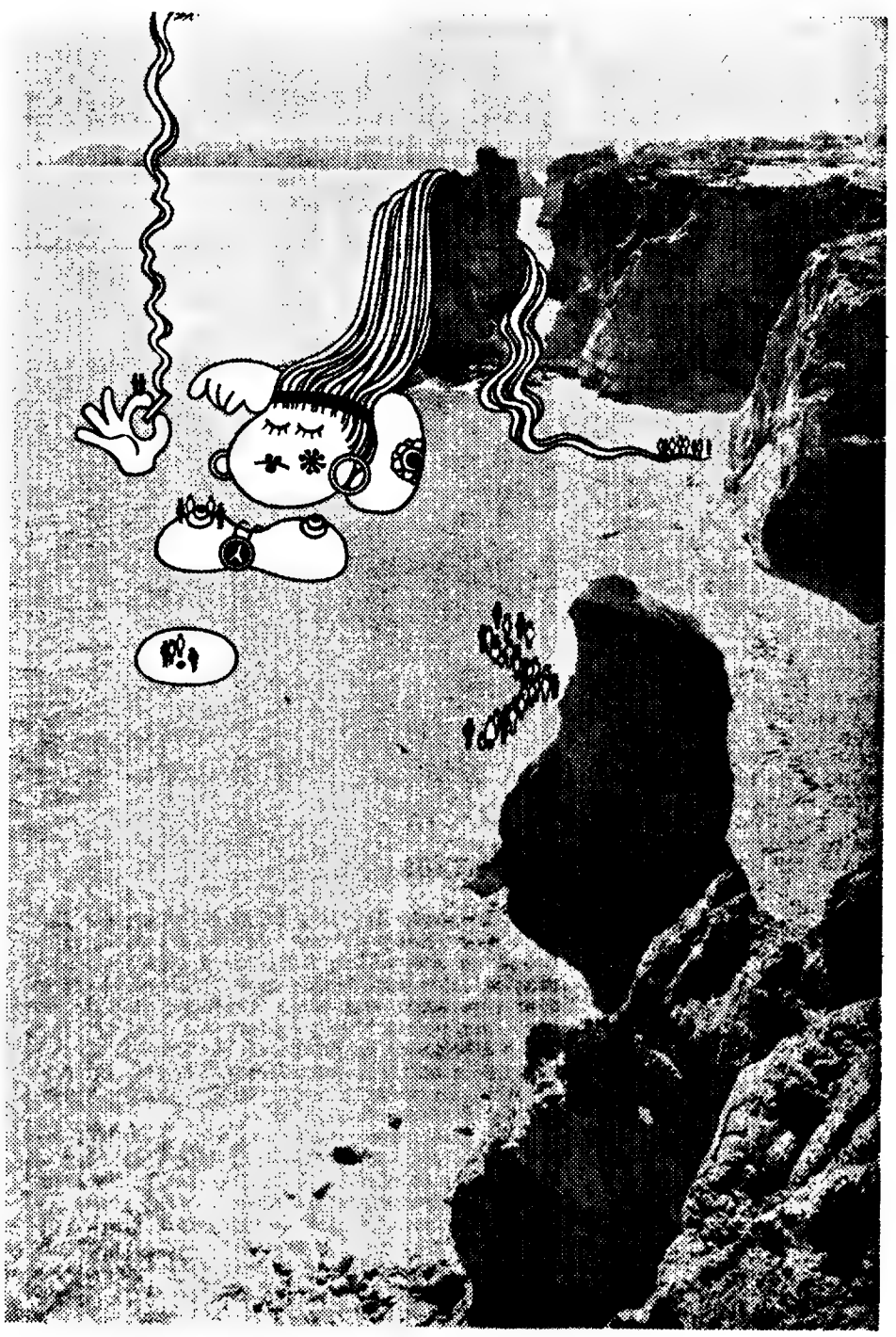
Parece chegada a altura de rever, de alto a baixo, o processo de formação dos futuros arquitectos. Para quase todos os interessados, no ponto a que as coisas chegaram, esta asserção torna-se pacífica. Menos pacíficas serão as respostas às questões que têm de voltar a ser postas: *formar quem?, formar como, e com quem?*, se se quiser mais do que uma mudança de aparência, se se quiser acertar o ensino com as necessidades do País, tal como o têm tentado muitos, desde fora ou mesmo dentro das próprias escolas, mas em vão.

Na verdade, este ensino tem vindo a passar por impressionante degradação e curiosamente em ambas as Escolas do País, ainda que com diferentes sintomas e diferentes explicações.

Assim, enquanto na Escola do Porto—que alguns julgavam poder ser preservada — se põe em toda a crueza das salas vazias o problema da desadaptação dos processos de selecção do pessoal [problema geral apenas agravado por regulamentos de concursos mais anacrónicos (1)] que leva à resolução de abandono de numeroso grupo de docentes há anos aguardando a superação dos regulamentos; assim em Lisboa o congelamento das decisões num quadro (reduzido a metade) que se mostra fora dos problemas mas atento a marginalizar as poucas acções renovadoras, impede a resposta colectiva às tais questões e mostra que não poderá mais ser o condutor de qualquer renovação, das ideias ou da escolha dos homens. Mas no fundo, comum a ambas as escolas, a mesma desorientação, a mesma descrença invadindo os alunos e os assistentes válidos, e a partir deste ano, a mesma série de actos desesperados...

Cont. na pág. central

Portugal pitoresco (3)



PRAIA DA ROCHA **(Desenho de João Abel)**

A crise da Universidade

A prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior Pontes prestou à Mesa-Redonda importantes declarações sobre a (por todos assumida) CRISE DA UNIVERSIDADE PORTUGUESA. A tomada de posição da prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior é a de uma intelectual que em diversos países, quer pela sua obra escrita, quer em colóquios ou em actividade organizativa, tem contribuído para uma maior divulgação da cultura portuguesa.

A dr.ª Maria de Lourdes Belchior regeu, desde 1948, várias cadeiras na Faculdade de Letras de Lisboa. Beneficiou de várias bolsas de estudo, doutorando-se pela Sorbonne e procurando, sob a orientação de diversos professores estrangeiros, dedicar-se ao estudo da literatura de seiscentos.

É autora de dezenas de trabalhos de investigação nos diversos campos de História da Literatura e teve, ùltimamente, uma grande actividade de divulgação da poesia portuguesa em diversas Faculdades do Brasil, onde trabalhou como conselheira cultural da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, de 1963 a 1966.

MESA REDONDA — A sua aprovação para catedrática da Faculdade de Letras do Porto consagrou o trabalho realizado e posições que tem assumido na vida da Universidade portuguesa. Que pensa das tarefas que a esperam no desempenho das novas responsabilidades?

DR.ª MARIA DE LURDES BELCHIOR — «Sete anos de pastor Jacob serviu...», eu servi ou tenho vindo a servir há 22 anos, quase 23, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para onde entrei, jovem assistentes, em 1949. Estive apenas ausente dois anos lectivos em Paris, onde preparei a dissertação de doutoramento, (doutorei-me, em Lisboa, em 1953) e três no Brasil (de 1963 a 1966) onde fui conselheira cultural, junto da Embaixada, trabalho que me apaixonou, mas que não conseguiu vencer a vocação irresistível que sinto para o ensino universitário. Em 1959 fiz concurso, de provas publicas, para professor extraordinário e fiquei, depois, á espera, do alargamento dos quadros. Na secção de Filologia Romanica, em que me integro,

Cont. na pág. central

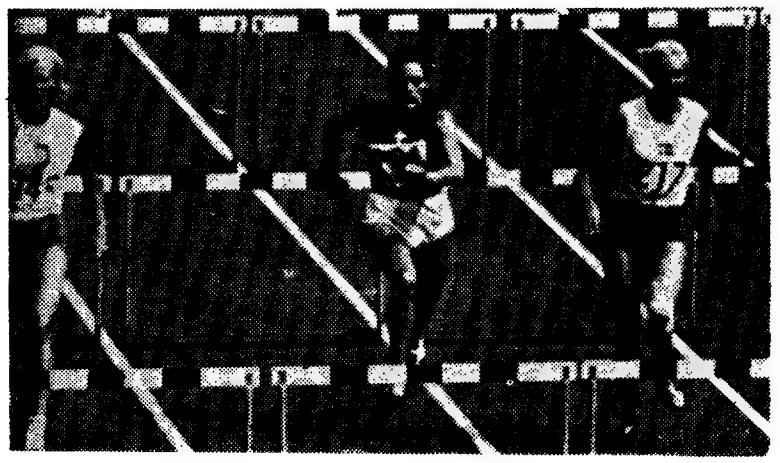
ASSIM VAI O MUNDO

Desporto e juventude

Em Itália, pretende-se que o desporto se aproxime mais da juventude e da Escola. Por isso, o ministro da Instrução Pública fez publicar uma portaria com vista ao desenvolvimento da actividade desportiva em todos os estabelecimentos de ensino.

No princípio de cada ano, manda o despacho ministerial, o reitor de cada escola reunirá uma assembleia constituída pelos respectivos professores e alunos, e, ainda, pelos próprios pais. Objectivo do encontro: discussão, em conjunto, dos programas desportivos para o ano escolar.

Um exemplo curioso, que nos vem de um país onde, aliás, as despesas com a instrução sofreram um impulso notável. O total dos investimentos destinados à construção de estabelecimentos escolares, aprovado pela Comissão Interministerial para o Programa Emonómico de Itália (C. I. P. E.), é de 560 biliões de liras no triénio 1969/71. A maioria destes fundos destina-se a novos estabelecimentos escolares para a instrução secundária de carácter técnico e profissional. Saliente-se que 51 por cento destes investimentos serão obrigatòriamente investidos na região agrária do Sul, o grande problema italiano no caminho do desenvolvimento. A batalha pela industrialização nessa parte do país é, assim, acompanhada pela criação das necessárias infra-estruturas escolares.



Brinquedos

Dois dos maiores produtores mundiais de brinquedos, o Japão e a Itália, procuram honrar a sua posição através de constantes iniciativas que os mantenham na liderança de tão frutuosa actividade. Enquanto a Itália (100 biliões de liras por ano, valor da sua produção) organiza, de novo, a Feira Internacional do Brinquedo, que ocupa já uma área de 50 mil metros quadrados no recinto da Feira de Milão, os japoneses criam um concurso de brinquedos em moldes originais e que nos parece pretender a dignificação dos maravilhosos objectos como processos de educação e humanização da criança. A popularidade dos brinquedos japoneses é tal, que o país se tornou o primeiro exportador mundial. Para lá dos prémios de venda e qualidade, o certame tem um sector para os brinquedos que se destinam a crianças em idade pré-escolar, até agora muito desprezado pelos fabricantes. O grande prémio foi para um brinquedo chamado «Blocos infantis», constituído por um conjunto de blocos em madeira com várias formas e tamanhos, permitindo que as crianças os coloquem livremente em qualquer forma que lhes agrade, com vista a fomentar a capacidade infantil para imaginar e criar a forma e o estilo.

Jornalistas

A assembleia geral dos jornalistas da «France-Presse», reunida em Paris, depois de ter ouvido as exposições dos representantes nacionais na União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas, aprovou inteiramente as reivindicações apresentadas pela União; insistiu particularmente na necessidade de obter rápidamente a semana de cinco dias a reforma aos 60 anos, em regime de voluntariado, um salário mínimo de 2000 francos por mês, uma revalorização de doze por cento dos salários da profissão e o restabelecimento de efectivos suficientes nas redacções. E registou a recusa patronal de travar qualquer discussão.

Os jornalistas da «France-Presse», convictos de que a intransigência patronal convida a uma réplica vigorosa, comprometem-se a cumprir toda e qualquer palavra de ordem — incluindo a greve ilimitada — que lhes seja dada pela União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas. A moção foi votada por unanimidade.

Raridades

O imperador do Japão acaba de publicar o décimo volume da sua bibliografia científica, aliás arredado dos circuitos comerciais. Intitula-se «Alguns Hidróides das Ilhas Amakusa», classificação biológica de oito espécies de hidróides marinhos descobertos pelo próprio imperador, apaixonado desde sempre pela biologia.

O livro foi publicado em duas edições — uma de 38 páginas em língua inglesa e outra de 60 páginas bilingues — em japonês e inglês.

Trata-se de um bom negócio para os coleccionadores de raridades: a distribuição do livro de sua majestade imperial resumiu-se á doação de exemplares a certas entidades, como bibliotecas, universidades, institutos de investigação e cientistas.

Suprimir atrasos

Foi dado um passo importante para a concretização da livre circulação de mercadorias nos países do Mercado Comum. Dezoito meses após a resolução, ao nível da C. E. E., da supressão dos direitos alfandegários nas trocas entre os seis países da Comunidade, entrou em vigor, em 1 de Janeiro de 1970, o «transit communaulaire» É um regime que suprime os atrasos no transporte de mercadorias pelo Caminho de Ferro, por vezes muito prolongados, nas estações da fronteira. Esses atrasos são provocados pelas formalidades, até aqui normais. O regime aplica-se segundo duas modalidades:

— Com a sigla «transit communautaire interne» duma forma imperativa para todas as mercadorias comunitárias, circulando entre os países da comunidade.

— Com a sigla «transit communautaire externe» para as mercadorias de outros países circulando no território da Comunidade, regime tornado imperativo se o transporte nasce ou termina no Mercado Comum.

A circulação do primeiro comboio de mercadorias entre Paris-Bruxelas-Anvers-Roterdão e volta deu resultados apreciáveis: o ganho de tempo foi de 2 h. 31 m., num sentido, e 1 h. 36 m. no outro sentido; os percursos foram efectuados ás médias de 65 km/hora no sentido sul-norte e 60 km/hora no sentido norte-sul. Valores muito significativos para comboios de mercadorias utilizados a longo curso.

Cinema

Um único operador, que também vende os bilhetes e fiscaliza as entradas, é todo o pessoal de que necessitam os minicinemas projectados por um grupo sueco, produtor e exibidor de filmes: o Sandrews. As salas, nova fórmula dos populares cinemas de bairro, terão uma capacidade para 75 ou 150 pessoas, e visam concorrer, pelo seu atractivo e funcionalidade, com a televisão. A primeira série de tais cinemas está planeada para Gotemburgo, Lund, Uppsala e Umea, cidades universitárias onde existem audiências interessadas e exigentes.

A Suécia foi um dos países do mundo com maior número de salas de cinema, mas, desde o aparecimento definitivo da televisão, o seu movimento definitivo tem decrescido assustadoramente, tal como nos Estados Unidos. Segundo Goran Lindgren, director do grupo Sandrews, os dias das grandes salas de exibição de filmes estão contados.

A ideia é de que o novo tipo de cinema de bairro passará a fazer parte do centro comunitário nas proximidades das grandes lojas, restaurantes, bares e outros tipos de locais de reunião abertos depois dos horários regulares de trabalho. Numa segunda fase do projecto, atingir-se-á a quase absoluta automatização — tanto na construção como no funcionamento.

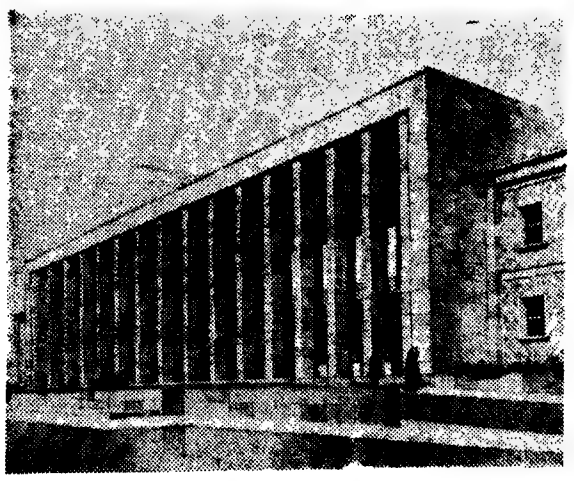
Suecos

Pela primeira vez, a população da Suécia ultrapassou a barreira dos oito milhões de habitantes. Isto ocorreu em 1969, ano em que, paradoxalmente, se confirmou a tendência para baixar o índice de natalidade naquele país. Durante o ano passado, nasceram 107 mil crianças, contra 113 000 em 1968 e 121 360 em 1967.

Em contrapartida, chegaram á Suécia, onde se fixaram no mesmo ano, 66 000 estrangeiros contra 36 000 m 1968. Acontece ainda que a emigração de naturais diminuiu de 23 300 (1968) para 20 000 no ano seguinte.

De tudo isto resulta um saldo positivo de 70 000 habitantes, que tal é o aumento que fixou a população do país, em 31 de Dezembro último, em 8 012 000 habitantes.

ASSIM VAMOS NÓS



Assistentes

O deputado Aguiar e Silva, ao falar, em fins de Janeiro, dos problemas da Universidade, referiu-se na Assembleia Nacional á situação (económica) dos assistentes universitários. E fê-lo com esperança «na justa e pronta solução do problema, pois conhecia o profundo interesse com que o Ministério da Educação Nacional tem considerado a matéria nos ultimos tempos», segundo declarou na passada terça-feira, em breve intervenção. E acrescentou:

«Foi, pois, com alegria que, após a minha intervenção, fui informado, por quem de direito nesta Casa estabelece a ligação com o Governo de que em breve será publicado um diploma legal que vem satisfazer algumas das mais prementes aspirações dos primeiros e segundos assistentes. Ao manifestar aqui o meu júbilo perante as medidas anunciadas, não o faço apenas em nome de uma categoria de docentes universitários; faço-o com o pensamento virado para o futuro da Universidade portuguesa.» Pois.

Inquérito

Como se costuma dizer (e como costuma acontecer) em casos como este, bem pode afirmar-se que os incidentes verificados no Estádio da Luz durante o encontro de futebol entre o Sport Lisboa e Benfica e o Clube de Futebol «Os Belenenses» vão ainda fazer correr muita tinta.

Para já, fazem correr um inquérito. Limitado, como todos os inquéritos que se fazem nestas coisas. Um inquérito de superfície, que nem sequer pode incidir sobre os responsáveis directos e objectivos, já que o outro rseponsável apontado — o árbitro — está fora de causa: faz parte das estruturas a defender.

E se falamos de responsáveis directos e objectivos é porque nos parece existirem outros responsáveis, que tanto se podem considerar directos e objectivos como indirectos e subjectivos. O tema é tão vasto e importante que permite todas as posições, todas a cores, de acordo com as melhores conveniências. Inquérito, sim, mas o que está por fazer, o que ainda não foi programado. ás condições de base que permitem a passagem da contensão interior á acção directa, aos agentes invisíveis (e visíveis), aos propulsores da mola, á segurança dos diques, ás estruturas, em suma, de uma sociedade muito limitada e condicionada por um certo tipo de paixões, alienações, propaganda de massas, desvios e tantos outros factores que espíritos mais «simplificadores» pretendem resumir na dialéctica primária: ou se é pró-futebol ou antifutebol.

A revolução de Setembro de 1836

RESUMO DO LIVRO DE VICTOR DE SÁ

● Uma revolução mitificada

Dilucidar se, de facto, o movimento militar e popular que ficou conhecido na história do nosso século XIX por Revolução de Setembro sublevou, expressivamente, na sua eclosão e prossecução, as estruturas do regime aristocrático - liberal implantado em 1832, cremos ser o principal objectivo deste livro que, fazendo o diário de uma revolução, *revolucionàriamente* gorada, procura explicar, com senso crítico e oportunidade, o porquê desse malogro. Mitificada pela historiografia liberal, de feição predominantemente individualista, a Revolução de Setembro, se não foi um episódio mais, inconsistente e confúso, na luta travada entre constitucionalistas e cartistas, também não chegou a ser ou a urdir a profunda transformação nas instituições oligárquicas que alguns chegaram a adivinhar e que não poucas tensões sociais prenunciavam.

O Autor começa por observar que se manteve intacta a concentração da propriedade sob o regime liberal, tendo a extinção das ordens religiosas e a venda dos bens sociais, a que há que acrescentar a lei das indemnizações, de que beneficiaram os emigrados, presos e homiziados durante o Governo de D. Miguel, contribuído para que a transferência do domínio económico dos antigos senhores feudais para os monopolistas do liberalismo se processasse, sem provocar alteração de monta nos quadros sociais do País. Substituindo-se a grande burguesia latifundiária e a aristocracia financeira aos antigos proprietários conventuais, decerto que qualquer tentativa de reforma, que pudesse subtrair à sua influência o poderoso «contrôle» exercido sobre o Estado, seria hostilizada.

● Os acontecimentos

Em contrapartida, a média burguesia, empenhada na expansão dos sectores produtivos a que estava ligada, reivindicava reformas de carácter administrativo, económico e político, atraindo ao seu programa a pequena burguesia e as camadas populares que mobiliza em proveito próprio. Ao erigir-se em representante de um descontentamento generalizado, a burguesia mercantil e modestamente industrial desempenhava o seu papel histórico

Quando, no dia 9 de Setembro de 1836, o povo de Lisboa acorreu ao cais do Tejo para dispensar entusiástica recepção aos deputados do Norte, onde a oposição conseguira ganhar nos círculos do Douro e das Beiras, estava criado o estado emocional que preludiaria à sublevação popular. Aos vivas à Constituição, a Constituição democrática dos insurrectos de 1820,

José Estêvão

de que a Carta Constitucional que regia o liberalismo dos Terceiras, dos Saldanhas e dos Palmelas era uma pálida contrafacção, os manifestantes formaram-se em cortejo que atravessou a cidade até ao Palácio das Cortes. Por intermédio dos clubes e ligas patrióticas, o sector aguerrido da burguesia politicamente experiente, contactara com o caloroso empenhamento revolucionário da massa popular. Simultâneamente, a feição democrática da Guarda Nacional, cujos membros eram geralmente recrutados nos meios sociais da média e pequena burguesia, indigitava-a para um importante papel no êxito da revolta. Estas duas forças fizeram triunfar o movimento insurreccional que passou à História com o nome de Revolução de Setembro. As forças regulares que o Governo chamou em sua defesa, contagiadas pelo entusiasmo popular, confraternizaram com os revoltosos. Vendo a revolução ganha, D. Maria II não teve senão que assinar os decretos que punham em vigor a Constituição de 1822 e nomeavam os novos ministros.

Mas, no momento em que a revolução se ganhava, começava ela a estar perdida. Perturbados com a capacidade e disposição de luta da classe popular, os dirigentes burgueses do movimento esmorecem nos seus objectivos revolucionários e buscam um compromisso com a Corte, de modo a fazerem vingar as suas aspirações menos radicais. O próprio ministério saído da revolução só medianamente a representava. Da sua equívoca posição e da ausência de medidas para defender o novo regime se gerou o clima de indecisão política que encorajou os conspiradores cartistas. Hostis ao novo Governo, os grandes da Corte procuram no apoio estrangeiro a força que lhes minguava no País. Em 2 de Novembro, menos de dois meses volvidos sobre a revolução, vingou a conspiração restauracionista da Carta. Acorreram de novo às armas a Guarda Nacional, os clubes políticos e os populares. De surpresa, a rainha decretara o estabelecimento da Carta Constitucional, despedira os ministros «setembristas» e nomeara outros em seu lugar, mais da sua feição, mas as forças populares inconformadas, reunidas em Campo de Ourique, estavam dispostas a marchar sobre Belém, para provarem aos conselheiros de D. Maria o erro das suas decisões e das suas secretas alianças... Era o renascer da revolta

No entanto, mais uma vez houve quem moderasse as cabeças impetuosas e travasse o passo à indignação popular. Dessa missão se desempenhou, a bom contento de uma das partes — a Corte —, Passos Manuel um dos ministros setembristas deposto. Neutralizado o ímpeto revolucionário, neste ponto dos acontecimentos demasiado incómodo para o entendimento entre os dois grupos políticos a revolução malograda dava lugar a um convénio cortês, em que constitucionalistas e cartistas, média burguesia e alta burguesia, de mútuo acordo, transmutavam para a intriga política e para a luta parlamentar o que fora tensão e ruptura, agitação e ameaça social

● A Interrogação

Entre as primeiras figuras, no princípio do episódio revolucionário, quase figurante, no fim, não teria, no entanto, o *povo*, com a sua presença tingido de forma indelével o setembrismo como corrente paradoutrinária? Lembremos que a ala esquerda do setembrismo, na qual se situava José Estêvão, um setembrismo «patuleia, descamisado» no dizer de Oliveira Martins, não poupa a Passos Manuel o ter dado a mão aos moderados A crítica no interior do partido saído da revolução e a crítica ao comportamento revolucionário dos seus «leaders» não teriam provocado cisões insanáveis que desprenderam outras correntes de expressão mais popular: o primeiro socialismo ingénuo e o republicanismo de Oliveira Marreca?

Qual a importância do Povo no Setembrismo?

DEPOIMENTO DE ALMEIDA LANGHANS

Os portugueses estavam profundamente divididos quando se deu a Revolução de Setembro de 1836. O Povo, como expressão colectiva, ou olhava para os seus costumes e ritos tradicionais; ou abria-se para as novas ideias que, lá de fora, lhe anunciavam. O Movimento Liberal que teve a sua lídima forma na Revolução de 1820 e se exprimiu nas Cortes Constituintes de 1822 e na Lei Básica delas saída, foi logrado com a outorga da Carta Constitucional de 1826. A oferta da Carta por alvedrio do príncipe representou uma atitude de indiferença para com um dos princípios fundamentais das novas doutrinas: o princípio da soberania popular — a soberania reside essencialmente em a Nação.

Não é, portanto, para admirar, logo após dois anos de uma custosa vitória militar, que os veteranos da guerra civil sentissem que foram ludibriados ao verem a Carta de 1826 restaurada. A Constituição do Estado não foi discutida e aprovada por uma assembleia de representantes eleitos pelo Povo.

Este povo, porém, estava dilacerado pelas mais dramáticas dissenções. As famílias divididas. A gente do campo contra a da cidade. Dentro da cidade quantos não se digladiavam em temerosa luta ideológica e de interesses de grupo. Dificilmente poderá apontar-se uma verdadeira presença do Povo, como uma totalidade nacional, no movimento político que fez a Revolução de Setembro e continuou o seu espírito.

A Revolução de 9 de Setembro de 1836 foi um pronunciamento militar de veteranos desiludidos e a resultante da persistente actividade de ardorosos tribunos sobre aqueles sectores mais atreitos às aberturas políticas. A revolução foi, essencialmente, uma revolução urbana, política e intelectual no seu espírito mas foi feita por militares. Em Lisboa dois grupos estavam particularmente aptos a colaborar, e com armas na mão, no movimento revolucionário: os artífices do Arsenal (os *arsenalistas*) e a gente veterana da Guarda Nacional. Quanto aos «arsenalistas» a sua proveniência indica tudo: é gente laboriosa dos estaleiros navais que está em contacto permanente com as novidades que circulam pelo mundo e trazidas nas arribadas quotidianas do porto. Os voluntários da Guarda Nacional vieram principalmente do comércio e das oficinas. O que se diz da gente de Lisboa poderá ser dito também dos burgueses da Invicta Cidade que um cerco prolongado e renhido caldeou em duro e irredutível liberalismo. Este sector da população portuguesa foi um forte e expressivo sector. Havia um outro não menos forte — o daqueles portugueses que se obstinavam em manter-se fiéis aos costumes e ritos dos seus antepassados. Era a grande massa da gente rústica e de muitos habitantes das cidades ainda aferrados à lembrança de acontecimentos recentes que fizeram Portugal joguete das grandes Potências. Não é possível falar em termos precisos de «Povo» como uma totalidade e simultâneamente agente de acções que ainda mais acentuaram a pulverização das ideias e dos interesses.

Não devemos esquecer de que o Setembrismo foi um movimento político nas suas causas e nos seus efeitos. Os factores socioeconómicos só mais tarde vieram a manifestar-se com força, quando as gerações nascidas por altura da Revolução de Setembro atingiram a maturidade no decurso da segunda metade do século. Fizeram-se, então, associativistas, mutualistas e socialistas antes de aceitarem o republicanismo burguês.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento

inquerito

O livro como mercadoria

Fernando Namora

Completada, no último número, a publicação da «mesa-redonda» em que o tema foi o livro como mercadoria e na qual intervieram o editor Lyon de Castro, o poeta David Mourão-Ferreira, o dramaturgo Manuel Grangeio Crespo e José Fernandes Fafe, pelo «Diário de Lisboa», iniciamos hoje um amplo inquérito sobre o mesmo assunto, de acordo, aliás, com o que já tínhamos prometido.

Na verdade, a discussão do problema, para lá da importância que sempre lhe reconhecemos, acabou por revelar uma série de pistas inexploradas no que diz respeito a concepções socioculturais de pessoas diversas que, afinal, todas fazem parte do mesmo circuito económico, comercial, industrial e cultural.

Impõe-se, portanto, uma certa generalização do debate: mais escritores, mais editores, mais pessoas ligadas ao livro. «Mesa-Redonda» continua a perguntar: «O livro é ou não uma mercadoria? É desejável que o seja? É inevitável que o seja?

RESPOSTA DE FERNANDO NAMORA

Ao falar-se do livro, um dos termos do trinómio sob que decorre o facto literário (escritor, livros e público), convém sempre evitar os simplismos, avivando os esclarecimentos que nos podem ser dados por um compêndio de sociologia da literatura. Através de qualquer obra do género se verificará que o tema é complexo, embora obedeça a coordenadas, tanto de ordem social como psicológica, que a experiência de séculos em grande parte já codificou, e que nele intervêm ingredientes cuja multiplicidade nos expõe a contradições.

Na verdade, o convívio com a sociologia da literatura facilitar-nos-á o inventário de quase tudo o que se passa no mundo do livro (ao mesmo tempo que nos sugere o porquê), em qualquer das fases do circuito que começa no acto da criação literária (definido como o «gesto do náufrago que deita uma garrafa ao mar», acto livre mas sobre o qual já actuam as circunstancias que o promoveram e o fim a que se propõe) até á incorporação desse gesto individual na vida colectiva, ou seja: a sua audiência através do livro, sem o que o facto literário não se completa. É corrente dizer-se — talvez grossseiramente—que, com o primeiro comprador, termina e se cumpre a criação, encetando-se um diálogo que a vai fecundar, diálogo singularíssimo em que apenas uma das partes se compromete — o escritor —, visto que o interlocutor-público, não presente, goza da segurança, da disponibilidade e até da impunidade do anonimato.

Ora, os estudos sobre a literatura e a sociedade sublinham-nos que o livro é um produto manufacturado, portanto uma mercadoria, sujeito á lei da oferta e da procura, seja qual for o regime que inspire a sua divulgação e, por conseguinte, a estrutura social em que tal divulgação se apoie. Quer dizer, pois, que uma coisa é a criação, acto solitário (conquanto resultante de uma experiência gregária), e outra a «mercadoria» (chamemos-lhe assim sem preconceito pejorativo) que daquela resultou, importando que ambas as coisas sejam particularizadas quando se trate de apreciar-lhes as saliências. Mas o facto de ser «mercadoria» não condena forçosamente o livro aos excessos de uma certa mentalidade tecnocrata que tende a ver nele um objecto, nem às degradações que ameaçam todo o produto comercializado. O problema, julgo eu, está aí: defender o livro do que o desvie de ser «o veículo de humanização» (como bem se disse nesta mesa-redonda) para o transformar «numa máquina contra os homens». E o que se vai passando nas sete partidas da edição justifica que se toquem a rebate, e sem demora, todos os sinos da cidade anestesiada.

FUNÇÃO ADULTERADA

Posto isto, apeteceria deduzir que não adiantará muito levantar a dúvida sobre se é «desejável» ou «inevitável» que o livro seja mercadoria, desde a hora em que ele despontou na história da literatura, substituindo, até hoje (até quando?), a difusão oral da Antiguidade e os manuscritos saídos das oficinas dos recopiadores — pois que o «desejável» tem pela frente um sólido «inevitável». Mas a util discussão começa aqui: no espírito que decerto presidiu á enunciação da pergunta. A função do livro, por um lado, tem sido adulterada e, por outro, tem sido mal servida, assim se verificando, séculos após se ter partido para uma cultura interessada em estabelecer as mais largas relações com a colectividade, da qual recebe a seiva e á qual influencia, assim se verificando, dizia, que, ainda hoje (para citar Robert Escarpit), «uma cidade de um milhão de homens possua uma literatura à escala do milhar» e que na maioria dos países a escolha do original para eventual publicação obedeça à sua qualidade e, sobretudo, à sua provável vendabilidade.

Pelo que respeita ao primeiro problema, o da difusão, não esqueçamos, repita-se, que em todos os meridianos o livro foi «comercializado» e em todos eles, portanto, se pretende incitar o comprador potencial e se põem em prática técnicas de aliciamento—só que, numas bandas, o objectivo dominante é o lucro, com todas as suas viciações a que o livro devia ser imune, e, noutras, a «mediação» comercial do editor ou do vendedor tem por alvo promover o maior contacto possível entre a obra e o seu público. Daí, que os métodos de divulgação se diferenciem em muitos aspectos, embora se justaponham noutros, todos eles, porém, obrando no sentido de introduzir o livro num público sempre mais vasto democratizando assim a cultura, que, de privilégio de uma minoria, passou a familiarizar-se com as massas. Talvez os termos «venda» e «vendedor», nesta problemática do livro, produto *sui generis*, nos molestem os ouvidos, mas correspondem a uma realidade. Nenhum sistema oficial ou privado de distribuição dispensa o mediador, conquanto, nuns casos, o mediador influa no critério editorial, pelo menos indirectamente, e noutros lhe seja alheio. A China, por exemplo, até adoptou uma das formas mais tradicionais do comércio do livro, ultimamente reavivada na sociedade capitalista: o vendedor directo, que vai de porta em porta fazendo por ampliar a clientela da obra publicada.

FÚRIA DE PRODUÇÃO

Mas este propósito supremo de dilatar a audiência do livro, seja qual o móbil que o orienta, tem a brochura acessível como instrumento, a par de uma rede distribuidora que simplifique e active os contactos. Ora, o livro barato pressupõe ou a desistência do lucro editorial (pelo menos a correcção da sua tirania) ou a larga tiragem, que só é possível nos grandes blocos linguísticos e numa política do livro não apenas dinamica mas também liberta da venenosa concorrência e adaptada, por conseguinte, ás necessidades dos leitores. Porque, não se esqueça: se a edição de um livro num país de esquema capitalista representa o investimento mais arriscado entre todos os investimentos mercantis, isso deve-se fundamentalmente á furia de produção, ligada, ocioso será dizê-lo, a um critério selectivo corrompi-

Cont. na pág. 8

TRIUNFO ABSOLUTO SACOR

III RALI TARGA

VENCEDORES NOS GRUPOS

TURISMO DE SÉRIE

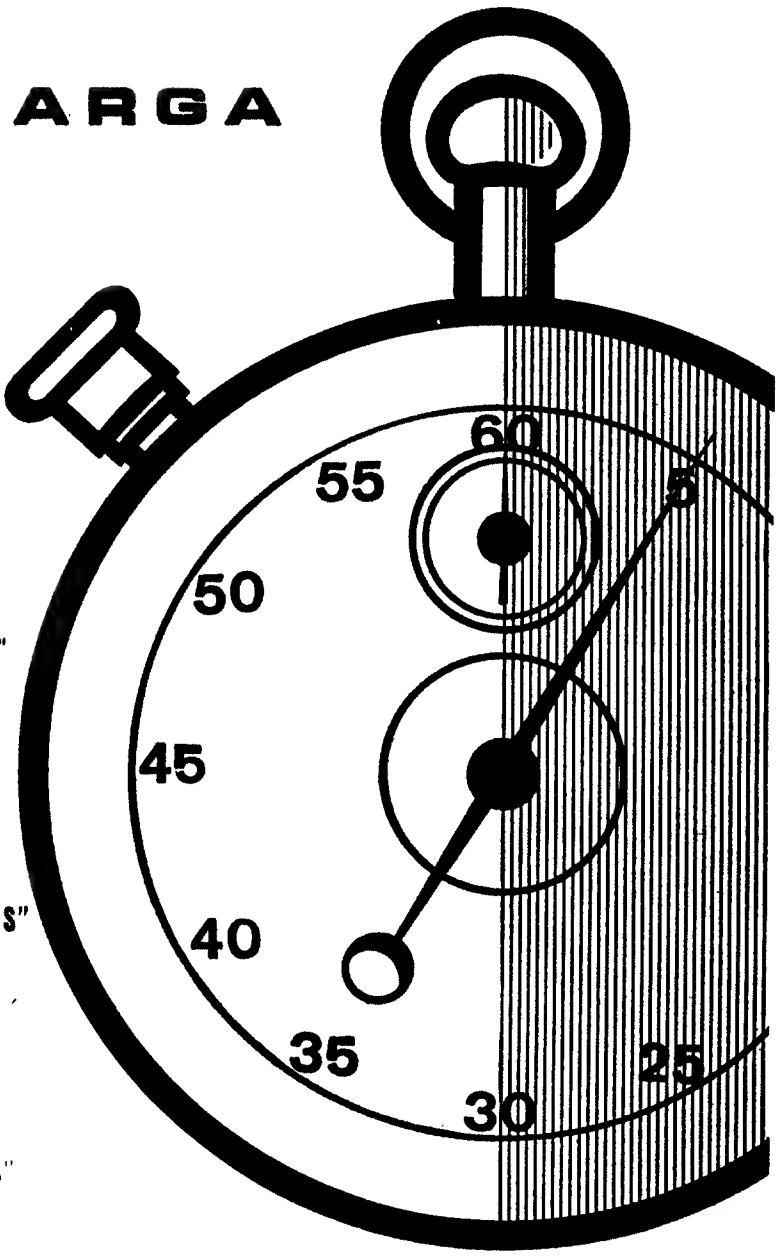
Jorge Nascimento — "BMW-2002"

TURISMO ESPECIAL

Heitor de Morais — "MORRIS COOPER S"

GRANDE TURISMO, DESP. E PROTÓTIPOS

Américo Nunes — "PORSCHE 911 S"



Estes Concorrentes Usaram EXCLUSIVAMENTE produtos SACOR

SACOR

CIDLA Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

espelho da imprensa

Para um novo regime do espectáculo

...«São extensas ambas as propostas de lei e não é possível determo-nos mais tempo sobre elas. De resto, a Assembleia Nacional vai discuti-las e fá-lo-á, certamente, com a amplitude e o interesse que o assunto merece. Uma coisa, porém, se pode já pôr em relevo: o propósito manifestado pelo Governo de dar vigoroso alento ao teatro e ao cinema nacional. O aparecimento, em letra de forma, de um diploma legislativo não é igual á certeza da obra visionada por quem o elaborou. Mas há momentos em que não é lícito pôr em dúvida a determinação dos homens responsáveis, tendo mesmo presentes as limitações invencíveis que não deixarão de se lhe deparar. Em pouco mais de um ano, abriu-se ao espectáculo teatral e cinematográfico um ângulo menos acanhado. Os resultados começaram a patentear-se. A oportunidade — uma oportunidade que não é, por consequência, casual — de entrarem em jogo novas estruturas legais não podia ser melhor. E foi aproveitada. pondo mão de ajuda na auspiciosa transição. Que surjam, entretanto, outras iniciativas; se constituam novas empresas; se ponham á disposição dos autênticos realizadores do teatro e do cinema os meios de que precisem; se congreguem esforços e se reúnam contribuições; se ateie entre a juventude das escolas e também entre a juventude operária de todas as categorias a chama do teatro; se torne possível um futuro mais brilhante que o passado.»

(«O Século», de 4-2-70)

«Problemas angustiantes»

«Desde há muito que vamos assistindo a uma subida inexplicável, pelo menos aparentemente, de todos os géneros alimentícios. A vida está, na verdade, tomando aspectos inquietantes neste particular, e, como já há tempos referi, os chefes de família, que se norteiam pelos princípios da dignidade, dão tratos á imaginação para aguentarem a nau que governam. Os preços sobem e temos a impressão de que se trata de um fenómeno injustificado, ao arbítrio exclusivo da ganância dos comerciantes. As classes remediadas deixam, fatalmente, de contar com a possibilidade de arrecadarem no fim do mês economias, que lhes permitam aguentar a educação dos filhos e acabam, quantas vezes, por se decidirem na busca de empregos para eles, que, sem preparação, que não irá além da instrução primária, têm de recorrer a ocupações de remuneração mesquinha. Os pobres, frequentemente, vivem chelos de fome, porque o pouco de que dispõem é para tapar a boca ás crianças. Ora tudo isto acarreta secundàriamente doenças, sofrimento, angústia e, não o esqueçamos, revolta bem justificada pelo contraste com tanto esbanjamento, que por aí se estadeia... (...) Com a vida a tornar-se cada vez mais difícil, como é que vive hoje a maioria da gente? É que, como todos sabem, não é apenas o sustento; o vestuário, as rendas de casa, os transportes, tudo vai num crescendo, de tal ordem, que ameaça conduzir muitas pessoas ao desespero. O fenómeno da emigração não terá a sua lógica justificação nas razões que apontei? Com a vida caríssima e os salários modestíssimos, os homens dos meios rurais, seduzidos pelo êxito de um ou de outro vizinho, que procurou melhoria de situação, abandonam o lar, e um após outro, partem para a aventura. Em contrapartida, os que por cá ficam, ombreiam todos os dias, humilhados, com muitos daqueles que, protegidos pela fortuna, são incapazes de dar uma boa esmola...»

(Francisco Veloso, em «A Voz», de 23-1-70)

«Todos os anos, pelo Inverno»

«Como já vem sendo hábito nesta altura do ano, a desolação insoreve-se no nosso dia-a-dia. É ler os jornais, é ler os relatos diários das cheias dos rios, das inundações, dos estragos, da paisagem de miséria que fica (quantas vezes?) por detrás disso, das vidas que os temporais levam frequentemente consigo. E já nem é preciso lembrar Novembro de 1967. Agora, Janeiro de 1970, a história, a história (em pequena escala, felizmente) repete-se. (...) Como explicar tais fenómenos»? Certo: há a imprevisibilidade das chuvas, a conformação dos terrenos, as condições naturais e de acaso. Eis um aspecto da questão que não pode ser ignorado. Mas eis *um aspecto*, um de entre vários. A repetição normal de tais acontecimentos (mais ou menos graves, mas repetidos ciclicamente) não quererá dizer que algo de anormal se passa, que algo se deveria fazer e não se faz (ou se faz demasiado devagar ou não se faz bem?)

... ...

Não se pretende com isto deixar de reconhecer o que se fez. Mas o que se fez, fez-se. Interessa agora o que está por fazer. E o que falta fazer é muito — tanto que as mesmas causas, enquanto não se lançar mãos á obra, produzirão inevitàvelmente, quando as condições meteorológicas forem anormais, os mesmos e devastadores efeitos.

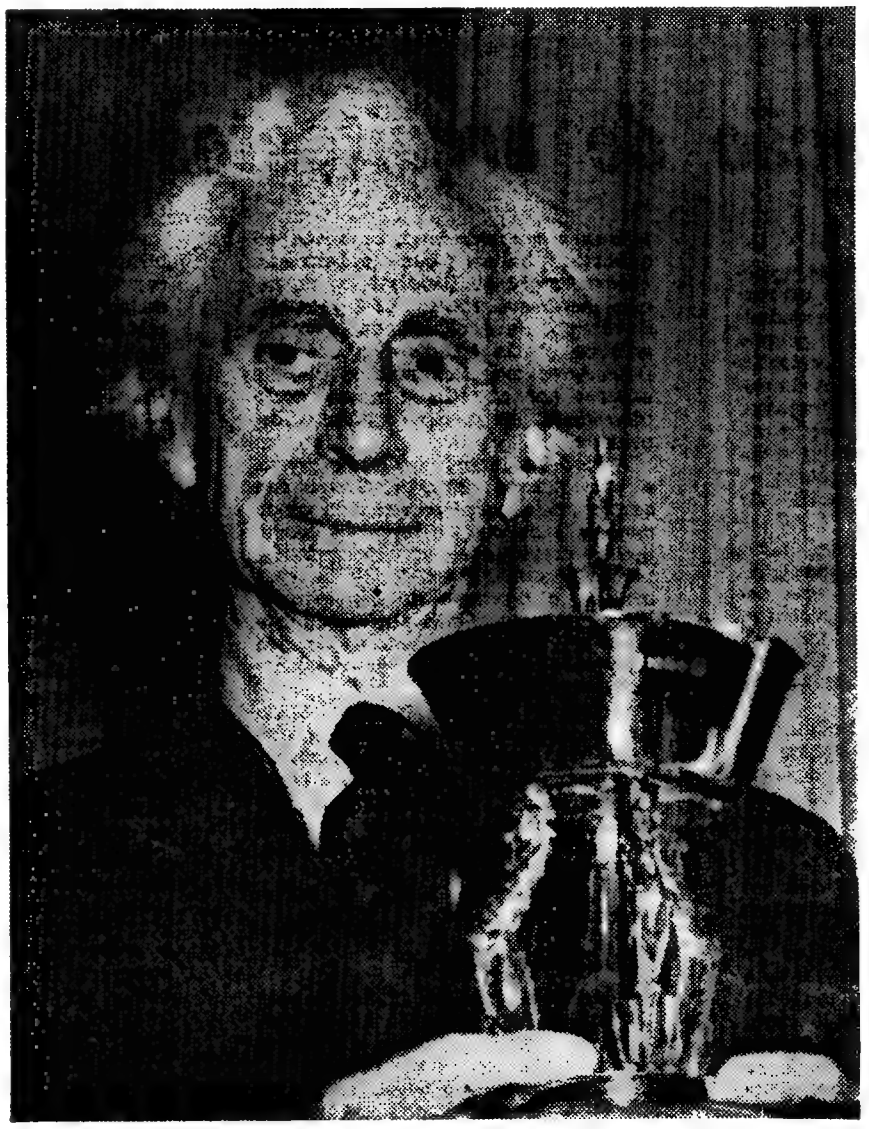
(«Comércio do Funchal», de 18-1-70).

Bertrand Russel —um humanismo vigilante

J. TIAGO DE OLIVEIRA

«All rebels originate a new orthodoxy» disse algures (1) B. Russell. Todavia esta regra tem uma excepção: Bertrand Russell.

Mas quem é ele? Um intelectual multifacetado, apenas longemente interessado nos problemas do mundo? Um intelectual de acção? Um doutrinador? E... que interessará uma predicação humanista quando ela se pode corroer e desagregar na fluidez da vida e no impacto das ideologias. Poucos intelectuais, como Zola no «J'accuse», conseguiram a síntese difícil entre os compromissos da acção e a judicatura intelectual (2). Como



reagiu o sorridente autor de «In Praise of Idleness» a este quase-dilema? Deixando para outro momento um estudo sobre o pensamento russelliano, tentemos, tão-só, e de modo breve, delinear as traves-mestras do pensamento e acção do ensaísta, correndo embora o risco de fraccionar um todo ideológico coeso, unitário. Mas corramos o risco!

A actividade intelectual de Russell tem sido, de um lado norteada por uma fidelidade a um conjunto de ideais humanos e, de outro, por uma calma capacidade de rever posições e de as abandonar, ao considerá-las ulteriormente erradas. Veja-se, para exemplo, o modo como em «Reply to Criticisms» (3) concorda com alguns dos seus críticos, indicando, por vezes, trabalhos posteriores em que já expressara opinião evoluída.

Russell, que começou por um ensaio político «German Social-Democracy» (1896), tem trabalhado essencialmente em três campos distintos, ainda que interconexos: a investigação lógico-matemática, a indagação filosófica e a crítica político-social.

A sua actividade científica como lógico matemático culmina com a publicação—associado a A. N. Whitehead — dos célebres «Principia Mathematica» (1910, 12, 13). E assim se iniciou, no caminho aberto e começado a desbravar por Russell, o segundo grande período da história da Lógica, ciência que, desde a obra notável de Aristóteles atravessara, pràticamente sem sobressaltos, 2500 anos de história. Os seus interesses no cruzamento da Filosofia e da Matemática levaram-no a formular uma filosofia matemática — o logicismo — de reminiscências platónicas.

A época de actividade científica de Russell quase termina cerca de 1915. Os seus interesses filosóficos e sociais cedo o fizeram derivar para uma posição activa no domínio do pensamento filosófico e da visão sócio-histórica. E assim o pensador logo se define como um intelectual da rebeldia, da heterodoxia permanente, nunca se isolando, vindo ao plano público quando o julga necessário, sempre imerso, mas jamais submerso, na vida multivariada do seu tempo.

A filosofia russelliana pode caracterizar-se por uma dupla rejeição da filosofia tradicional e da filosofia linguística, ainda que mais próximo desta última. A actividade analítica é um elemento típico do seu «atomismo lógico» que através da análise lógica até aos indivisíveis visa a clarificação do pensamento para compreender o mundo pois «...with sufficient cauton, the propertes of language may help us to understand the structure of the world» (4). Esta análise leva-o a uma dupla recusa de metafísica e da religião. Os ensaios críticos «An Inquiry into Meaning and Truth» e «Human Knowledge, its Scope and Limits» constituem, talvez, o topo da sua obra filosófica. Um dos problemas epistemológicos (ou o problema epistemológico?) que mais preocupa o ensaísta em particular em «Our Knowledge of External World» é o do fundamento da indução, tópico de que estamos longe de crer que Russell, bem como os seus críticos, tenha dado uma solução eficiente.

A sua influência no pensamento filosófico-científico actual é profunda: é constante em operacionalistas, idoneístas e neopositivistas o citar de trabalhos seus.

Mas um analista em filosofia, afirmando insistentemente a inteligibilidade do real, dificilmente poderá ser um ortodoxo no pensamento político-social. Os interesses sócio-políticos de Russell, que vêm de longa data, tornam-se mais intensos a partir de cerca de 1915; desde então até cerca de 1945 flui uma obra constante de doutrinação e crítica a que se vem seguindo um insistente comentário social.

O ingrediente fundamental da filosofia política do autor de «Power, a New Social Analysis» é o seu medo do poder, seja ele político, económico ou de propaganda e da ânsia de poder, causa da guerra. A velha frase de Lord Acton (Todo o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente), é um espectro que assombra Russell e constitui o dado essencial de todas as suas análises político-históricas (5), conquanto ele esteja longe de ser um historiador. «Every power needs curbing» (6) é uma das suas frases na entrevista (1958) para a Televisão. Em todas as caminhadas através do histórico, Russell pretende estudar o modo de evitar o abuso do poder e a constituição do poder absoluto para obter a libertação do homem.

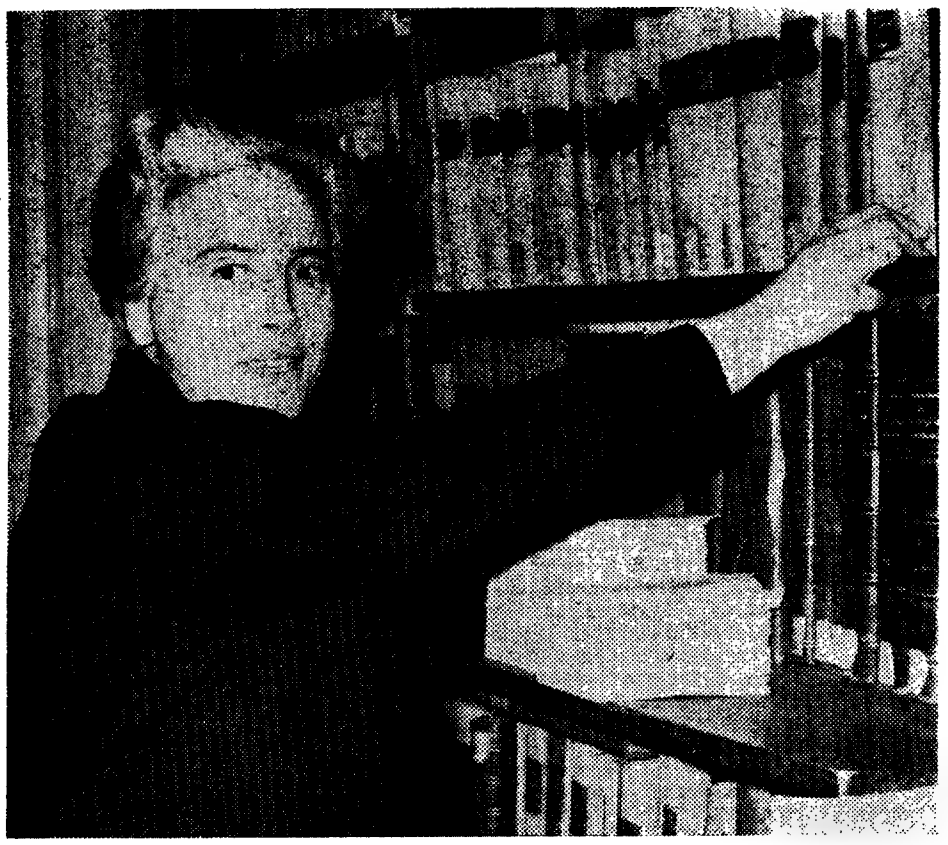
B. Russell é pois um filósofo da liberdade, defensor da democracia política e do equilíbrio dos poderes constitucionais. Mas a democracia política sem as condições económicas do seu exercício tem vida precária e difícil — daí a necessidade da democracia social, libertadora do homem, condição necessária do político: a filosofia política russelliana é, assim, uma teoria do socialismo democrático, de tonalidades anarquistas.

Um outro elemento estrutural da visão russelliana é a ampla tentativa antifanática e anti-racista (7) de compreensão total da humanidade, de todas as suas grandezas e misérias e de, abandonando moralinas simplistas, tentar utilizar as qualidades e defeitos dos homens como instrumento de progresso social.

Uma análise social não se faz, porém, apenas no domínio das grandes ideias, dos primeiros princípios: é preciso detalhá-la em pequenos pormenores, trocá-la em trocos miúdos. E há páginas de antologia irónica e crítica nos «Unpopular Essays» e «Sceptical Essays»; neste último, o ensaio magistral sobre o mal que fazem os homens bons, entre tantos outros, é uma descrição apolínea de fantasmas formais que pairam sobre sociedades (8).

«A conquista da felicidade» — título algo romântico de um volumito dedicado à análise do quotidiano — é o objectivo de Russell. Daí que a problemática das causas de felicidade e infelicidade surja no aberto planeamento futuro — por vezes ingénuo — das estruturas sociais: após a solução dos problemas fundamentais as sociedades deverão orientar-se para a diminuição do tempo de trabalho, a difusão da cultura (não dirigida) e a facilitação do espírito de aventura,

Cont. na pág. 8



A crise da Uni

Cont. da pág. 1

somos todos amigos e feio seria e prova de mau carácter que eu desejasse uma vaga, decorrente do falecimento ou da reforma de um colega... Por isso esperei, pacientemente, dez anos. A explosão demográfica escolar aí está revelada pelos numeros das estatísticas oficiais e, entretanto, os quadros mantiveram-se os mesmos.

O ENSINO NA UNIVERSIDADE NÃO TEM EM REGRA NÍVEL SUPERIOR

Quero, tanto quanto possivel, «despersonalizar» o meu caso, mas apenas dele tirar a lição e inferir as consequências, que aliás são óbvias. O numero crescente de alumos, as condições deficientes em que se processa o recrutamento do pessoal docente (sei de muitos jovens dotados, que, desiludidos e forçados por razões económicas, abandonaram a Universidade, por esta lhes não dar garantias de um trabalho sério e condignamente remunerado); o número de horas inglòriamente gasto na correcção de provas escritas (às centenas, aos milhares) e os exames orais (feitos a cursos com 400, 500, 600 e mais alumos, em que apenas um assistente coadjuva o professor!), etc., não posibilitam que a Universidade produza o trabalho científico que deveria produzir, nem que o seu ensino tenha, em regra, um nivel verdadeiramente superior. Passou quase despercebido um artigo do meu colega e amigo Eduardo Lourenço, publicado, há meses, no «Diário Popular»; nele, cruamente, se punha, de certo modo, com justeza, o dedo numa das feridas de nível superior. Acrescentarei: a falta neste de nível superior. Acrescentarei — a falta também de pedagogia no ensino universitário. Ressalvem-se as honrosas excepções de alguns mestres da Universidade Portuguesa, que pudemos, mesmo, admitir que sejam numerosas.

M. R. — Admite que terá de vencer obstáculos e dificuldades? De que ordem?

A formação de arquitectos

Cont. da pág. 1

Creio que a minha própria experiência me não enganará se afirmar que os balões de oxigénio constituídos por alguns assistentes e grupos de alunos, sendo embora importantes ainda que logo erosionados e desiludidos pelas condições de trabalho, não devem enganar-nos sobre o alcance e o sentido das medidas a tomar: a criação de novas estruturas — ao nível da participação e gestão, ao nível dos homens.

Não se trata de nova reforma, muito menos de novo edifício, de modo algum de nova designação — mas antes de *nova função*, de *novo processo* de envolver dialècticamente docentes e discentes na criação do futuro e — muito importante — o de *equipa substancialmente nova*.

Uma nova reforma, decretada de cima e para outro decénio, deixou de interessar, pois a reinvenção do processo compete às estruturas de participação que necessàriamente conduzirão à experimentação permanente dos métodos e fins do ensino; a partir daí, então, talvez se admita que um novo edifício venha a ser necessário mas não é condição *sine qua non* nem suficiente para se trabalhar [e assim sabe-se onde interessa que seja planeado e como deve ser concebido (2)]. A partir daí dever-se-á, claro, mudar de nome à casa mas porque já corresponde a «outra coisa» e se acertou o passo com a própria renovação da estrutura universitária.

A situação presente é claríssima: as Escolas de Belas-Artes, fiéis à sua tradição, formam pintores de quadros, escultores de estátuas e arquitectos de prédios; sem desmerecer destas funções é óbvio que se ignora a forte percentagem dos «pintores e escultores» que apenas querem ser bons professores de Liceu, assim como os que querem ser desenhadores de produtos da indústria, da informação visual, da cenografia; fazem por esquecer a forte percentagem dos arquitectos que não projectam prédios senão ocasionalmente mas que vai ser chamada para planear o território, interferir no processo de industrialização da construção, fazer investigação sobre os programas ou avaliar em nome da colectividade os projectos que outros façam. E não ouviram sequer falar disso nas escolas.

Na obsessão de salvar a arte e a unidade da artes as Escolas de Belas-Artes, que nunca primaram pela sensibilidade à inovação, viram sem aproveitar a lição, os novos artistas preferirem o autodidatismo, os novos arquitectos saírem das politécnicas (como Wright ou Gropius) ou de escola nenhuma (como Le-Corbusier). Entretanto, da eficiência da formação artística obtida no convívio das três Belas-Artes falam os prédios que se erguem por aí, fala a nossa costa delapidada, os nossos subúrbios desolados.

A verdade é que, no mesmo passo, e com grande responsabilidade das escolas, os arquitectos foram-se vendo também excluídos do processo produtivo (precisamente enquanto a indústria se renova), e incapazes de fazer avançar o processo de planeamento quando as exigências sociais se ampliam e o urbanismo se torna um dos problemas-chave para a sobrevivência da humanidade.

E assim, tendo sobrevivido ainda aos sucessivos ataques que lhe vêm sendo vibrados desde o iluminismo as Escolas de Belas-Artes viriam a desaparecer uma a uma como escolas de arquitectura, da Alemanha, de Itália, de Espanha, do Brasil e, finalmente, de França.

Restou então a Escola de Belas-Artes portuguesa.

FORMAR QUEM?

E assim, na hora de agonia de uma instituição importa que se reflita, com urgência, sobre o objecto e a forma da alternativa que se lhe oporá.

Por comodidade e talvez porque se necessita de nome para as coisas tem-se falado da criação de uma *faculdade de arquitectura*, lògicamente integrada no sistema (?) universitário.

É a imagem óbvia que ocorre quando se vê necessária a autonomia relativa dos cursos actuais (a qual poderia existir desde já nas Escolas actuais!) *Mas valerá a pena mudar nome e local para fornecer o mesmo serviço*, com os mesmos servidores, apenas deixados mais independentes? Não acontecerá que no actual panorama de atomização de faculdades/diploma a tal autonomia não fará senão evidenciar o absurdo isolamento de mais um desses diplomas, sobretudo quando se vê serem cada vez mais densas as ligações sociais e para-profissionais do arquitecto em formação com o engenheiro, o geógrafo, o sociólogo, o economista. Esta a unica razão e não outra que justificaria a integração do curso de arquitectura na Universidade...

De facto, o País precisará de *mais* arquitectos, mas, precisa, subretudo, de *melhores* arquitectos e arquitectos-*outros* para as responsabilidades públicas futuras onde com outras técnicas tem de *planear, investigar, coordenar, projectar* e *executar*. Ou seja, arquitectos com um leque de habilidades muito diferente da que têm tido até à data e que, das tarefas que enumera, apenas têm visado a quarta — projectar — e mesmo assim em sentido restrito: edifícios únicos e acabados, a encomenda convencional.

É então legitimo perguntarmo-nos para que precisa o País, enquanto o processo, e o proveito, da expansão urbana se confia á livre iniciativa, de 60 ou 70 arquitectos por ano, e ainda por cima monovalentes por formação (sobretudo porque na E. S. B. A. L., as condições do ensino são tais que os professores mais conscientes se sentem incapazes para fazer selecções rigorosas). E isto quando a saída de engenheiros civis, outro híbrido carecendo de reformulação paralela, não atinge tal número, ainda que teòricamente se destinem a exercer todas as cinco funções que referimos atrás.

Estes problemas não podem ser iludidos, antes de se tomarem decisões sobre «a alternativa do curso de arquitectura das B-A», pois para formar o arquitecto de perfil tradicional o transporte do curso, incluindo os docentes por hipótese, para a Universidade não resolverá o que quer que seja — tanto mais que a Universidade é uma realidade administrativa de casas separadas que se conservam e não um meio social dinâmico funcionando como sistema de comunicação interdisciplinar A não participação dos interessados-no-ensino; os canais preferenciais de admissão de interessados-através-do-ensino; a metade de lugares docentes por preencher; eis realidades que não foram inventadas no Convento de São Francisco — ao contrário, talvez se percam mesmo alguns tempos de *creatividade* que o ensino de arquitectura tradicionalmente mantém.

E o que é o arquitecto de perfil não-tradicional? O *leque* de profissionais que importa preparar deve resultar ele próprio de um processo de diálogo, hoje inexistente, entre a escola, as profissões e os serviços de planeamento.

Mas não me custa adiantar que desse leque tem de sair o homem que vai dedicar-se, sobretudo, a *planeamento-programação* (vizinho aos outros profissionais do planeamento socio-económico); o homem preparado para *projectar*, actuando elàsticamente num espectro que vai da arquitectura

É aqui, em Barata Salgueiro, na Sociedade

dos conjuntos urbanos, aos edifícios, ao desenho para a indústria (mas superando a obsessão da obra única, acabada e desligada da administração do investimento, limites dos nossos projectos); e ainda o homem dirigido à *construção* (ganhando competência como tecnologista e organizador de operações sejam na escala das obras, seja na da realização urbanística).

É agora evidente que esta mudança dos *objectivos* pressupõe que este leque de cursos não constitua uma «faculdade» mas um departamento interseccionando outros — ciênc'as sociais, geografia, engenharias — revelando já na sua implantação universitária um espírito de economia ou de sentido estratégico, que tenha em conta que para a maior parte das matérias a trabalhar ou não há ninguém capacitado no País ou haverá uma, duas, competências prováveis para as orientar no sentido autêntico de ensino-pesquisa que faça avançar os conhecimentos e a transparência das necessidades do País real.

Quanto aos *meios*, para conseguir uma escola-processo-em-marcha capaz pela própria orgânica do envolvimento de docentes e discentes na partilha do saber de invenção e auto-regeneração permanente é já problema comum a todo o ensino superior (e ao secundário!) e não específico da formação do «arquitecto e derivados». Saber se a própria Universidade velha é capaz de tirar das contradições um

niversidade em Portugal

M. L. B. — Se terei de vencer obstáculos e dificuldades?

Alguns com certeza, e provàvelmente, outros também previsíveis e muitos outros imprevisíveis. Uma Faculdade, como a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cuja secção de Filologia Romanica acaba de ser criada, não está apetrechada com biblioteca e outros instrumentos de trabalho necessários a um ensino vivo da Literatura Portuguesa, por exemplo. Seria preciso equipá-la de modo a satisfazer as necessidades dos docentes e dos discentes (e são já estes no primeiro ano de Filologia Romanica mais de 100). Outra dificuldade é a falta de material humano — é preciso dar possibilidades de formação a jovens assistentes que venham a ser os professores de amanhã e, neste caso, não há sequer a possibilidade de os escolher, de entre os melhores alunos dos ultimos anos. Uma das vias de solução, no caso de recrutamento de pessoal docente, seria a de dar responsabilidades no ensino (como terceiros assistentes, monitores, estagiários, etc., a terminologia é discutível) a alunos dos ultimos anos dos cursos. As condições em que muitos docentes trabalham são desmoralizantes, encaminhando os sérios para uma espécie de frustração e os acomodaticios para a mediocrização do ensino.

A CRISE DA UNIVERSIDADE ATINGIU UM PONTO CRÍTICO

M. R. — Que pensa da necessidade de se proceder a uma reforma profunda da Universidade portuguesa? Em sua opinião, quais os principais pontos sobre os quais deveria incidir essa reforma?

M. L. B. — É óbvio que a Universidade está em crise. É óbvio também que esta crise se insere numa crise, de ambito mais largo — a crise do mundo contemporaneo. Mas *crise* pode querer significar possivel crescimento. E não há nada que possa justificar a nossa demissão perante a agudez da crise. Há, no caso da Universidade Portuguesa, indícios sérios de que a crise atingiu um ponto crítico. Mas há também sinais de que as autoridades (universitárias, administrativas, etc.) parecem empenhadas no honesto enumerar dos males para procurar dar-lhes remédio. Ainda há pouco o meu colega e amigo prof. O. Ribeiro intitulava de *Inquietação e Esperança na Universidade* um artigo de «A Capital» (28-I-70) em que abordava, lucida e serenamente, embora com quase certo amargor, problemas e temas da crise universitária.

Nele aludiu, com menção explícita, ou tendo-os implicitamente em mente, aos discursos dos Reitores da Universidade Técnica, da Universidade de Lourenço Marques, do director do I. S. T., etc. São de facto sinais ou promessas de que a Universidade quer renovar-se. Pode fazê-lo desacompanhada e solitária? Não creio.

A Universidade é constituida por alunos e professores. Necessário e urgente se torna pedir a todos, a todos responsabilizando, projectos de reforma da Universidade (cada um nos seus respectivos sectores), sugestões, propostas, etc. Aproveitar o que já anda por aí feito, como resultado de grupos de estudo, de comissões de trabalho, etc., e arriscar soluções que possam ser provisórias e se refaçam logo que se verifique serem improficuas.

Não é ocasião agora de enumerar os principais pontos (*todos* os «principais pontos sobre os quais deveria incidir essa reforma»), mas alguns podem, ainda que sumàriamente, ser enunciados. A rigorosa selecção dos estudantes deveria fazer chegar á Universidade apenas os mais aptos, a «inteligência» que poderia exigir do professor um nível superior de ensino e ajudar a criá-lo. Isto significa que as vias de acesso á Universidade deveriam apenas abrir-se em função das capacidades intelectuais do aluno, não contando, para nada, com as suas capacidades económicas. Para tal seria preciso ter um numero de bolsas de estudo que não possibilitasse a perda de tantos, dotados para o ensino, para a investigação, etc., e que por falta de meios económicos nunca alcançam chegar á Universidade.

Outra perspectiva seria a exigência de um ensino universitário básico, atendendo á tendência para a invasão do ensino superior, e, depois, criar institutos ou centros de investigação e ensino, de nível verdadeiramente superior.

OS ESTUDANTES TRABALHAM POUCO

Outro dos pontos nevrálgicos está na impossibilidade, hoje, de haver relações de pessoa a pessoa entre professores e alunos — a massificação do ensino é um dos males que mina a Universidade, criado um ambiente de trabalho inaceitável. Aliás, trabalha-se pouco na Universidade — os estudantes trabalham pouco (falo sem receios de impopularidade e sem nenhum ressentimento, pois já o disse várias vezes e repeti-lo-ei sempre que necessário, que devo até hoje muito aos meus alunos).

«Não há nada que possa justificar a nossa demissão perante a agudez da crise»

Torna-se urgente trabalhar mais e noutras condições; reformular os programas, aumentar o numero de horas de trabalhos práticos (para tal necessário será haver pequenos grupos com d o i s docentes — um aluno-3.º assistente ou um assistente e um professor que poderá supervisionar os trabalhos de 2 ou três grupos (nunca mais); resolver, inteligentemente, com fórmulas adequadas, o modo de apuramento do aproveitamente escolar, etc. Mas não posso alongar-me: trabalhos urgentes exigem a minha presença na Universidade e na investigação, para a qual me sinto dotada, mas á qual, em virtude das más condições em que muitos trabalhamos, me não posso dedicar, como desejaria.

Neste desalinhavado diálogo ficou dito algo, mas ficou, também, muito por dizer.

M. R. — Como pessoa que conhece particularmente o Brasil e o estado actual das relações luso-brasileiras, que pensa das iniciativas a tomar, no domínio da Universidade, com vista a intensificar os contactos e o intercâmbio de conhecimentos entre os dois países?

M. L. B. — Responder-lhe-ei apenas com esta informação: na Universidade de Coimbra ensinam na Faculdade de Letras três professores brasileiros: os prof. Guilhermino César, Silvio Elia e julgo que Ulhoa Cintra. E constou-me que o prof. Matoso Câmara, que já ensinou na Faculdade de Letras de Lisboa, também ali iria ensinar.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, ensina Literatura Alemã o professor, da Universidade de São Paulo, J. Rosenthal. Acrescentarei, ainda, que o malogrado filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto foi, durante dois anos, pelo menos, um dos mais dedicados membros do corpo docente da Faculdade de Letras de Lisboa.

...iedade Nacional de Belas-Artes, que o Sindicato dos Arquitectos tem a sua sede

vector de superação ou se será desafiada por instituições-outras que pescando forças frescas irrompam como modelos alternativos é provàvelmente um dilema ocioso, já que instituições novas em qualquer caso fazem falta para responder ao crescimento urbano e nascê-las velhas seria o mais absurdo dos suicídios.

De qualquer modo, a inserção de um ramo de ensino tão polivalente como o da «árvore das arquitecturas» só será viável em termos de oconomia de meios, numa estrutura interdepartamental onde se aprenda respondendo aos problemas do País — e essa não é das universidades que conhecemos.

NUNO PORTAS

(Prof. agreg. da E. S. B. A. L.)

(1) Basta dizer que entre as provas previstas não há sequer uma apreciação rigorosa de «curriculum», única prova que nenhuma escola evoluída não dispensa, enquanto se tem de caricaturar um projecto, sem aplicação posterior em mais de 400 horas de internato; basta dizer que apesar de existirem mais de metade das vagas por preencher se abrem concursos para um só lugar, obrigando os interessados ao regime de «eliminatórias»; basta dizer que nesta situação de carências está cabendo a júris com maioria de aposentados ou equivalente o critério de renovação da escola!

(2) Convirá esclarecer que as razões que em tempo opuseram profissionais e alunos de arquitectura à ideia de um novo edifício para a E. S. B. A. L. foram: *a*) prioridade da reforma de estrutura do arranque sobre a construção de instalações; *b*) necessidade de inserir um novo edifício no sistema das instalações das outras «faculdades», por razões sociais e de economia do ensino; *c*) a recusa de uma faculdade isolada da vida urbana e do sistema de transportes colectivos regionais. De resto, posso afirmar, com conhecimento, que as duas mais avançadas escolas europeias de arquitectura-urbanismo-construção, vivem em velhos edifícios ainda — ocupando-se antes da escolha do mais competente e corajoso pessoal docente assim como do equipamento de material didáctico e laboratorial. De que servirão os contos por metro quadrado investidos em edifícios se os alunos continuarem desinteressados da maioria das matérias?

(3) Se quiséssemos resumir estas três diferenciações de formação que se estabelecerão sobretudo nas opções da segunda metade dos cursos e recebendo mesmo alunos vindos de outros departamentos (casos do ramo planeamento e do ramo construção) num sistema de auto-orientação gradual preferiria usar para ser mais... claro, três termos consagrados anglo-saxónicos: o *planner*, o *designer*, o *builder*.

Desmentido soviético

O jornal do Exército soviético «Estrela Vermelha» desmente as notícias distribuídas no estrangeiro por agências ocidentais acreditadas em Moscovo acerca de uma integração das forças armadas de Leste e da consequente criação de contingentes supranacionais no âmbito do Pacto de Varsóvia. Essas informações baseavam-se num artigo do general Sergei Chtemenko, chefe do estado-maior do Tratado de Varsóvia.

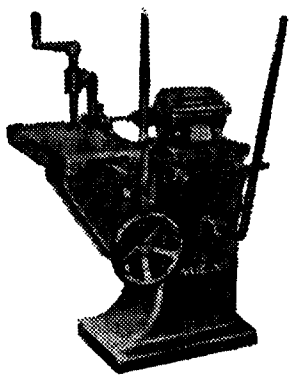
O coronel Leontiev escreve no «Estrela Vermelha» que o artigo do general foi «intencionalmente deformado» para dar lugar a especulações sensacionalistas, e desmente vigorosamente a criação de forças integradas. «As comparações entre as forças unificadas do Pacto de Varsóvia e as formações «multinacionais» ou «supranacionais» da N. A. T. O. são estúpidas» — escreve o coronel, para quem tais notícias visam «denegrir a União Soviética, intrigar os países membros do Pacto e enfraquecer, assim, a comunidade socialista». Por outro lado, pretende-se também induzir a França a voltar à N. A. T. O. — conclui Leontiev.

O artigo do general Chtemenko apareceu na primeira página do «Estrela Vermelha», em 24 de Janeiro, tendo dado azo a diferentes especulações. Uma frase, principalmente, chamou a atenção. Depois de pôr em relevo «as decisões importantes» tomadas na conferência de Budapeste, o general acrescentava: «Hoje os países do Pacto de Varsóvia não dispõem sòmente das suas forças nacionais». Desenvolvia depois o assunto tratando do mecanismo dos «contingentes armados» e referia-se aos trabalhos de uma série de conferências militares do Pacto de Varsóvia, realizadas em fim de 1969, para se ocupar de «novas disposições» relativas às forças unificadas do Pacto.

APROVEITE
OS NOSSOS SALDOS
CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES
— E —
TECIDOS PARA ESTOFOS
E DECORAÇÕES
TUDO SEM DEFEITOS
Tecidos em peça desde 25$00
RETALHOS, DAMASCOS, VELUDOS,
GORGORÕES, etc., desde 5$00
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.° — c/elevador
(esquina da Rua da Prata)

Relogio suiço
CAUNY
100% impermeável debaixo de água
O relógio que respira debaixo de água

«MIDA»



FURADOR POR BROCA
Modelo — FU
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:
● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA
Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5
Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

Um humanismo vigilante

Cont da pág. 5

elementos dinâmicos de tantas consciências.

Todavia, o futurar de perspectivas jamais afasta Russell dos problemas candentes do momento, levando-o a denunciar os perigos e ameaças que vê pender sobre a humanidade.

Com respeito às ideologias fascista e comunista tomou posição bem clara. Simpatizando com projectos de pensamento marxista recusou os meios usados. Já em 1920 exprimiu discordâncias base e previu a possibilidade de uma evolução autocrática do regime, o que sempre combateu; daí alguns ataques violentos, em particular após a segunda guerra mundial. Para o nazi-fascismo a sua posição é mais radical: nem meios, nem fins. Os crimes de que o fascismo vinha eivado à nascença fizeram logo de Russell um opositor profundo. E o pacifista da primeira guerra mundial foi, ainda que com breves hesitações aquando de Munique, um dos defensores da guerra ao nazismo pois «... I tought Hitler utterly intolerable. The whole nazi outlook was absolutely dreadful, and I thought that if the nazis conquered the world, as they obviously intended to do if they could, the world would became a place were life would be absolute hell and I thought we must stop it» (9).

A partir da segunda guerra mundial, Russell junta-se ao grupo de cientistas preocupados com o problema atómico: desde então quase toda a sua actividade político-social vem marcada pela visão apocalíptica do fim da humanidade pela explosão nuclear: a sua ininterrupta corrente de livros, folhetos e artigos roda, essencialmente, em torno do tema amargurado da sobrevivência do homem, visto que «the human race has survived owing to inefficiency, but inefficiency is now diminishing» (9)

Assim se explicam as suas posições nos casos da Hungria, Cuba e Vietnam, já com a formação do Tribunal Russell. Talvez seja útil recordar um pouco o caso de Cuba. As cartas que escreveu aos dois KK, ao ser declarada a quarentena, pedindo-lhes que sustassem a marcha da guerra, ficaram ignoradas dos meios de informação: uma voz pacifista pouco interessava!, o momento era dos políticos. E o olvido durou até que Kruchtchev lhe respondeu: descoberto então, teve as honras de primeira página (10). Russel foi, neste momento da história humana, a voz intelectualizada da ânsia do mundo pela paz. Outro humanista, U Thant, conseguiu finalmente pôr em marcha a solução da crise, executando o neutralismo activo, tantas vezes defendido por Russell, que, com os inevitáveis altos e baixos, vem efectuando a descompressão internacional e a coexistência necessária dos mundos.

A defesa da coexistência entre os dois blocos encontra-se em Russell há já longo tempo (11): ela decorre naturalmente das analogias entre a tensão internacional actual e o longo, antigo e inútil combate entre cistãos e muçulmanos, agora terminado.

O autor de «Has Man a Future?» é, assim, um intelectual da terceira força, como tantos outros procurando a federação pacífica da humanidade a que o espectro nuclear veio dar o carácter de uma (quase) necessidade histórica. Decerto, a coexistência é facilitada pelo futurar que a evolução política do mundo moderno levará os dois tipos de sociedades a uma certa convergência, consequência inevitável do mesmo suporte tecnológico (12).

De novo, e sempre, o medo da corrosão do poder e uma afirmação da necessidade de um progresso intelectual amplo, talvez os dois mais belos traços do pensador que afirma em «Proposed Roads do Freedom»: «A world full of happiness is not beyond the human power to create: the obstacles imposed by innanimate nature are not insuperable. The real obstacles lie in the heart of man, and the cure for this is a firm hope, informed and fortified by the thought.»

---

(1) *Satan in Suburbs and Other Short Stories.*

(2) Cf. Julien Benda em *La Trahison des Clercs* e Raul Proença em *Páginas de Política, II.*

(3) Publicado em *The Philosophy of Bertrand Russell;* tem uma excelente bibliografia russelliana.

(4) *An Inquiry into Meaning and Truth.*

(5) «Tous les états puent» repete Julien Benda em *La Trahison des Clercs.*

(6) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

(7) Cf., por ex. *Unpopular Essays*, cap X (Ideas that have harmed mankind).

(8) Veja-se, analogamente, *Espectros* em *Ensaios, I*, de António Sérgio.

(9) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

(10) Vejam-se os números de Out. e Nov. 1962 de «The Observer» e «The New Statesman».

(11) Cf. *Unpopular Essays*, cap III (The future of mankind).

(12) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

O livro como mercadoria

Cont. da pág. 4

do, que o tipo de emulação em causa ainda mais agrava; nos países socialistas, esse risco de fracasso tem bem menores probabilidades de se confirmar, visto que a procura (muito estimulada, como se sabe) rege a produção, mas nem por tal deixa de existir o livro muito ou escassamente vendável. A ideia convencional das «impostas» grandes tiragens, nesses países, carece de fundamento. Também lá, como seria de prever e de desejar, funciona a «coincidência» ou a «dissonância» entre autor e leitor, pois o livro de maior repercussão — pegue-se o assunto pela ponta que se pegar — é o que revela o leitor a si próprio, lhe exprime o que ele esperava, sentia ou sabia por intuição ou inquietude mal clarificada, é aquele livro, em suma, que mostra ser o «eco sonoro» referido por Vítor Hugo, conquanto, mas de um modo apenas episódico, com ele possa confundir-se o livro cujo êxito resulta de pressões exercidas sobre o leitor. Por isso, um Mauriac, entre tantos, aconselha olhar-se com atenção e humildade toda a obra que, de linhagem autênticamente literária, vingue na preferência do público, embora seja uma regra da sociologia da literatura (ainda há pouco apontada, salvo erro, por Jorge de Sena) que um autor perca a crítica quando ganhou o público, assim se explicando os erros frequentes da crítica amuada em face de livros que romperam o círculo aristocrático da vida das letras.

Quanto ao segundo problema — o da selecção dos manuscrutos a publicar, da qual depende o bom cumprimento do mister editorial —, aqui nos encontramos perante um dos aspectos sombrios da evolução da «industria» do livro. Numa série de artigos publicados na «Seara Nova», tive ensejo de esboçar uma panorâmica ao vivo das diversas degenerescências que contaminam o futuro da literatura nos países em que editar é um negócio, de que a célebre Feira de Francfort é espelho eloquente, degenerescências encorajadas pelas concentrações das casas editoras em monopólios que dominam a produção, a distribuição e até a imprensa cultural — para não dizer mesmo a grande imprensa —, tudo fazendo para desvirtuar a literatura e para reduzir o escritor a um assalariado dos seus apetites. A carta de Manuel Rodrigues de Oliveira enviada a este jornal, sobre os terríveis malefícios desta tendência da edição e sobre a utilidade da sobrevivência (cada vez mais comprometida) das pequenas editoras (as tais que sempre respeitaram o que há de nobre no ofício de editar) teve o maior fundamento, bem como o haver-se levantado o problema das cooperativas de pessoas interessadas no livro e das cooperativas de autores. Poderá, a propósito, recordar-se que esta reacção dos autores — que, progressivamente, vêem fechar-se-lhes as portas dos *trusts* editoriais, mais interessados no negócio do que no plano intelectual da sua actividade — está a proliferar em iniciativas práticas, reatando, em certos casos com êxito, a experiência dos *yomiuri* japoneses, que, simultâneamente, agem como autores, editores, distribuidores e vendedores. Na Europa, vários exemplos poderiam ser invocados, entre eles o da jovem «Editora do Autor» de Francfort, nascida em meados do ano passado na tal Meca mercantil, por agora especializada em obras teatrais e a que logo aderiram autores da maior representatividade.

TENTAÇÃO DO GIGANTISMO

Um modo realista de ver as coisas talvez nos leve á convicção de que a complexidade do circuito do livro, enquadrada no mundo tecnocrata moderno e enquanto regida por certas estruturas colectivas, exigirá grandes meios (ou seja: as eficazes organizações) para que a tal cidade de um milhão de homens chegue a posuir uma literatura também á escala de um milhão, mas ainda assim, penso que seria de instigar esta salubre concorrência da cooperativa (exequível, pelo que a prática demonstra, mau grado o seu timbre romântico utópico), que, além do mais, faria opor ao desnaturado padrão comercial aqueloutro que desde sempre foi apetecido, mesmo que sobre uma cooperativa triunfante pese a tentação da eficiência e do gigantismo — seduções essas a que nem as editoras estaduais se mostram isentas.

Para rematar este depoimento — que, de breve, se fez inoportunamente longo — acrescento que, da maneira como o livro evoluir contra ou a favor do seu verdadeiro destino, dependerá tantíssimas coisas, entre elas a dominancia da leitura - enriquecimento ou da leitura - deserção e, óbviamente, a posição do escritor em face de si próprio e da comunidade. Atentemos em que a literatura foi o resultado e não a causa do despertar das gentes para a apetência cultural, ainda que posteriormente se tenha verificado um simultaneo movimento inverso, e que, em certas ambiências sociais, se procura que o escritor não só mantenha um convívio directo com as populações como nelas se integre. Um escritor — sabe-se — pode construir uma obra em contradição com as tendências da maioria, mas essa contradição não impede (até o exige) que ele conheça essas tendências. A obra é o seu autor, de acordo (pode dizer-se isto de muitos modos), mas é sobretudo a sociedade no tempo em que ele a viveu através de uma óptica pessoal. O facto de quase todo o escritor sentir que há uma conspiração contra o que ele escreve, uma competência entre ele e o meio (leia-se, a este propósito, James Baldwin) não altera a ideia atrás enunciada. Antes a elucida, porque esse sentimento robustece no autor a fibra para suportar o desafio, indo mais ao fundo do porquê dessa discordancia com a sociedade e mais ao fundo, portanto, dessa mesma sociedade.

Como se fazem as «capacidades excepcionais»?

1. A «capacidade excepcional» é sobretudo resultado de condições sociais?

2. No caso de resposta afirmativa: que transformações lhe parecem aconselháveis para que as «capacidades excepcionais» se tornem a regra, ou seja, a grande maioria das crianças desenvolva nas melhores condições possíveis as suas capacidades?

DR. ABÍLIO MENDES, médico pediatra:

«DESPERTAR POTENCIALIDADES»

1.º — Sem dúvida. Desde o *habitat* até á melhoria das condições humanas.

2.º — Todas aquelas que visem os três lugares geométricos: Lar, Rua e Escola.

No Lar importa além dos ajustamentos físicos a uma moderna arquitectura social, integrar os Pais numa obra educativa programada no sentido do melhor desenvolvimento sensorial e racionalização alimentar.

Para já ensinar que, quando nada se sabe fazer por uma criança, melhor será ficar passiva. Que o seu desenvolvimento se faça livremente à mercê das suas potencialidades herdadas. Na Rua, dada a sua acção nefasta na formação infantil, esperamos uma mais ampla intervenção de arquitectos e urbanistas no delineamento de agregados sociais de maior inspiração democrática e pedagógica. Espaços oferecidos à criança para o seu desenvolvimento, livre das agressões psíquicas e físicas dos adultos, e para o queimar de horas de ócio, tão longas nos dias de hoje.

Na Escola, tornada verdadeiramente jardim, dirigida pr professores bem informados por uma pedagogia científica. Procurando despertar potencialidades e nunca modelar como infelizmente tantas vezes se ouve dizer em discursos solenes.

Deixemos um lugar á parte para a medicina à qual se deve, num País onde a acção do professorado tem muito de vocação individual, a elevação bem manifesta da capacidade mental da nossa infancia e juventude. A sua acção tem sido mais genérica e eficaz, no campo profiláctico como na educação sanitária. Ao desaparecimento das pestes sociais se deve a melhor frequência escolar, além duma mais sólida recuperação de saúde nos nossos tempos. A sua clara consciencialização, junto de pais e professores, de estados doentios responsáveis por um desvio da conduta do escolar ou simples prejuízo da sua atenção. Já para além dos rastreios dos seus órgãos sensoriais a melhoria da cura de estados alérgicos, responsáveis por excitabilidade, instabilidade, e indisciplina, falsamente incriminatórias do aluno.

A criança de hoje solicita uma educação e instrução mais objectiva e impõe-na. É certo que todos nos debruçamos sobre os seus problemas pois cremos num desenvolvimento das suas capacidades à custa da melhoria das condições sociais até ao dia em que inscrevermos em todas as salas de aula o paradigma: as crianças têm sempre razão.

GLÓRIA MARREIROS, educadora infantil:

«UM SER EM TRANSFORMAÇÃO»

1) — Penso que sim, considerando como sociais os factores de ordem genética e psicológica.

2) — Que a criança seja reconhecida como um ser em transformação e não como um adulto em miniatura.

Que na família, na escola e na sociedade o ambiente seja propício a essa transformação no sentido da plena evolução da personalidade.

Mas que não se crie um mundo estanque entre a vida da infância e a vida adulta, para que o adolescente não se «recuse» a entrar na vida.

Penso que um desfasamento entre os cuidados com a infância e a «dureza» da sociedade em geral, estará na base dos desajustamentos juvenis nas sociedades chamadas evoluídas (E. U. A., Suécia, etc.). Razão pela qual quanto a mim, uma transformação capaz de beneficiar profundamente a criança, permitindo-lhe o total desenvolvimento das suas capacidades pressupõe a transformação da sociedade onde ela nasce e para a qual nasce.

ELEUTÉRIO AGUIAR, orientador pedagógico, jornalista e deputado:

«DEMOCRATIZE-SE O ENSINO»

1. Discordo plenamente que se afirme que as «capacidades excepcionais» sejam sobretudo resultado de condições sociais. E não discordo de ânimo leve, antes alicerçado em experiências quotidianas, ganhas no exercício do magistério, inicialmente no ensino primário, mais tarde — e já lá vão alguns anos — como professor e responsável pedagógico por um estabelecimento de educação de deficientes da audição e da fala.

Estou absolutamente convencido de que a educação não faz milagres, isto é não consegue dar a um indivíduo aquilo que ele já não possua latente no seu espírito. Efectivamente, a educação mais não consegue do que aperfeiçoar o indivíduo, tornando possível o desenvolvimento das suas qualidades intrinsecamente inatas. Pretender o contrário é, além de mais, recuar um século no conhecimento humano, e voltar aos tempos do homúnculo, do pote vazio que se enchia a nosso belo prazer..

O homem é um produto de factores inatos e adquiridos. Onde uns acabam e outros começam é a fronteira, ou seja o limiar da própria educação. Esta pode aperfeiçoar os caracteres individuais, nunca ocasionar o aparecimento de novas tendências, ainda que adentro de um processo educativo se verifique algo de novo, susceptível de ser considerado consequência intrínseca da educação, mas que mais não é do que o despertar de caracteres adormecidos.

Se as «capacidades» fossem resultado de condições sociais, teríamos o exclusivo de valores entre as classes mais favorecidas e, num plano mais vasto, mesmo universal, seriam os países ricos os detentores das «sumidades» humanas... Ora isso não acontece. Tenho mesmo para mim, que o excesso de condições socias favoráveis é tão prejudicial quanto a sua inexistência.

Como professor, e não terá sido mera coincidência, vi sempre entre os meus alunos com melhor aproveitamento alguns que eram precisamente dos menos favorecidos pela fortuna. Posso até afirmar que os «melhores» aqueles que foram unânimemente considerados pelos próprios colegas como os de capacidade superior, situaram-se sempre (aqui pode ter havido realmente o «dedo do acaso», se este existe em educação...) exactamente entre os mais pobres. Onde estão os *colegas de ofício* que não sejam testemunhas de factos idênticos aos que aponto?!

Como se poderá negar a existência de condições inatas, quando numa mesma família surgem «capacidades» distintas? E isto é tão simples de comprovar, que não vejo necessidade de mais considerações para que fique claro o meu *não* ao contexto da pergunta.

Evidentemente que o homem é também «produto» do meio em que se desenvolve. Qual semente lançada á terra, ele desenvolver-se-á tanto mais harmónicamente quanto melhores forem as condições postas à sua disposição. A criança da cidade tem algo de diferente da criança do campo; o homem da montanha revela caracteres que só excepcionalmente se vislumbram no homem do litoral. O que acontece porém, é que as tendências inatas, em muito resultantes de fenómenos processados ao longo de gerações, podem ou não encontrar condições favoráveis ao seu total aproveitamento. Aí sim, começa a influência do meio, que vai desde o ventre materno até a morte É uma longa caminhada com ou sem bordão, dirigida ou não para o «norte»...

Importa, ainda, saber o alcance do conceito «capacidades excepcionais». Fala-se em crianças-prodígios ou simplesmente em crianças com possibilidades acima da média? A história da humanidade demonstra que o maior número de *prodígios* não nasceu necessáriamente em berços de renda. Quanto às crianças que revelam capacidade acima da média então ainda é mais fácil confirmar que as condições sociais não estão na base do seu aparecimento, mas tão-sómente do seu desenvolvimento. É vulgarissimo ouvir-se perguntar: «Até onde iria fulano (a), se lhe tivessem sido dispensadas as condições básicas essenciais ao seu total desenvolvimento?» Permitam-me insistência: muitas vezes, o conforto e as facilidades exageradas, em vez de provocarem e estimularem o desenvolvimento, acabam por contrariá-lo, na medida em que a actividade não se situe numa linha de esforço, de renuncia e de trabalho. E são exactamente os filhos dos pobres que triunfam em muitas empresas, porque impulsionados por constante desejo de valorização pessoal e não olham a sacrifícios, quando estes são exigidos pelo fim prosseguido!

2. Em conformidade com a resposta anterior, não acredito que as «capacidades excepcionais» possam tornar-se a regra a grande maioria. Concordo plenamente com os objectivos que possam estar na base do pedido feito pelo ministro da Educação aos professores primários (do qual tomei conhecimento através deste inquérito do «Diário de Lisboa»), pois há que tirar partido dos valores excepcionais que surgem nas nossas escolas, a exemplo do que sucede em todos os países. Posso mesmo recordar que, no recente período da campanha eleitoral com vista á X Legislatura da Assembleia Nacional, levantei esse problema, ao qual o

Cont. na pág. 10

Completamos hoje o inquérito sobre a definição de «capacidades excepcionais», termo utilizado pelo prof. Veiga Simão, actual ministro da Educação Nacional, com vista ao aproveitamento dos melhores alunos das escolas primárias, seja qual for a sua condição social. Evidentemente que, partindo, como partimos, da experiência psicopedagógica levada a cabo na Escola Comercial Ferreira Borges, o problema das condições sociais, limitativas ou não da afirmação plena das capacidades humanas dos nossos jovens, constitui o pólo de interesse maior dessa definição.

Entretanto, a importância da referida experiência, que provou de maneira clara a responsabilidade da situação sociofamiliar no mau aproveitamento dos alunos «difíceis», tem sido referida com insistência, tanto na Imprensa como, até, na Assembleia Nacional. O tema do ensino vem ocupando, na Câmara Legislativa, um lugar proeminente no conjunto dos problemas focados, agora que o ministro da Educação Nacional parece abrir perspectivas animadoras para este sector vital da vida do País. Reforma do ensino universitário (aliás, posta já em causa por deputados que perguntam, justificadamente: como pode fazer-se a reforma da cúpula sem reformar a base?), legislação para o futuro ensino médio politécnico, anúncio de estudos sobre a reforma do ensino primário e secundário, promessa de obrigatoriedade (e gratuitidade) do ensino até ao Curso Geral dos Liceus. Tudo isto se insere na «batalha fundamental da instrução» a que figuras proeminentes do Governo se têm referido. Só não nos lembramos de ter ouvido ou lido qualquer tomada de posição oficial no que respeita ao ensino infantil. Contudo, o mesmo vem sendo reclamado com insistência e fundamentação, como ponto de partida essencial, como necessidade sociofamiliar do nosso tempo, como fonte de libertação de trabalho e poder criador da população.

O tema é vasto, atraente, complexo e extremamente actual. Continuaremos.

As duas perguntas formuladas respondem-nos hoje três pessoas especialmente indicadas para o efeito: Glória Marreiros, educadora de infância; dr. Abílio Mendes, médico pediatra altamente conceituado, e Eleutério Aguiar, deputado à Assembleia Nacional pelo círculo do Funchal, um dos procuradores mais activos entre os que lutam pela promoção total da população através do ensino. A terminar, Maria Isabel de Faria e Mello Forjó, mãe de quatro filhos.

As «capacidades excepcionais»

Cont. da pág. 9

publico se mostrou particularmente sensível.

Em ordem ao aproveitamento das «capacidades excepcionais», pois que se garanta ás crianças que as «possuem» os indispensáveis meios para as desenvolverem, exercendo sobre elas uma atenção especial, mais ou menos a exemplo (embora noutra dimensão) do que fez o G. E. P. A. E. na Ferreira Borges, relativamente aos jovens de reduzido ou negativo rendimento escolar. Mas pense-se sobretudo nas «capacidades normais» pois é principalmente destas que o País necessita para ganhar a batalha do progresso e garantir um lugar dignificante no concerto das nações. Democratize-se o ensino, em bases *efectivamente democráticas*, começando-se pela valorização social das famílias portuguesas. Se o fizermos teremos, como corolário simples, o aproveitamento das nossas capacidades individuais, numa dimensão universalista, do nosso tempo...

Preocupa-me deveras o problema das «capacidades excepcionais», ainda que noutro sentido Que tem acontecido ás que, *apesar de tudo*, se têm revelado entre nós? Cada vez mais, os nossos valores são solicitados por bolsas de estudo estrangeiras, que aproveitam e muito bem. Simplesmente, quantos deles voltam para Portugal?! O «recrutamento de cérebros» é modalidade a que se entregam os países ricos, que sugam o que de mais valioso têm outros aparentando embora uma solidariedade humana comovente...

...Que tenhamos de suportar a chaga da emigração dos nossos trabalhadores já muito nos fere a sensibilidade «eminentemente portuguesa». Mas que se vá ao ponto de perder o nosso intelecto (permita-se a expressão) é mais do que confrangedor.

E, a concluir, eis-me a consolidar o que antes afirmei: se as «capacidades excepcionais» resultassem «sobretudo» de condições sociais favoráveis, não haveria crise de superabundância nas sociedades americanizadas que nos solicitam valores de espírito? E mais: não estaríamos a criar supercivilizações colectivas e despersonalizadas?

MARIA ISABEL FORJÓ, mãe de quatro filhos jovens:

«QUE A CRIANÇA SEJA MAIS PROTEGIDA»

Convém definir o que se entende por «capacidade excepcional».

Em meu entender será uma capacidade de nível muito superior á capacidade media dos indivíduos — neste caso crianças — dum dado meio.

Das crianças pertencentes a um meio determinado, em que se admite certa uniformidade de estruturas sociais, algumas revelam uma capacidade superior ás outras, num ou em vários domínios.

Dentro deste conceito, «a capacidade excepcional» é um fenómeno individual que não depende do meio em que se manifesta, embora seja aferida pela «capacidade média» que é função desse mesmo meio.

Actualmente, considera-se, e bem, que a educação se apresenta como um investimento realizado em proi do desenvolvimento humano, em paralelo com o que se poderia gastar na produção de uma mercadoria de importância vital.

E, quanto ao individuo excepcional?

Não representa nessa altura, a sua educação mais um valor cultural do que económico?

Não aproveitariam esses indivíduos mais do que outros, unicamente por serem mais inteligentes? Não seriam os outros prejudicados por se lhes prestar menor atenção?

Contudo, se em vez de se atentar apenas no indivíduo, se considerar este em grupos, o factor do «caso excepcional» torna-se práticamente nulo.

A meu ver, há certos princípios que não parecem de desejar, como, por exemplo, a ideia de que num país em desenvolvimento convém formar um escol, enquanto não for possível organizar o ensino de massa.

A economia pode exigir que a educação seja frequentemente fornecida àqueles que se destinam a ocupar altas posições técnicas ou directivas do país, enquanto no plano social mais conviria elevar o nível cultural da população onde as «capacidades médias» são a maioria. E o que interessa é saber se a evolução do complexo educacional se irá transformar de forma a garantir o máximo de êxito ou se virá a efectuar-se quase de improviso, oferecendo resultados nulos quando não desastrosos.

Condições económico-sociais:

Algumas investigações parecem sugerir que o aproveitamento dos indivíduos nas diversas fases da sua educação são determinadas pelo ambiente em que decorre a primeira infancia.

Acontece que certas dificuldades graves surgem em crianças pretencentes a meios sociais menos desafogados. Também se verifica nas camadas mais prósperas a existência de crianças inferiorizadas por terem menos assistência.

A mãe pode encontrar-se inbida pelos seus problemas económicos e pelo excesso de trabalho, ou ainda por uma educação deficiente que a impedirá de compreender as vantagens das medidas para uma educação próspera.

A atitude da criança de meio pobre e com pais iletrados deparará com dificuldades na escola primária e sentir-se-á feli zao abandoná-la

Tendo em conta estes factores de primordial importancia, proponho que a criança seja mais protegida desde a sua mais tenra idade, não só pela sociedade mas também pelo Governo.

Para tal impõem-se certas medidas: Fomento de habitação social para que para ai transitem crianças que actualmente vivem em barracas e partes de casa.

Protecção à saúde, mediante um programa de educação sanitária apoiado em médicos-pediatras e medicamentos gratuitos.

Educação alimentar:

Tomando por base uma educação de alimentação racional para que a criança se habitue e aprenda a comer em qualidade e não em quantidade, lembrando que garantir uma alimentação devidamente equilibrada representa sempre um compensador investimento de capital de largos dividendos presentes e futuros.

Acesso de todas as crianças desde a mais tenra idade a uma educação inspirada em métodos pedagógicos e sociais imprescindíveis á sua valorização integral.

Fomentando o seu gosto estético, desenvolvendo a sua harmonia física e o seu espírito de entre-ajuda.

Finalmente, sem o auxílio salutar de iniciativas de toda a sociedade apoiadas pelo Governo e sem professores devidamente preparados e remunerados, todo o sistema de educação se arrisca a desabar. Para o evitar, impõe-se uma remodelação total, tanto das estruturas como das mentalidades para que as capacidades médias se equiparem num futuro próximo, á actual definição de «capacidade excepcional».

Expansão

O Banco Mundial, por intermédio da Associação Internacional de Desenvolvimento (I. D. A.), apoiou o programa de Mahavali Ganga para a expansão da agricultura e da produção de energia eléctrica no Ceilão, com 29 milhões de dólares. Este programa prevê o desenvolvimento progressivo da irrigação de 360 000 hectares e a instalação de uma central com a capacidade de energia eléctrica de 900 000 megavátios.

Boeing 747 — aparecimento prematuro?

Suspeitamos de que o Boeing 747 apareça em cena três ou quatro anos antes do tempo. É um magnífico avião que representa, sob o ponto de vista de conforto um salto em frente tão importante como o que se verificou quando os jactos mais pequenos entraram em serviço Mas o conforto dos passageiros não é tudo, se os aeroportos e as linhas aéreas não estiverem realmente prontos.

O secretário de Estado americano para os transportes tem esperança de que o Boeing 747 será uma maneira de «inspirar soluções para a congestão das rotas aéreas e dos aeroportos». Embora a palavra *obrigar* estivesse mais certa que *inspirar*, a verdade é que não se vê muito bem como hão-de agir os aeroportos para receber os 300 passageiros e as 500 peças de bagagem que descerão do avião. Os técnicos dizem que, a não ser o aeroporto de Orly em Paris, nenhum dos grandes aeroportos mundiais está preparado para isto, apesar dos esforços quase frenéticos dos administradores dos aeroportos e linhas aéreas. Os aeroportos, onde não há controladores de tráfego e equipamento necessários para garantir os padrões necessários de segurança, sofreram de vistas curtas e de uma política de transportes que, por muito tempo, favoreceu esmagadoramente o automóvel.

As linhas aéreas naturalmente não sofreram de curteza de vistas. O problema é justamente o inverso. O 747, com a sua imensa capacidade de baixo custo de exploração por passageiro, quando cheio, será uma benesse económica para companhias que o conseguirem encher E esse dia virá, a não ser que se verifique na década de 70 um retrocesso em relação aos anos 60, durante os quais a ânsia de viajar se instalou em todos os corações...

Mas esse dia só chegará lá para 1973. Até lá, os que fazem a travessia marítima do Atlântico e do Pacífico, poderão esperar aviões menos apinhados ou voos menos frequentes ou ambas as coisas, a não ser nas épocas mais críticas do turismo. Será mais divertido para os passageiros, mas os accionistas e administradores não lhe acharão tanta piada...

Seja como for, os 747 cá estão e a Panamerican lá terá as suas razões para os ter estreado. Para já, estes aviões demonstram que o transporte aéreo é capaz de levar com todo o conforto e em tempo mínimo centenas de pessoas a locais situados a enormes distâncias. Depois disto o que é necessário é encontrar os meios de transportar todas essas pessoas sem poluir a atmosfera e sem encher o chão com faixas de cimento.

polémica

O cinema amador

A SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA RESPONDE A ERNESTO GIL DE OLIVEIRA

Uma expressiva imagem do filme «Uma Batida às Raposas», de Júlio Bernardo

Ao elaborarmos o trabalho sobre «Cinema amador», publicado na «Mesa-Redonda» de 2 de Janeiro, fizemo-lo com intuitos polémicos. Não para estabelecer polémica pela polémica, mas porque sabíamos ir contra a visão de tal cinema por parte da maioria dos seus cultores e contra as suas formas de divulgação e propaganda.

Não estranhámos nada, portanto, que aparecesse uma pessoa, no caso Ernesto Gil de Oliveira, contrapondo as suas opiniões ás nossas, opiniões que coincidem integralmente com uma visão de dentro da engrenagem, de quem realmente se sente chocado por se ter expresso uma opinião independente e *pensada*.

Dinamizar as «boas consciências»

Não foi de ânimo leve que analisámos os caminhos e as perspectivas que o cinema amador tem assumido, tentando interpretar criticamente o seu peso e validade cultural numa sociedade como a nossa, procurando dinamizar as «boas consciências» que possam existir nele e, ao mesmo tempo, pretendendo indicar *alguns* caminhos que, a nosso ver, perspectivassem o cinema amador no conjunto dos problemas dum cinema nacional. As observações de Ernesto Gil de Oliveira (que tem o cuidado de invocar a sua qualidade de director da secção de cinema de amadores do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação) demonstram precisamente o desassossego que pela primeira vez terá sentido sobre a importância cultural do cinema amador português. Todavia, a sua autoclassificação de «burguês tranquilo» terá de fornecer-lhe uma visão do mundo oposto à nossa, já que, necessàriamente, estamos contra a tranquilidade no sentido da estratificação e do conservadorismo. Vamos, no entanto, abordar os aspectos mais importantes das suas divergências, aproveitando a circunstância de nos termos visto sentados na mesma mesa-redonda.

Conceito de socialização

1. Se não nos sentimos espantados com a inocente (?) suposição de E. G. O de que *socialização* é «o estudo da vida social» não queremos perder a oportunidade de reafirmar o que entendemos por essa expressão. Entendemos por *socialização do cinema amador:* 1) a maneira de o tornar *realmente* um veículo de esclarecimento do povo, face aos seus problemas, não só falando dele mas educando-o no sentido da compreensão da possibilidade e da necessidade de modificar a realidade; isto só pode conseguir-se 2) levando o cinema junto de amplas camadas, «referimo-nos sobretudo, aos meios rurais, mas também ás pequenas vilas e cidades onde está por chegar um cinema que humanize conscienciali-zando, que distraia humaniazndo». Esta a nossa opinião. Eis, porém, a de Ernesto Gil de Oliveira: «Se por algum lado se deve começar por conseguir introduzir o cinema amador no gosto da população, parece-me que será a família o melhor começo, pelas perspectivas que oferece de melhor poder fazer uma propaganda efectiva junto das restantes camadas de assistentes em potência».

A vaidade dos Festivais

2. Esforça-se o senhor E. G. O. por «demonstrar o cuidado com que foi encarada, desde 1969, a constituição dos juris «dos festivais», indicando o nome de algumas individualidades como «elementos de reconhecidos méritos cultural e artístico e condições de apreciação cinematográfica». Embora nos mereçam respeito os nomes citados não vemos, infelizmente, em que aspecto a sua inclusão em dois juris possa alterar aquilo que afirmámos em relação á constituição dos juris dos festivais, pois continuamos a pensar que «salvo algumas excepções, a sua formação obedece a critérios que não têm em conta, exclusivamente, a valoração artística dos filmes apresentados». Tal como se têm organizado e com uma profusão inaudita, os festivais têm apenas servido a vaidadezinha dos cineastas amadores. É com vista aos festivais (e aos prémios) que a maior parte produz os seus filmes, sendo de referir aqui as palavras insuspeitas de F. Gonçalves Lavrador, escritas como comentário ao festival de Aveiro de 1967: «O júri da classificação chegou até ao ponto de recomendar às entidades responsáveis pela regulamntação de festivais deste género, a necessidade de se impedir a reiterada das mesmas películas em muitos festivais durante anos sucessivos, pois tal facto contribui poderosamente para o não desenvolvimento do cine-amadorismo ,opondo sérios obstáculos a todo o espírito de renovação, ao aparecimento de experiências e tentativas originais, causando, por fim e em última análise uma indesejável estagnação artística (1).

Mantemos o que foi dito na entrega dos prémios do Festival da Federação (em formação) de 1969, que «os temas do cinema amador não se podem desenvolver no cinema comercial». E se do relatório do juri não consta essa afirmação (com o que nos congratulamos), então ela ficar-se-á devendo ao preâmbulo que imediatamente antecedeu a leitura do referido relatório e da responsabilidade do seu leitor. Uma coisa é certa: tal afirmação foi proferida no palco do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N., em voz alta e clara por pessoa responsável, em situação que provàvelmente, isso

Outro plano de «Uma Batida às Raposas»

sim, nos induziu em erro, atribuindo-a ao próprio relatório.

Familiar e restritivo

3. Fala-nos o sr. E. G. O. de algumas sessões realizadas por agrupamentos de amadores para daí retirar o carácter não familiar do cinema amador. Ora nós julgamos que tais sessões (que, evidentemente, não ignorávamos) em nada modificam uma realidade objectiva que é o carácter familiar e restritivo do cinema amador português. Isto porque não assentam em qualquer programa sólido de divulgação cinematográfica e cultural (veja-se o que se diz acima sobre este assunto) e ficam a dever-se a actos isolados de propaganda (ainda limitada) dirigida a pessoas que não fazem cinema, mas não visando, precisamente por não existir esse programa, uma educação crítica generalizada. O que se passa é que se mostram os filmes a umas escassas dezenas de pessoas (é a esta «boa assistência» que se refere E. G. O.) sem qualquer interesse pelos problemas do cinema português ou, no melhor dos casos, que pensam o cinema amador como uma artezinha de pantufas, como um passatempo para quem o faz. A ausência de uma qualquer perspectiva cultural mantém-se, embora o sr. E. G. O. pense que por se fazerem algumas sessões para um público mais largo que de costume já se está a realizar uma obra meritória de divulgação e educação cinematográficas.

Cumpre ainda assinalar duas incompreensões do sr. E. G. O., a primeira por não ter compreendido nada do que escrevemos (se isso tivesse acontecido teria visto que nós não atribuímos grande importância cultural aos núcleos de amadores, por não se enquadrarem num movimento por um cinema português actuante; a segunda, por também não se ter dado conta, inadvertidamente, de que quando nos referimos á «efectivação de um maior número de sessões fora da sede» tratávamos de um dos possíveis aspectos de um programa de actividade dos cineclubes, única estrutura actualmente existente que, embora com as conhecidas limitações, visa a dignificação do cinema e uma educação aberta a círculos cada vez mais amplos. Não nos referíamos, pois, límpidamente, ás sessões fora das sedes dos clubes amadores. É um deslize extremamente significativo dos preconceitos com que o sr. Ernesto Gil de Oliveira veio á boca de cena e que evidencia as limitações de que, infelizmente, padecem as suas «divergências».

Um cinema de raiz portuguesa

4. Ao finalizarmos esta nota, que não teve outros intuitos senão os de pretender esclarecer certos problemas e clarificar algumas ideias em torno do cinema realizado por amadores, desejamos deixar bem claro que nenhum dos componentes desta secção é amigo pessoal de qualquer dos cineastas amadores e, se alguns valores defendemos, foi com o imprescindível conhecimento de causa.

Acerca dos dois primeiros filmes de António Campos, «O Tesouro», que obteve em 1955 o «Trophée de l'Espoir» no Festival de Carcassone, entre 193 películas representando 42 países e «O Senhor» filme que obteve o «Diploma de Honra» no mesmo festival em 1959 e o 1.º prémio na categoria «enredo» no Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1960, cite-se a afirmação insuspeita que Manuel de Oliveira pronunciou na altura: «Aqui estão dois filmes-tipo, que apontam caminho apropriado á criação de um cinema de raiz portuguesa. Um pé na ficção e na ideia poética de dois contos escolhidos na nossa literatura, outro na realidade do meio ambiente que escolheu para fazer decorrer as histórias (...) António Campos oferece dois sóbrios e genuínos exemplos. «Aponte-se também, já que vem a talhe de foice, que o filme «Almadraba Atuneira», que tanto interesse nos mereceu, tem uma cópia no Museu do Homem em Paris.

Em relação á «injustiça flagrante» cometida no nosso trabalho pela não citação de nomes de autores dos «mais representativos» no nosso cinema amador, veja-se que dos nomes referidos por E. G. O., só omitimos o de Vasco Pinto Leite de quem só conhecemos, infelizmente, o filme «A corrente» que reputamos sem interesse, pese o prémio que lhe foi atribuido no último Concurso Nacional de Filmes de Amadores.

A propósito de genialidade

Para terminar algumas palavras, também insuspeitas, de F. G. Lavrador, sobre a obra de Vasco Branco: «...na obra cinematográfica de Vasco Branco há um caminho válido, merecedor dos maiores elogios e de estímulos especiais. Este caminho é o da animação, da fantasia e do cinema não figurativo, pois o nível artístico dos seus filmes neste campo encontra-se a uma distância considerável do plano em que se situam as suas obras de enredo. Nestas, as deficiências e obscuridades narrativas, o artificialismo de algumas situações, a falta de uma integração perfeita da forma e do conteúdo e uma interpretação dramática eficaz não deixam que o autor atinja a altura mínima desejável». (2)

5. Ernesto Gil de Oliveira termina dizendo que «a genialidade há-de ser sempre privilégio de uns poucos». Lambramos-lhe o que a propósito disse um grande filósofo do nosso século: não há génios, há homens inteligentes que cometem pequenos erros, poucos, mas que os sabem corrigir a tempo...

6. De tudo o que acima foi afirmado e não pretendendo, de maneira nenhuma, menosprezar nem autores válidos, que sabemos existirem (mesmo antes de ter lido a longa citação dos premiados autores portugueses, posta á nossa disposição por E. G. O.), nem algum trabalho válido que se possa ter feito, *pode concluir-se*, sem querermos impor qualquer espécie de dirigismo, que lutamos por uma definição de cinema que tenha sempre por objectivo o homem, considerado na sua totalidade.

---

(1) e *(2)* — Revista *Vértice*, Coimbra, Dezembro de 1967. Aliás, é com muito prazer que recomendamos a leitura de todo o artigo de F. Gonçalves Lavrador.

* Os subtítulos são da Redacção.

Excitação e violência colectivas

O que se passou há doze dias no campo do Benfica é um caso típico de excitação colectiva conducente a agressões de violência extrema. O árbitro do jogo provocara o descontentamento de uma grande massa de assistentes (dezenas de milhar). E dessa massa, algumas centenas se destacaram, saltando para o relvado, predispostos a «fazer justiça por suas mãos», no intuito evidente de praticarem um acto punitivo. Testemunhas oculares afirmam que o juiz de campo (alvo dos «justiceiros») se não conseguisse fugir a tempo, poderia ter sido linchado.

Perturbador é o facto de, no mesmo dia e por motivos idênticos, ter ocorrido incidente semelhante em Leiria. A análise das causas — próximas e remotas — destes incidentes não é tão fácil como parece. Não há elementos estatísticos suficientes, pelo menos por enquanto, que permitam estabelecer com rigor os dados essenciais sobre os indivíduos que participaram activamente nos incidentes: idade, estrato social, preparação cultural, profissão, etc. Pelas fotografias obtidas pode apenas saber-se que se trata, na generalidade, de gente nova.

De modo que tudo que se diga terá forçosamente de partir de constantes gerais, estabelecidas pelos especialistas para tais casos. Por isso julgamos do maior interesse incluir aqui algumas páginas da autoria de Jean Stoetzel (1), autoridade indiscutível em problemas de psicologia colectiva. Estas páginas, extraídas do capítulo em que o autor estuda o fenómeno das violências colectivas e dos linchamentos, parece-nos ser da maior oportunidade, para auxiliar á compreensão dos fenómenos em que podem entroncar-se os incidentes ultimamente ocorridos nos campos de futebol. Claro que Stoetzel se refere ás características típicas do linchamento própriamente dito.

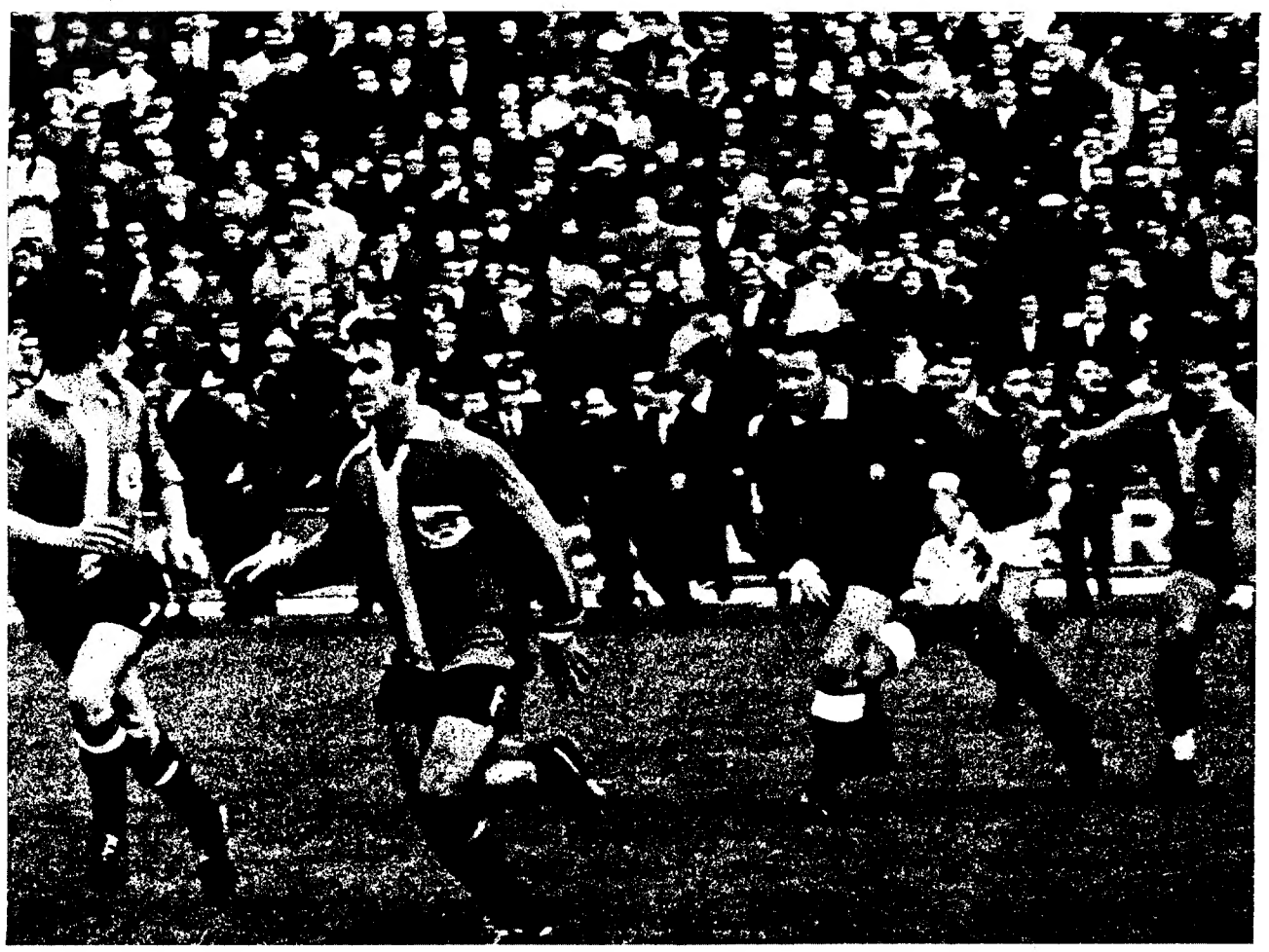
O LINCHAMENTO NOS E. U. A.

(...) Consideremos os estudos sobre essas violências colectivas, a que se chama linchamentos, tais como foram apresentados, há já uns vinte anos, por Cantril ou Miller e Dollard. Indicaremos três exemplos, colhidos nestes autores. O primeiro, o *linchamento de Edgecombe County*, é um linchamento «em boa ordem»: uma garota de sete anos, filha de plantadores de tabaco, volta um dia para casa muito chorosa, porque um criado negro, Oliver Moore, a magoou, quando estava a brincar com ela na granja. Os pais concluem que ele quis abusar da miúda. Moore desaparece. É encontrado daí a um mês. Capturam-no e metem-no na prisão. No dia seguinte, uma multidão em ordem obriga a abrir a prisão e leva o prisioneiro. Mais tarde, Oliver será encontrado enforcado na granja e com o corpo crivado de balas.

No *Leville*, trata-se de um caso de origens obscuras, que tomou proporções gigantescas. Um jornaleiro negro, vindo, na ausência do ex-patrão, talvez para reclamar uma soma de seis dólares, saldo do seu salário, ou, talvez, por ser amante da mulher do fazendeiro, é surpreendido com esta, pela filha do casal, e, na manhã seguinte, comparece perante o tribunal. A multidão, apinhada em frente do tribunal, reclama o negro, protegido por quatro guardas. Como medida de segurança, o detido é encerrado na casa-forte do tribunal. A multidão deita fogo ao edifício, faz saltar a casa-forte com dinamite, apodera-se do cadáver e começam então as verdadeiras violências. A multidão lança-se sobre o bairro negro, entra nas casas, deita mão aos móveis para fazer uma fogueira e queimar o cadáver, depois pilha as lojas, os escritórios, as casas, incendeia, expulsa os negros da cidade. Impede-se a intervenção dos bombeiros. Só a força armada pôs termo á perturbação da ordem, que continuou a ameaçar a cidade, ainda durante vários dias. É proclamada a lei marcial.

O linchamento de Belfast, finalmente, combina os dois géneros de atrocidades: numa primeira fase, uma multidão de uma centena de homens vem arrancar o inculpado negro á prisão, recondu-lo ao local do crime, mutila-o, tortura-o, pendura-o, despendura-o, mata-o e entrega o cadáver a outra multidão, que espera. Esta bate-lhe com os pés, esmaga-o sob as rodas dos carros, espeta-lhe paus ponteagudos no corpo, arrasta-o atrás de um carro, até á capital do condado, pendura-o a uma árvore, e vai-se deitar. Mas, no dia seguinte, dia de mercado, a multidão reúne-se, de novo, um branco bate num negro, que tenta defender-se e foge; então, atacam-se homens, mulheres e crianças de cor, expulsando-os da cidade e batendo-lhes. Também neste caso, só a força armada conseguiu dispersar os manifestantes.

O que nos choca primeiro, depois de refeitos do horror causado por estas descrições (que nós atenuámos muito) é o carácter regular, convencional, quase ritual, das violências. Ainda mais, distinguem-se fàcilmente dois tipos de linchamento, um, ordenado, «bourboniano», como dizem os especialistas, e que é um linchamento feito por gente rica, que se limita ao «castigo do culpado»; o outro, desordenado, difuso, desferindo os seus ataques ao acaso, que é obra dos pobres. O linchamento é uma instituição, e, como tal, tem uma história, muda de carácter, varia de intensidade. Existe toda uma literatura sociológica e histórica sobre o linchamento. Mas poderia demonstrar-se que o mesmo acontece exactamente com todos os tipos de movimentos sociais e de violências colectivas, greves, perturbações da ordem, manifestações diversas. Há que renunciar á ideia de que as violências das multidões são comportamentos improvisados e espontâneos. A conduta afectiva individual tem os seus modelos em cada cultura, é instituída; a conduta afectiva colectiva, também.



A análise sociológica poderia ser levada mais longe ainda. As localidades onde se produzem os linchamentos são das mais pobres, os anos mais férteis em linchamentos são aqueles em que o preço do algodão é o mais baixo. Estas correlações com factos económicos devem ser interpretadas segundo uma perspectiva de psicologia social. Os linchamentos tendem a produzir-se onde e quando o estatuto dos «pobres brancos» desce de nível. O estatuto é um problema de posição não absoluta, mas relativa. Um princípio social essencial no Sul dos E. U. A. é o de que os negros estão no mais baixo escalão da hierarquia social: aí devem continuar. Ora, há, sobretudo, uma barreira que não deve ser saltada: é a barreira sexual: porque, se os negros têm relações com as mulheres brancas, acederão ao estatuto dos brancos, penetrando nas suas famílias. A proibição sexual não é, portanto, nem moral, nem racial: é social. E o linchamento dos negros por crime sexual deve ser entendido, em derradeira análise, como destinado a manter o estatuto superior dos brancos, sobretudo quando este está ameaçado. Generalizando a explicação, se cada tipo de violências colectivas se presta a uma teoria funcionalista, mostrar-se-á como é insuficiente e inexacta a invocação do sadismo instintivo das multidões.

As violências colectivas são instituídas, e não espontâneas; têm um sentido e uma função sociológicos e não resultam de certos impulsos do instinto. Uma terceira característica deve ser assinalada: no seio das multidões, os diversos papéis não são exercidos por quaisquer pessoas ao acaso. A unanimidade afirmada por Le Bon é uma ilusão. É certo que a influência das situações de multidão sobre os indivíduos é um facto subjectivamente constatável. Miller e Dollard dizem: «Um dos autores, presente num linchamento, chegou, mesmo, a sentir que o seu interesse, que a sua tendência a deixar-se ir com a multidão, ao menos para ver, começavam a crescer dentro de si de uma maneira mórbida. Sem essa esperiência pessoal, teria jurado que só poderia sentir um horror indizível perante um tal espectáculo».

Objectivamente em compensação de todas as vezes que um inquérito pôde trazer um pouco de luz ás situações de multidões, constataram-se grandes diferenciações nas atitudes e nos comportamentos, associados a situações sociais determinadas. Em Leville, por exemplo, o inquérito mostrou que deviam distinguir-se três grupos: 1) os que não estavam de acordo com os linchadores, mas nada fizeram para se opor a eles: tratava-se, em geral, do grupo económico superior; 2) os que não participaram, quer os indiferentes, quer os favoráveis; estes indivíduos pertenciam, sobretudo, á classe média; 3) os que tiveram um papel activo.

Cinquenta e oito indivíduos pertencentes ao último grupo, que foram identificados, repartem-se da seguinte maneira:

Desempregados	19
Serventes de pedreiro	13
Cultivadores	8
Operários qualificados	8
Comerciantes	4
Empregados	3
Diversos	3

O cabecilha, Lauk Smith, era um iletrado de quarenta anos, alcoólico, sem profissão certa, que vivia dos ganhos auferidos pela mulher, como lavadeira. Este terceiro grupo era visivelmente constituído por indivíduos econòmicamente desfavorecidos. (...)

(1) «La Psychologie Sociale», Flammarion.

A análise sociológica poderia ser levada mais longe ainda. As localidades onde se produzem os linchamentos são das mais pobre, os anos mais férteis em linchamentos são aqueles em que o preço do algodão é o mais baixo. Estas correlações com factos económicos devem ser interpretadas segundo uma perspectiva

vocação do sadismo instintivo das multidões.

As violências colectivas são instituídas, e não espontâneas; têm um sentido e uma função sociológicos e não resultam de certos impulsos do instinto. Uma terceira característica deve ser assinalada: no seio das multidões, os diversos papéis não são exercidos

Ao comentar os acontecimentos da Luz, dizia o «Comércio do Funchal» no seu último numero: «Se, num subito, milhares de espectadores invadem um terreno de jogo e se dirigem num propósito instintivo de agressão colectiva sobre um só homem — não será isso tremendamente revelador? Não será isso a indicação mais evidente da verdadeira psicose que o espectáculo futebolístico canalizou? Não será isso a prova mais cabal de que o futebol — e o clubismo — passou a ocupar um lugar determinante na vida de tantas pessoas, tornando-as até capazes de gestos quase extremos? Ora, factos como este não são meros e imprevistveis acidentes, mas, pelo contrário, consequência lógica de todo um conjunto de factores que, a partir das estruturas sociais e desportivas e através dos meios de informação ditos «de desporto» (na realidade apenas ao serviço do espectáculo futebolístico e seus bastidores) fundamentam a alienação — agressão que exercida sobre largas massas de público as vai tornar, por sua vez, potencialmente agressivas.»

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 6 DE FEVEREIRO DE 1970 — N.º 31